



FACONNECT/ A CASA TOMBADA

Ana Paula Carneiro

AS CONTADORAS DE HISTÓRIA DO PONTAL DO PARANAPANEMA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação
Lato Sensu **NARRAÇÃO ARTÍSTICA:
CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM
CONTEXTO URBANO** apresentado como parte
dos requisitos necessários à obtenção do título de
especialista em **NARRAÇÃO ARTÍSTICA**.

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Tierno e Prof^a. Ms.
Leticia Liesenfeld Erdtmann
Co-orientação: Prof^a. Simone Grande e Prof^a. Yohana
Ciotti.

**São Paulo/SP
2023**

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC), da pós-graduação em Narração artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano, promovido pela A Casa Tombada/FACON - Turma 16, realiza um levantamento das contadoras de histórias da região do Pontal do Paranapanema (SP) e o seu perfil. Como metodologia, utilizamos a entrevista narrativa como técnica da pesquisa qualitativa e sua análise a partir da técnica descrita por Schütze, que aborda as nuances do passado do entrevistado definindo padrões das práticas. Assim, definir quais são as características dessas narradoras. Acreditamos ser o narrador/contador uma ponte entre a história ouvida, a história contada e a história vivida pelos ouvintes.

Palavras chaves: Contadora de história. Performance. Narração.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Técnicas para contar histórias.....	15
Quadro 2: Quadro organizativo: antes, durante e depois da narrativa.....	29
Quadro 3: Levantamento dos dados com as secretarias e departamentos de cultura das cidades do Pontal do Paranapanema (SP).....	33
Quadro 4: Fases principais da entrevista narrativa.....	40
Quadro 5: Entrevista narrativa - informações técnicas.....	40

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Gráfico organizador: Esqueleto do Conto.....	28
Gráfico 2: Etapas da Narração.....	28
Figura 1: Mapa da Região A (RA) Presidente Prudente.....	30
Figura 2: Mapa do Pontal do Paranapanema (SP).....	31
Imagem 1: Capa do livro contado por Bia: E o dente ainda doía, de autoria de Ana Terra, Editora DCL, 2013.....	54
Imagem 2: Capa do livro contado por Cida Santos: A colcha de retalhos, de Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro, Editora do Brasil, 2010.....	67
Imagem 3: Capa do livro contado por Cida Santos: Chapeuzinho de Couro, de autoria de Agostinho Ornellas, Editora Cortez, 2018.....	69

Sumário

1 Ensaio de si, para si e para o nós: o meu lugar de fala	6
2 O Mito de Origem	10
3 O caminho da pesquisa	11
4 A contação de histórias	13
4.1 O ritual das histórias	17
4.2 O cuidar da história.....	19
4.3 A performance da voz e do corpo.....	22
4.4 As potencialidades de uma história	24
4.5 Como contar as histórias?.....	26
5 Interior profundo	30
5.1 O Pontal do Paranapanema: contextualizando a territorialidade.....	30
5.2 As contadoras do Pontal do Paranapanema.....	32
6 A escuta narrativa	37
7 Existir e resistir: A construção de sentidos da contação de história no Pontal do Paranapanema.....	42
8 As histórias narradas no Pontal: contos que elas contam	54
O papagaio real.....	54
O Rouxinol - Hans Christian Andersen.....	56
O patinho feio - Hans Christian Andersen.....	61
Chapeuzinho Vermelho - versão de Charles Perrault, de 1967.....	67
O caso do espelho - Ricardo Azevedo.....	69
João e o pé de feijão - Joseph Jacobs.....	70
Pavão Misterioso - cordel de José Camelo de Melo.....	74
Bismar - Versão contada por Cida Santos durante a entrevista que a ouviu de seu avô	85
9 Considerações Finais: Um novo olhar para a palavra	86
10 Referências	88
11 APÊNDICES	91
Apêndice A – Fotos da Contadora Beatriz	91
Apêndice B – Fotos da Contadora Ivonete.....	95
Apêndice C – Fotos da Contadora Cida Santos.....	101
Apêndice D - Transcrições das Entrevistas Narrativas	105
Beatriz Alves de Moura.....	105
Ivonete	109
Cida Santos.....	118

1 Ensaio de si, para si e para o nós: o meu lugar de fala

*“Que mantenhamos, ao menos, a mínima dignidade de escrever sem mentir e sem mentir para nós, de pensar sem mentir e sem mentir para nós, de viver sem mentir e sem mentir para nós”
(Larrosa, 2004).*

Parto do princípio de quem sou eu, do que busco em minhas pesquisas de vida e para a vida, muito mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - sigla essa que reduz as potencialidades das angústias e anseios daqueles que o escreve - tens em mãos um ensaio, não um ensaio qualquer, mas um ensaio de vida e para a vida, meus desejos, minhas inquietações, minhas motivações. Então um TCC, pode ser algo benéfico, em que exponho meus pensamentos em forma de ensaio ou ele pode simplesmente ser algo maléfico, uma obrigação, pode acabar com sonhos, mas eu escolho o caminho da reflexão, da paixão, pois sem paixão não somos nada!

De acordo com Larrosa (2004),

o ensaio surge quando se abre a possibilidade de uma nova experiência do presente. Primeiro, quando o passado perdeu toda a autoridade e, portanto, volta a ser lido a partir do presente, mas sem nenhuma reverência, sem nenhuma submissão. Segundo, quando o futuro aparece como algo tão incerto, tão desconhecido, que é impossível se projetar nele. Terceiro, quando o próprio presente aparece como um tempo arbitrário, como um tempo que não foi escolhido, como um tempo que só pode ser tomado como uma morada contingente e provisória, na qual sempre nos sentiremos estranhos; como um tempo que escorre constantemente das nossas mãos, resistindo a qualquer uma das nossas tentativas de fixá-lo, de solidificá-lo, de traçar a sua forma e o seu perfil (p. 33).

Dessa forma, em consonância com Larrosa (2004) volto aos meus motivos iniciais que me levaram a buscar uma pós-graduação em narração artística para dizer: _ Sou Ana Paula Carneiro, a Nana, contadora e narradora de histórias, pesquisadora na área de literatura infantil, professora, mediadora de leitura, mulher! Sou essa pessoa que acredita na transformação e na mudança das pessoas por meio das histórias ouvidas e das experiências mediadas pelos livros. Sou mãe e as histórias sempre estiveram presentes em minhas gestações, nas noites embaladas deitada na cama das crianças que hoje escolhem suas próprias histórias. Sou pessoa apaixonada pelo circo, teatro, música, cinema e pela dança, artes essas que amenizam o sofrimento da cruel realidade que é viver em dias cinzentos. A arte é a luz e o respiro da vida!

Há tantas perguntas sem respostas... Muito provavelmente não as responderei ao final desse ensaio, mas com certeza me levarão a lugares que talvez nunca tivesse pensado que chegaria. Assim,

o ensaio é o gênero da crítica, é porque é o gênero da crise, da crise de uma certa forma de pensar, de falar, de viver. A experiência do presente faz desse mesmo presente um momento crítico, de transição, de mutação. E é nessa mutação que o ensaísta se quer inserir. O ensaio é a escrita de um tempo inseguro e problemático. (LARROSA, 2004, p. 38).

Essa crise, exposta por Larrosa (2004), me faz pensar em meu percurso, em como permeio meu processo artístico, como faço e elaboro esse processo criativo e meu desejo de pesquisa. Algumas pessoas nascem artistas e outras precisam de estímulos para aperfeiçoar suas tendências naturais. E é isso que tenho feito nos últimos anos, buscar técnicas e exercícios para me tornar especialista da palavra, do corpo, da voz e da performance por meio da narração artística.

Pensar na figura do narrador hoje é refletir sobre as pontes que são construídas entre as pessoas, sem desconsiderar as pedras e os obstáculos que fazem parte do caminhar. Portanto, “o ensaio é uma escrita no presente ou, melhor dizendo, uma escrita que estabelece uma certa relação com o presente. Há uma vinculação bem estreita entre o ensaio e a atualidade” (LARROSA, 2004, p. 33).

A troca com o outro não é fácil e nem é passiva, ela é repleta de movimentos e ressignificações. A cultura do outro me atravessa e a minha cultura atravessa o outro. No final da jornada da narrativa, já não sei mais se a história é minha ou do outro, pois são duas histórias que formam uma outra coisa que não é mais a história que contei. Desta forma o “ensaio, então, não é mais a expressão de um sujeito, mas o lugar no qual a subjetividade ensaia a si mesma, experimenta a si mesma, em relação à sua própria exterioridade, àquilo que lhe é estranho”. (LARROSA, 2004, p. 37).

Nesse sentido, cada narração é única, porque cada público é único. De acordo com Matos (2014, p. 81) “o conto é a arte da palavra que expressa na relação com o outro”. Mesmo que eu conte inúmeras vezes o mesmo conto, ele é sempre novo, ele é sempre reinventado e atravessado pelas novas concepções e ideias remodelados por meio dos gestos, da performance e da voz, que será sempre nova, pois o outro já não é mais o mesmo, mesmo que eu conte para o mesmo grupo de pessoas a mesma história várias vezes, em cada uma, ela será única, mesmo que o enredo permaneça o mesmo, o contexto já não o é, porque “nada está pronto, e um conto nunca é reproduzido duas vezes da mesma maneira” (MATOS, 2014, p. 81).

É necessária uma força maior, que vem de dentro e me conecta com a história, é preciso estar atento ao que a história lhe clamará, pois o conto nos escolhe. Conte com o

coração, conte aquilo que lhe faz bem, que expressa o que sente: sua raiva, sua angústia, sua tristeza, sua fortaleza, seu amor, seu pavor, suas alegrias e esperanças, mas conte aquilo que goste, pois assim, as histórias chegam aos ouvidos e aos corações do outro, porque elas (as histórias) a partir do momento que saem das bocas, já não nos pertencem mais.

Nesse sentido, buscar uma rede de narradores no Pontal do Paranapanema (SP), que dialoguem com minhas experiências artísticas, me motiva a seguir por esse caminho de parcerias e redemoinhos. A territorialidade e o lugar de pertencimento que faço parte, em uma região do interior de São Paulo, longe das movimentações artísticas efervescentes da capital, me mostram as fragilidades e as fraquezas de se estar isolada em um espaço que existem outras pessoas em situações semelhantes, de produção artística local, mas desconectados umas com as outras. Criar redes, redemoinhos, grupos de encontros fortalecem as lutas e as políticas públicas no campo da narração artística, por isso, buscar quem são, como contam e onde contam esses narradores do Pontal do Paranapanema se torna um trabalho relevante para o fortalecimento de vínculos e criação de parcerias.

A ancestralidade estrutura a base de pensamento e sua temporalidade, a partir de experiências diferentes. Não significa a voltar-se apenas para a minha ancestralidade, mas sim, buscar uma questão de pertencimento, de territorialidade das vozes, dos sons e do movimento que narram nesses espaços por muitas vezes esquecidos nas leis de fomento, que são escassas e quando existem, se quer mencionam a linguagem da contação de histórias ou narração, como é o caso do edital nº 08/2023 Edital de Chamamento Público para Seleção de Projetos de Ações Culturais e Artísticas na cidade de Presidente Prudente – Programa Cultura e Arte por Toda Parte. Neste edital elaborado pela Secretaria de Cultura de Presidente Prudente/SP, com o objetivo de contratar por meio de concurso Projetos de Ações Culturais e Artísticas para Circulação na cidade de Presidente Prudente como parte do Programa Cultura e Arte por Toda Parte – Edição 2023 e que segundo o documento está em conformidade com a Lei Federal nº 8.666/93 e suas alterações, Lei Complementar 123/2006, devidamente alterada pela LC 147/2014 e demais legislações complementares e que está em consonância com a Lei Complementar Municipal 186/2013 (Sistema Municipal de Cultura) que dispõe sobre a necessidade de reconhecimento e valorização da Diversidade Cultural do Município. O documento elaborado fará Licitação, destinada à contratação do objeto de que trata o descrito no presente edital.

Porém, o que me pergunto é: o que estão considerando como cultura no município? Quais linguagens artísticas são essas? Por que nesse edital aparece uma limitação de projetos

de ações culturais divididas em oito segmentos: música; dança; teatro e circo; literatura; artes visuais; artes audiovisuais - cinema e vídeo; cultura popular e ações formativas. Nas descrições destas ações em nenhuma delas se quer menciona a contação de histórias ou narração, ou seja, que fomento às artes uma Secretaria pode promover sem conhecer as infinitas possibilidades de produção de artes de seus artistas? Quais as chances de considerarem a contação/narração de histórias enquanto uma linguagem artística e como um ofício reconhecido? Essas questões são abordadas de forma veladas ou reveladas em muitas das falas das contadoras que tive a oportunidade de entrevistar. Pois, desse lugar que falo, de pesquisadora, mas também de contadora de história, em muitas vezes o leitor poderá perceber em meu discurso esse silenciamento das políticas públicas para o/a contador/contadora de histórias.

Neste sentido, busco aqui com esse ensaio, criar outras percepções de mundo, não como uma mercadoria que precisa ser vendida, mas sim como saberes que irradiam o fazer coletivo, a ética dos narradores contemporâneos do interior de São Paulo e quais são esses movimentos de resistência artística na perspectiva da narração de histórias.

2 O Mito de Origem

“As histórias são bálsamos medicinais. Achei as histórias interessantes desde que ouvi minha primeira. Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção”.
(Clarissa Pinkola Éstes, 2018)



Nana, D’Nana, Ana...

Sou muitas em mim: sou todas aquelas que me antecederam... sou todas aquelas que virão depois de mim.

Sou os sapatos de salto, sou os nós das camisolas, sou a boca vermelha de batom.

Sou bruxa, sou fada, rainha, princesa, o cervo, a lagarta... sou a borboleta.

Neta de Berenice e Onias, de Elpídia e seu Carlitos.

Da trouxa de roupa e da massa frita.

Filha de Odete e de Silvado.

Do tecer e do combustível.

Sou aquela que fugia na infância em busca da liberdade de ir onde quiser.

“Mas nunca ninguém te viu?”

E assim... eu nasci

Me derramaram os livros e se fizeram minha escola.

Digo que ali, nasceram minhas vontades, nasceram minhas histórias.

Tornei-me narradora.

Tornei-me sonhadora.

Na literatura meu encanto,

Na palavra o meu canto.

Nonada meu pranto.

As histórias me atravessam,

E com elas vou navegando

Por muitas trilhas vou seguindo

E feliz vou superando.

Tantos sonhos...

Tantas rimas...

Tantos caminhos.

3 O caminho da pesquisa

Com esse trabalho, busquei realizar um levantamento do perfil das contadoras de história da região do Pontal do Paranapanema. Como problema da pesquisa quis descobrir quem são essas contadoras de histórias das 32 cidades que compõe o Pontal do Paranapanema (SP), com foco nos municípios de Presidente Prudente e cidades próximas, e também saber o que contam e como contam.

Esta é uma pesquisa qualitativa, que utiliza a metodologia da entrevista narrativa de Schütze. A escolha por esse caminho nos permite enquanto leitores e observadores, pois não faço isso sozinha, mas convido você, meu caro leitor, a pensar e enxergar algumas questões junto comigo. Desta forma, precisamos considerar as singularidades das contadoras pesquisadas, pois nos permite um aprofundamento a partir das reflexões das histórias de vida dessas participantes, assim podemos traçar um perfil em comum com base em suas experiências subjetivas fundada em suas narrativas.

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando à profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. (MUYLAERT, CAMILA JUNQUEIRA *et. al*, 2014, p. 194).

Desta forma, queremos por meio da entrevista narrativa, que estas mulheres, nos narrem episódios importantes das suas relações com a contação de história. Assim, traçar um perfil em comum de uma região geográfica: quem são, como contam, onde contam e o que contam para o público.

Os dados obtidos durante a pesquisa foram registrados em um diário de bordo e portfólio para garantir um registro e coleta de dados para análise do corpus por meio de gravações e filmagens. As filmagens e gravações serão instrumentos importantes para garantir que os detalhes que passaram despercebidos durante a entrevista narrativa sejam contemplados.

De acordo com André (1984, p. 53), “o pesquisador se propõe a retratar a situação pesquisada em suas múltiplas dimensões, ele vai buscar nos informantes a variedade de significados que eles atribuem a essa situação”. Diante disso, utilizaremos instrumentos de coletas de dados que atendam aos objetivos da pesquisa.

Comecei o trabalho com o desejo de explorar a poética dos lugares e das 32 cidades do Pontal do Paranapanema (SP) e das pessoas em seus lugares de encontro, de troca e de experiências significativas, como as praças públicas, um lugar comum nas cidades do interior,

onde as narrativas se confundem às histórias dos lugares e da vida das pessoas e acessa a imaginação. Isso criou um infinito de possibilidades para traçar um perfil das contadoras de cada lugar. Realizei, então, um recorte das contadoras locais dessas regiões: quem são essas mulheres que contam/narram histórias, quantas contadoras temos na região do Pontal do Paranapanema (SP), como essas contadoras contam suas histórias; com quais figurinos contam; se fazem uma performance ou realizam espetáculos ou simplesmente contam as histórias como uma conversa informal; se pertencem há uma comunidade quilombola, indígena, rural ou outra; se usam cenário; se contam de boca, sentados, ou em pé; contam para uma pessoa por vez ou reúnem as pessoas a sua volta; se são de família de contadores ou se suas famílias construíram a cidade ou veio de outros estados e municípios.

Enfim, defini quais são as características dessas contadoras do Pontal do Paranapanema (SP) que foram entrevistadas. Desta forma, acredito ser o narrador/contador uma ponte entre a história ouvida, a história contada e a história vivida pelos ouvintes.

4 A contação de histórias

Os primeiros anos na vida de uma pessoa são importantes para suas experiências futuras com a arte, principalmente com os textos literários, por isso, “é possível dizer que, o leitor, no começo de sua vida, é um ouvinte que busca no mundo natural os primeiros signos a fim de transformá-los em pensamentos e palavras.” (REVOREDO; SOUZA, 2011, p. 260). Ouvir histórias modela os ouvintes. Para tanto se fazem necessárias experiências significativas de contação de histórias estimuladas por diversas expressões (sonora, corporal, gestual etc.).

Como contadora de histórias e pesquisadora dessa área, acredito que contar e escutar histórias são experiências próprias da existência humana, que tem na e pela linguagem a possibilidade de construir novos mundos, de rememorar situações vividas, por isto o ato de contar e escutar possibilita a constituição das subjetividades humanas. Por meio do contar e escutar histórias, as pessoas ao longo do seu percurso de vida desenvolvem estratégias que poderão auxiliar na experiência com a literatura de maneira autônoma e sensível, pois a aproximação com essa linguagem cria memórias e sensações que marcam os sujeitos. Compreendo que os procedimentos de contação de história necessitam ser desenvolvidas com interrupções que convidam a participação dos ouvintes para a compreensão da sequência da narrativa.

A contação de história pode propiciar a aproximação do ser humano com a possibilidade da fantasia, da imaginação e da criatividade. Assim, o narrador é um modelo interessante de mediador das histórias com a intenção de desenvolver o protagonismo do ouvinte, porque ele os leva a fazer “predições baseadas no seu conhecimento de mundo” (KLEIMAN, 2002, p. 51). E a partir dessas experiências, ao longo do tempo, “se torne capaz de reconstruir quadros complexos envolvendo personagens, eventos, ações e intenções para assim chegar à compreensão do texto, utilizando para tal muitas operações que são foco de reflexão consciente” (KLEIMAN, 2002, p. 65).

É possível pensar que a contação de história é uma das práticas que atribui sentido ao texto narrado, cumprindo assim o seu papel de práticas de uso social real, “ao contar histórias atingimos não apenas um plano prático, mas também o nível do pensamento” (BUSATTO, 2012, p. 45). Se a contação de história for elaborada as pessoas se nutrem das informações, das configurações do ficcional e da simbolização gerada pela matéria literária. Narrar histórias, portanto, possibilita muitas coisas, entre elas criar espaços de diálogos por meio da imaginação e conexão com outros textos ouvidos anteriormente. São ações que auxiliam na reflexão e construção dos sentidos do texto de forma coletiva.

Desta forma, “a palavra contada não é simplesmente fala. Ela é carregada dos significados que lhe atribuem, o gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio que, entremeando-se ao discurso, integra-se a ela” (MATOS; SORSY, 2009, p. 4). Igualmente “o narrador ou contador de histórias é o agente que (re)produz o texto na forma oral” (MORAES, 2012, p. 15), mas que lhe atribui sentido com base em suas experiências anteriores ao texto, ou seja, há uma tríade entre o autor, o texto e o contador que coloca na forma narrativa a sua interpretação ao texto que serviu de referência para a contação.

Por meio de expressões corporais, gestos, ritmo da voz e entonação se atribuem sentidos às palavras contadas e proporcionam emoções para o ouvinte (MATOS; SORSY, 2009), ou seja, a contação se efetiva por meio da oralidade e do corpo do contador, bem como pela interação imediata com a plateia. Matos & Sorsy (2009) defendem que nessa interlocução o texto é criado junto com os ouvintes que colaboram com suas reações e com isso, mesmo que uma narrativa seja contada mil vezes, nunca será a mesma, porque o momento e o público são diferentes, reagindo de formas diversas ao que é contado.

Contar histórias é uma prática muito antiga e pode ser observada em praticamente todas as partes do mundo. Por muitas gerações, o conhecimento adquirido era transmitido pela oralidade guardada na memória do contador. Para construir coletivamente os significados da narrativa, é preciso motivação e, entre as razões para se contar, podemos destacar: manter as histórias vivas, estimular o imaginário, sensibilizar e despertar interesse pelo livro e pela leitura. Em resumo, a contação de histórias é uma possibilidade de educação integral e, de acordo com Sisto (2012), exige domínios técnicos e estéticos. Matos & Sorsy (2009, p. 8) explicam que “a arte do contador envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com seus ouvintes”. Enquanto conta e empresta sua voz e seu corpo ao texto, o contador recria a narrativa com a contribuição do auditório.

A oralidade, que antecede a escrita, dilata as possibilidades de significados desta, principalmente porque o contador é um transmissor ativo do texto literário, tornando-o expressivo e significativo. Talvez isso recupere a ideia de que “antes da escrita tornar-se uma tecnologia estável, reutilizável, expansível, predominavam os recursos mnemônicos, garantidos por rimas, ritmos, imagens simbólicas, contemplação, presença, gestualidade, proximidade, audição e simultaneidade, entre outros” (YUNES, 2012, p. 59). Essas características da contação de outrora, são atualizadas no momento da contação de histórias hoje.

A contação de histórias faz com que seus ouvintes busquem sentido naquilo que foi ouvido e compartilhado. Afinal, segundo Yunes (2012, p. 65), “contar é uma estratégia de sensibilização para começar a sedução para o relato, esteja ele sobre que suporte estiver, inclusive o da escrita”. Deste modo, quem conta precisa utilizar todos os elementos disponíveis para atingir seu ouvinte como seus próprios gestos, sua modulação de voz, a visualização e a sensação sonora do texto pelo seu público (MATOS, 2014). Por isso, sua performance pode ganhar destaque e é complementada por outros fatores como indumentária, instrumentos musicais, objetos, acessórios diversos quando um contador as utiliza. Eu particularmente, gosto muito desse tipo de performance exposto por Matos (2014), me sinto mais confiante e segura ao realizar a narrativa por essa perspectiva.

Existem inúmeras formas de contar uma história (como podemos visualizar no Quadro 1), mas antes de selecionar a técnica a ser utilizada, o contador precisa descobrir quais são os métodos de narrar, elaborando um jeito próprio de contá-la, criando seu estilo. Para Abbi Patrix (apud MATOS, 2014, p.112) “o contador é capaz de contar histórias, muitas histórias, e por isso ele não tem uma técnica, ele tem muitas técnicas, tantas quantas forem suas histórias”. Em muitos casos, a depender do tipo de história e do público, costumo selecionar algumas dessas técnicas durante minhas performances.

Quadro 1: Técnicas para contar histórias

Técnica	Características
Álbum seriado	Apresentar ilustrações da história, desenhadas, pintadas ou coladas, em papel maior do que o livro e encadernadas, coladas ou costuradas, permitindo o fácil manuseio pelo narrador durante a contação.
Álbum sanfonado	Parecido com o seriado, mas neste as folhas não são “passadas” e sim se abrem e se fecham como em uma sanfona.
Apresentação de slides	Permite a exposição das ilustrações originais da história com o auxílio de um <i>datashow</i> .
Avental de histórias	No formato de um avental de cozinha é confeccionado em feltro ou com velcro, facilitando a fixação e retirada de personagens e cenários.
Bonecos	Utiliza bonecas e bichos de pelúcia, comprados ou artesanais.
Caixas de história	Recurso visual motivador que facilita a concentração dos menores e pode ser de dois tipos: 1) caixa-livro (trazendo a narrativa encadernada e colada na tampa, bem como cenários que se transformam conforme as páginas se viram); 2) caixa que abriga objetos, instrumentos e personagens, costuma trazer em suas laterais até quatro cenários distintos - esta última pode ter como variante a mala ou o baú de histórias.

Cineminha	A história surge em um recorte frontal da caixa, aos pedaços e conforme o rolo onde as cenas estão agrupadas em sequência, se assemelha a uma televisão ou tela de cinema.
Com desenhos	O texto ganha vida por meio de desenhos feitos enquanto o contador narra e desenha na lousa, cartaz ou tela.
Dobraduras	O contador seleciona histórias que apresentem, por exemplo, animais e narra com dobraduras feitas antecipadamente ou que sejam construídas durante a contação.
Dramatização	Histórias dramatizadas (encenadas) pela contadora e também pelas crianças, podendo contar com recursos extras como pintura, músicas, fantasias etc.
Fantoches	Assim como as dobraduras pode ser confeccionado antecipadamente ou pelas próprias crianças e é encontrado em diferentes formatos: de tecido ou feltro, com meias, em palitos de picolé e na versão de dedoches, mas em todos eles se exigem treinamento do contador.
Flanelógrafo	O “palco” é feito em base de madeira, papelão grosso ou isopor revestido de feltro, camurça ou lixa permite a movimentação de personagens e cenários, também chamada de velcômetro.
Com gravuras	Reprodução apenas das ilustrações centrais da história.
Imantógrafo	Imita o flanelógrafo, mas possui base metálica e os personagens e cenários se fixam com o auxílio de ímãs.
Com interferência dos ouvintes	Envolve a participação ativa da plateia por meio de gestos, palavras, onomatopeias, porém é diferente das interrupções durante a contação, pois surge em decorrência do enredo, complementando-o.
Com o livro	Difere de quando se lê, mas é útil quando as ilustrações do livro são indispensáveis à compreensão da narrativa, desenvolve a necessidade de a criança pegar o livro e a noção de sequência lógica.
Máscaras	Recurso que pode ser barato e simples de conseguir, substitui os figurinos, pode ser utilizado pelo contador e pelas crianças ouvintes.
Com músicas	As canções servem para introduzir personagens e ações, exige estudo do contador na seleção do repertório musical, pode ser realizada com músicas conhecidas ou autorais e realizada apenas com a voz, com o auxílio de playback ou com instrumentos musicais.
Com objetos e instrumentos	Os objetos e instrumentos que surgem podem fazer parte da história ou indicar personagens, é possível utilizá-los em sua função real ou apenas alusiva.
Simple narrativa	Requer nenhum recurso para contar além da voz do narrador, sua postura física, gestual e entonação de voz, demanda estudo da história.
Sombrinha ou guarda-chuva	Se assemelha ao avental e ao flanelógrafo, mas é dinâmico porque exige o rodar da sombrinha para melhor visão dos cenários e personagens.
Tapete de histórias	Contador e plateia sentam-se ao redor do tapete que traz cenários simples como casas, florestas e outras paisagens comuns, permitindo a entrada e saída de personagens.

Teatro de sombras	Figuras recortadas em seu contorno são sobrepostas à luz de retroprojetor, <i>datashow</i> , lanterna ou mesmo uma vela, as sombras também são conseguidas com o movimento das mãos, exige lugar amplo e que não seja muito claro.
-------------------	--

Fonte: MODESTO-SILVA; CAMPOS; CARNEIRO; CORTEZ (2020)

A partir do Quadro 1 sobre algumas das técnicas que existem apontadas pelas autoras, entendemos ser estas apenas possibilidades de sua apresentação ao público.

4.1 O ritual das histórias

Antes mesmo de contar histórias, é necessário se pensar em uma série de questões que envolvem uma narrativa, pois

como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada (SILVA, 1986, p. 09)

Desta forma, como explicita Silva (1986), não basta apenas ter a pré-disposição em contar, é preciso desenvolver técnicas e estratégias. Assim, quem conta precisa utilizar todos os elementos disponíveis para atingir seu ouvinte com seus próprios gestos, sua modulação de voz, a visualização e a sensação sonora do texto pelo seu público (MATOS, 2014).

Para início de conversa, o contador precisa realizar uma seleção inicial e considerar alguns pontos importantes: o interesse dos ouvintes, a faixa etária para quem será contado, as condições socioeconômicas e principalmente deve ter sempre em mente contar aquilo que goste. Portanto, “o sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade” (SILVA, 1986, p. 13). Um destes fatores é o conto ser verdadeiro para aquele que narra, “o relato não é bem-sucedido e não toca as pessoas se não estiver enraizado na experiência, no vivido” (HELD, 1979 apud MATOS, 2014). Assim, um bom roteiro possibilita “transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática” (SILVA, 1986, p. 13), pois “o real e o imaginário são indissociáveis” (HELD, 1979 apud MATOS, 2014).

No momento da escolha das histórias devemos levar em consideração as peculiaridades de cada público. Quando conhecemos os ouvintes para o qual iremos contar facilita nossa escolha, mas em geral nem sempre isso é possível, então se considerarmos a faixa etária conseguiremos planejar um tema mais interessante de acordo com os interesses mais comuns. Uma vez escolhida a história a ser contada, passamos a estudá-la. “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e,

em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais, isto é, que constituem a sua estrutura” (SILVA, 1986, p. 21).

Para conhecer bem a história precisamos estudar a estrutura da narrativa. Por isso, devemos considerar os elementos essenciais de uma história sendo eles: a introdução, o enredo, o clímax e o desfecho. Assim, conhecendo as partes essenciais, o contador separa o que é essencial daquilo que é detalhe. Pois, desta forma, mesmo que ele esqueça alguma fala, conhecendo o esqueleto da história será capaz de improvisar ou retomar algum ponto esquecido, prosseguindo da forma mais natural possível. É possível que as histórias ganhem mais vida, ao acrescentarmos alguma música, elas se tornam um complemento para as narrativas e as auxiliam a “recompôr-se emocionalmente” (SILVA, 1986, p. 26). Elas funcionam como uma espécie de portal, quando cantadas no início e no final do conto, separam o mundo real do mundo da fantasia e da imaginação.

Estudar a história, além disso, irá ajudar a escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la. Pois, “a história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem a conta” (SILVA, 1986, p. 11). Um bom planejamento, além das considerações acerca da faixa etária ao qual se destina, precisamos pensar os espaços em que as histórias serão contadas, qual será o tempo destinado para que a narrativa aconteça, quais serão os objetos que podem ser utilizados, quais serão os modos de partilhar o conto e sobre as relações estabelecidas durante a narrativa. Além do que foi exposto, é necessário planejar as intervenções em momentos antes, durante e depois da história.

O texto literário é um gênero que, em sua essência, provoca no leitor prazeres. Para os ouvintes sentirem prazer, o contador também precisa senti-lo, por isso, a importância de se conhecer a estrutura da narrativa e contar o que gosta, pois se quem conta não se sentir motivado, é bem provável que quem ouça também não sentirá. Por isso, enfatizamos aqui o planejamento organizado da sessão de contos. O contador precisa conhecer muito bem a narrativa que irá contar, até mesmo para auxiliar com questionamentos e provocações na conversa com o público depois da sua performance, pois é importante que ele compreenda as mensagens e as subjetividades do texto para conseguir gerenciar as conversas após sua intervenção.

Podemos dizer, que a escolha da obra a ser trabalhada é o primeiro passo para um bom planejamento. Para tanto, precisamos realizar a escolha dos textos com base em alguns critérios, sendo o principal deles a qualidade artística e literária da narrativa, para que ela não

seja algo de caráter moral. O ponto mais importante do planejamento da história é, sem dúvida, a contação em si, mas a seleção do texto é um fator considerável para o seu feito e por esse lado, a escolha “depende da experiência prévia” (CHAMBERS, 2007, p. 81). Portanto, quanto maior seu acervo, mais fácil será esse processo. Criar uma prática de troca de experiências de leitura e contações com outros contadores e mediadores é uma boa maneira de aumentar o nosso repertório.

Os critérios de seleção dos textos não são questões tão simples, se faz necessário considerar alguns aspectos para a escolha deles: a qualidade literária, os valores morais presentes, a sequência da narrativa e a temática. Sendo assim, o contexto e os objetivos da narração também podem defini-lo, pois “o texto é usado de modo estético, não prático. Por conseguinte, ele pode tornar-se literatura, e ser usado de diferentes maneiras em momentos diferentes” (HUNT, 2010, p. 62) e isso dependerá de quais objetivos se almeja alcançar. Pois,

o texto literário apresenta sempre um ponto de vista subjetivo, afetivo e particular sobre os assuntos que aborda(...) por não transmitirem informações objetivas, os livros de literatura são passíveis de interpretações diferentes. Na verdade, a melhor literatura é justamente aquela carregada de significado (de diversas possibilidades de leitura) até o máximo grau. (AZEVEDO, 1999, p. 87).

Desse modo, há que se tomar muito cuidado com o cunho moralizador de uma obra. O conhecimento prévio do texto, permite interpretar as suas mensagens subliminares, mesmo que a leitura do adulto não seja a mesma das crianças. Assim, entendemos que a literatura não modela o homem, mas ela os humaniza e desenvolve a capacidade dos sujeitos se tornarem críticos.

4.2 O cuidar da história

O mais importante é escolher uma narrativa que o emocione, pois o contágio afetivo entre o narrador e a plateia é de maneira geral o que garante o sucesso da experiência. Além de pensar em como a narrativa pede para ser contada (SILVA, 1986), a técnica atenderá ao público, à finalidade da narração e a outros fatores como o próprio estado de espírito de quem conta e fatores externos como o lugar onde será realizada (MACIEL, 2019). Durante a adaptação do conto é interessante, segundo Maciel (2019, p. 17), “deixar o texto confortável para a sua voz. Você deve se sentir parte do texto (...) [e ele] não deve ser estranho para você”. A contadora catarinense reitera que não é para ter medo de mudar a história, no entanto, é importante atenção para não modificar seu sentido.

Após a seleção da história e da técnica, bem como de sua adaptação, o contador precisa memorizá-la e, nesse ponto, “cada pessoa adota a técnica que mais lhe agrada e que seja mais eficaz. Pode-se fazer repetidas leituras do texto original, ou reescrever o conto em um caderno ou computador. A leitura em voz alta também pode ser um recurso interessante a ser utilizado” (MACIEL, 2019, p. 18). Outra possibilidade de memorização, segundo Maciel (2019), é construir o roteiro de imagens, ou seja, uma espécie de lista com os principais fatos que auxilia o contador a compreender a estrutura do conto e visualizar o enredo.

Posteriormente, será necessário definir a técnica de narração a ser utilizada, para isso, faz-se necessário o preparo do contador e a preparação do ambiente. A preparação do narrador exige treinamentos para que ele tome consciência de sua voz, de seu corpo e, também, de seu olhar, gestos, postura e vestimenta. Além disso, o ambiente precisa ser organizado, por exemplo, “se estiver contando para crianças sentadas no chão, posicione-se adequadamente para que todas lhe enxerguem. Evite ficar muito próximo das crianças para que as da frente não tenham que ficar olhando para cima o tempo todo” (MACIEL, 2019, p. 20).

História escolhida, técnica selecionada, adaptação feita, ambiente organizado e contador preparado, é preciso pensar na sessão de contos em si composta pelos momentos de aquecimento, introdução, a narração propriamente e o fechamento ou finalização.

O aquecimento é realizado antes de se iniciar a narrativa e visa apresentar uma esfera mágica e encantadora para os ouvintes. Matos & Sorsy (2009, p. 128) explicam que ele “faz ligação entre dois mundos e dois tempos. De um lado o mundo da realidade física, concreta e tangível (...). De outro lado, o mundo maravilhoso, construído com a mesma substância dos sonhos”. Por isso, o aquecimento coloca os ouvintes num estado de predisposição à escuta, convidando-os a se concentrarem e possibilitando seu deslocamento da realidade concreta em direção ao universo ficcional. Ele pode ser concretizado por meio de brincadeiras e canções que envolvam ritmos e gestos, seja na forma de músicas, danças, adivinhas, conversas, anedotas relacionadas ao conto compartilhado.

A introdução marca para a plateia que a história iniciou, alertando os ouvintes para que se concentrem na história. A maneira mais comum de se introduzir a narrativa é por meio do tradicional “Era uma vez...”. De acordo com Matos & Sorsy (2009, p. 135), “as fórmulas cumprem sua função de nos transportar para o espaço e tempo mágicos”. Assim como o aquecimento, “a escolha da introdução também depende do contexto do enredo a ser contado” (SANTOS, 2015, p. 43).

A narração de conto propriamente deve ser clara e compartilhada, exigindo do contador a máxima atenção da sua audiência, tendo em vista que a interlocução, seja com suspiros ou com expressões soltas, é essencial para continuidade narrativa. Além disso, como já pontuado, a contação deve ser viva com entonações, movimentos corporais e permeados por silêncios, pausas, tempos esses necessários para a compreensão do fio condutor da história e manutenção da atenção dos ouvintes.

A finalização ou fechamento da história desconectam os ouvintes do plano ficcional. Entre as possibilidades de finalização conhecidas temos: “e viveram felizes para sempre!”, “O galo cantou e meu conto acabou”, “Vitória, vitória, acabou-se a história”, “Aconteceu, acabou e foi verdade” ou “Acabou-se o que era doce, toda história tem um fim, quero ver quem conta outra que seja bonita assim!”.

Comprendemos que “depois de uma boa sessão de histórias e ternura compartilhada, o ideal é manter este ânimo conquistado. Romper com este estado de graça é até cruel” (BUSATTO, 2012, p. 73), é necessário extravasar as energias liberadas pelo conto.

Apresentadas essas questões sobre o planejamento e a qualidade das obras, como então memorizar um conto? Primeiro precisamos conhecer os elementos essenciais da narrativa, depois assimilar o que se pretende contar, e então apropriar-se da história para que ela esteja impregnada de sentidos para o contador. Desta forma, durante o planejamento do conto, podemos elaborar algumas perguntas: esse personagem se parece comigo? Quais as fraquezas e forças semelhantes a minha? A trama chama a minha atenção? A história propõe uma reflexão interessante?

Mas, como trabalhar os elementos do conto? Uma das possibilidades é compreender como são os personagens da história, quais são suas características físicas e psicológicas, como são os espaços por onde circulam, como se desenrola a trama, quais as imagens que aguçam a memória do contador.

Então, como preparar o passo a passo para uma apresentação de contos? Primeiramente, considerando o perfil do narrador, devemos pensar quais as técnicas que mais lhe agradam e em quais ele se sente mais confortável, depois, em quem são os ouvintes daquela sessão, e por último, o conto escolhido. Após o planejamento inicial, partimos para o momento do aquecimento, que serve para preparar os ouvintes para entrar na história,

“o principal objetivo do aquecimento é catalisar a atenção em torno da palavra do contador, criando uma atmosfera de unidade de grupo. Fazer com que a atenção se

mantenha durante todo o tempo da apresentação é requisito importante da arte de contar histórias”. (MATOS; SORSY, 2009, p. 57).

Desta forma, precisamos indicar aos ouvintes que dali em diante entrarão no mundo da fantasia e da imaginação. Neste momento o narrador pede a atenção para a palavra. Para isso, pode desenvolver fórmulas, “ritmos, adivinhas, cantos, um dedo de prosa, algumas anedotas para relaxar... o que importa é que o contador se sinta à vontade naquilo que estiver propondo” (MATOS; SORSY, 2009, p. 129). Feito isso, partimos para a introdução da história: “as fórmulas introdutórias cumprem sua função de nos transportar para o espaço e tempo mágicos” (MATOS; SORSY, 2009, p. 135), ela “pode variar de acordo com o que se vai contar, ou pode ser sempre a mesma” (MATOS; SORSY, 2009, p. 138). Assim, a narrativa se inicia e depende de uma série de fatores para que flua de maneira agradável e de acordo com as habilidades de cada narrador e do seu aprimoramento.

Após a narrativa acontecer, passamos para o fechamento da história, entendemos que “finalizar o conto é trazer os ouvintes de volta à terra firme, é lembrá-los de sua existência” (MATOS; SORSY, 2009, p. 152). É esperado que os ouvintes saiam da sessão de contos com a sensação de contentamento, de prazer do compartilhamento, por isso, essas fórmulas de fechamento ajudam os ouvintes a se reconectarem ao mundo real. Essas fórmulas de fechamento devem ser escolhidas de acordo com o conto e suas temáticas.

4.3 A performance da voz e do corpo

A nossa voz e o nosso corpo são ligados biologicamente, no entanto, não aprendemos que ambos são capazes de serem potencializados de forma a acrescentar em nossas vidas grandes possibilidades de comunicação, entendimento e cuidados. Alguma vez, já nos perguntamos se a voz tem personalidade? Seríamos capazes de identificar a personalidade de uma pessoa por sua voz? Será que podemos desenvolver essas capacidades ou já carregamos em nós essa identidade? Pensando nestas questões, Behlau (2001), nos apresenta um primeiro sentido:

A voz faz parte de toda a nossa existência, inaugurando nossa vida com o choro e concluindo-a, simbolicamente, com o último suspiro. Presente em nossos momentos mais decisivos, veículo de nossos sentimentos e emoções, modifica-se constantemente de acordo com a idade, saúde física, história pessoal de vida, condições ambientais, situação e contexto de comunicação. (...) A voz conta uma série de dados inerentes a três dimensões do indivíduo: a biológica, psicológica e socioeducacional. As informações contidas na dimensão biológica dizem respeito aos nossos dados físicos básicos, tais como o sexo, a idade e condições gerais de saúde; as informações contidas na dimensão psicológica correspondem as características básicas de personalidade e do estado emocional do indivíduo durante o momento da emissão; já a dimensão socioeducacional oferece dados sobre os

grupos a que pertencemos, quer sejam sociais ou profissionais. (BEHLAU; PONTES, 2001, p. 15).

Assim, conhecer alguém ou definir sua personalidade por meio da fala é algo muito complexo, pois a individualidade não nos permite, já que cada pessoa apresenta condições ímpares de acordo com o meio onde vive. Assim, os estímulos socioambientais e culturais recebidos pelos indivíduos nos levam a ter um condicionamento, formando nossa identidade vocal. Neste sentido, nossa identidade vocal, está ligada diretamente ao timbre, que é algo biológico, constituindo desta forma a voz: que nada mais é do que o som que se ocorre pela passagem do ar por nossa garganta. Ela está repleta de características pessoais como: voz bonita, voz rouca, voz estridente etc.

Nossa voz é utilizada sempre com uma função social, desenvolvendo nesse sentido a fala que é utilizada para a comunicação. A fala nada mais é do que a utilização oral da língua, o som articulado e moldado pela garganta, dentes, língua, bochechas e lábios. Quando pensamos nela julgamos o indivíduo que: fala bem, fala mal, fala errado, etc. Às vezes confundimos voz e fala, pois, quase sempre fazemos os dois ao mesmo tempo, mas em dadas circunstâncias precisamos usar da fala, ou melhor, da voz.

Todos temos várias vozes, ou seja, usamos diferentes qualidades vocais de acordo com a situação em que estamos dependendo do interlocutor a quem nos dirigimos e de acordo com o nosso estado físico e emocional. (...) nascemos com determinadas características anatômicas que produzirão um certo tipo de voz; porém, formamos uma identidade vocal ao longo da vida, a partir de nossa própria história e da história de nossos relacionamentos interpessoais, de como nos comunicamos com os outros. (BEHLAU; PONTES, 2001, p. 17).

A potencialidade da voz, ou das vozes que usamos está sempre em nosso cotidiano, porém muitas vezes não atenta a seu mecanismo e entendimento. Dentro de nossa sociedade, várias profissões já têm como referência “o falar bonito”, como os apresentadores de jornais em sua maioria, a importância de como nos comunicar nos traz uma necessidade de usar a voz com tal potência para realizar a comunicação de maneira tão formal e culta. Mas não encontraremos apenas nas profissões mais formais, o vendedor de rua, por exemplo, ao colocar seu timbre em tom mais alto e aumentar o volume de sua voz, sem gritar, para anunciar o seu produto está usando sua voz com todo seu potencial.

O corpo requer cuidados, assim como a voz em si. Para trabalhar com suas potencialidades, precisamos de um olhar diligente, pois ambos estão ligados fisicamente, “não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental (...)” (ZUMTHOR, 2005, p. 86). Ambos necessitam de cuidados com a postura, que está relacionada com a potencialidade

do corpo, ao fazer com que a projeção da fala, seja feita de maneira correta, para que a voz seja ouvida de forma clara limpa e com o objetivo desejado pelo seu locutor.

A fala deve ser entendida como algo além de pronunciar ou fazer o som. Segundo Zumthor (2005),

a performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem nas palavras e frases, esse conjunto como tal sentido, assim a performance pode ser potencializada no conjunto de ações entre a voz, o corpo e a fala (p. 87).

Conforme vimos anteriormente o pensar a partir do conhecimento da voz como potência e do corpo, nos leva a carregar a responsabilidade de compreender que uma fala não é qualquer fala, um texto passa a não ser apenas algo escrito no papel, e sim, algo que vai além, algo performático.

Todo texto promove uma “situação” real de interação frente ao leitor. Nessa ambivalência, o “texto em situação” depende dos graus de cumplicidade de seu ouvinte; trata-se aqui de “perceber o texto concretamente realizado por ela” – performance – “numa produção sonora: expressão e fala juntas, no bojo de uma situação transitória e única”.(ZUMTHOR, 1993, p. 219).

Ao transmitir um texto passamos a sermos responsáveis pelo que narramos, desta forma o corpo é um “turbilhão de mensagens, que ressoa códigos impraticáveis na escrita” (ZUMTHOR, 1993, p. 120). Portanto, dizer é uma performance, que nos leva a perceber muito mais do que a simples leitura, temos um corpo que fala, uma voz que precisa ser percebida, e um conjunto das duas que faz uma potência que transforma o que necessitamos transmitir em uma performance. Esta é então, um momento de fascínio, articulada pela mistura de códigos e diversidade linguística, envolvendo não somente pela fábula, mas também pela maneira como é transmitido. “O olhar, o silêncio, o franzir da testa, as mãos, o riso, objetos próximos, sons guturais, a fala. A cabeça, tronco e membros”. (ZUMTHOR, 2005, p. 96).

4.4 As potencialidades de uma história

O texto literário retrata enigmas humanos e promove uma renúncia e o conhecimento da própria identidade, ele também possibilita uma transformação social e pessoal, além de proporcionar uma viagem para outros mundos (geograficamente e na fantasia/imaginação). Cândido (1995) afirma que:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e,

portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (p. 256)

Neste sentido, a literatura nos aproxima dos sentimentos, dos anseios e das necessidades que nos tornam humanos, assim como para Lajolo (1982, p. 7) a literatura pode ser compreendida como “uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem”.

Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 1982, p. 22).

Desta forma, não importa quando a obra foi produzida, a literatura é universal, pois dialoga com as necessidades humanas, que independem de sua época, mas revelam situações e contextos vivenciados independentemente de suas culturas. Elas auxiliam seus leitores a resolverem seus conflitos internos a partir de seus conhecimentos prévios e conexões entre texto-texto, texto-leitor e texto-mundo (GIROTTI; SOUZA, 2010).

De acordo com Eco (2005, p. 41), “qualquer obra de arte, embora não se entregue materialmente inacabada, exige uma resposta livre e inventiva, mesmo porque não poderá ser realmente compreendida se o intérprete não a reinventar num ato de congenialidade com o autor”. Ou seja, é necessária uma relação entre o autor, o texto e o seu leitor, para que este se aproprie dos escritos e ressignifique a obra de acordo com suas experiências e conhecimentos prévios. Podemos dizer, com base nos estudos de Aguiar & Martha (2006, p. 28), que a literatura “caracteriza-se por sua incompletude e, conseqüentemente, é por meio da leitura que a literatura irá se concretizar”.

As histórias tratam em seu enredo de temas universais, experiências e emoções pelas quais todos nós passamos ao longo da vida e elas contribuem para o desenvolvimento emocional das crianças. Bettelheim (1980) ressalta que as histórias comunicam que é inevitável uma luta contra as dificuldades graves da vida, mas que, apesar disso, se confrontarmos com coragem as opressões inesperadas, será possível ultrapassar os obstáculos e nos mantermos vitoriosos ao final de tudo. Do ponto de vista psíquico, essa possibilidade de superação é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança e para a compreensão de que “nem tudo está perdido”.

Ao ouvir uma história, as pessoas são capazes de se transportar para ela e viver os conflitos presentes no texto, junto com os personagens. Consegue projetar no vilão as suas ansiedades, livrando-se da raiva e do ódio sentidos em situações cotidianas. Revive, em consonância com a história, situações de rejeição e abandono que experimenta internamente (ainda que isso não ocorra objetivamente em sua vida). E pode, também, alegrar-se, quando o mal é destruído e o seu personagem preferido “acaba bem” e feliz.

4.5 Como contar as histórias?

O primeiro passo para a contação de história é a escolha da narrativa. A escolha da história sempre deve levar em consideração o público que estará ouvindo, suas idades, o contexto de onde vivem, o local onde será contada, a quantidade de público, tudo isso deve ser pensado no momento da escolha, para que a história possa estar em sintonia com elas e o público goste e se envolva. Além disso, para Silva (1986, p. 14) “antes de contar uma história, precisamos saber se se trata de assunto interessante, bem trabalhado. Se é original, se demonstra riqueza de imaginação e se consegue agradar”.

Outro fator importante a ser considerado, é que haja uma conexão entre o conto e o narrador, caso ele não goste da história, passará esses receios para seu público. Portanto,

Antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador. A maneira como enxergamos o conto será a mesma maneira com que o outro irá vê-lo. Se o considerarmos uma mera distração e entretenimento, será assim que ele irá soar; porém, se acreditarmos que ele pode ser uma pequena luz lançada no nosso caminho, ele será ouvido como tal. (BUSATTO, 2003, p. 47 - 48)

Depois de escolher uma história para contar, é preciso estudá-la, conhece-la, para então pensar com qual técnica ela será contada, como será apresentada ao público, levando em consideração a história e os ouvintes. Há diversas possibilidades de como contar histórias, e para isso, é necessário um olhar atento a ela e assim “escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la” (SILVA, 1986, p. 31).

O narrador, dependendo da história precisará adaptá-la do texto escrito para o oral, já que as duas formas de expressões são diferentes e exigem adequações para que melhor agradem o público. Além disso, para narrar, pode optar por diferentes técnicas e uso de recursos externos para contribuir com a contação ou escolher a simples narrativa, que para Silva (1986):

é, sem dúvida, a mais fascinante de todas as formas, a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de histórias. Não requer nenhum acessório e se

processa por meio da voz do narrador, de sua postura. Este, por sua vez, com as mãos livres, concentra toda sua força na expressão corporal. (p. 31).

Dessa forma, a simples narrativa remete aos contadores de histórias tradicionais, que contavam ao pé das árvores, ao redor de fogueiras, para os netos aos pés do sofá... Essa narrativa, gravada na memória do contador, ganha vida por meio da voz, dos gestos e das expressões. Ele não precisa de outros objetos, mas conhece a história bem o suficiente, para transmiti-la com os efeitos na voz que leva os ouvintes a viajarem pelo conto. Durante a contação, o narrador, dependendo de sua história, aumenta ou diminui a voz, grita ou sussurra, fala devagar ou correndo, coloca os efeitos das ações, para as mãos ou faz gestos, sorri ou se espanta, ele transmite, de forma mais pura, as emoções da história deixando para o ouvinte o trabalho de imaginar.

Todavia, o narrador pode opinar em acrescentar objetos e recursos nas histórias, os quais muitas vezes são bem-vindos e contribuem com a narrativa.

É muito comum que os contadores de histórias se valham de outros recursos, além da narração, para aprimorar ou para variar sua contação. Pode-se contar uma história com o uso de música ou de bonecos, pintando e desenhando, fazendo mágica, dobradura, enfim, o que sua criatividade e sua habilidade permitirem. Há ainda contadores que utilizam como objeto cênico o próprio livro de onde vem a história. (MACIEL, 2019, p. 21).

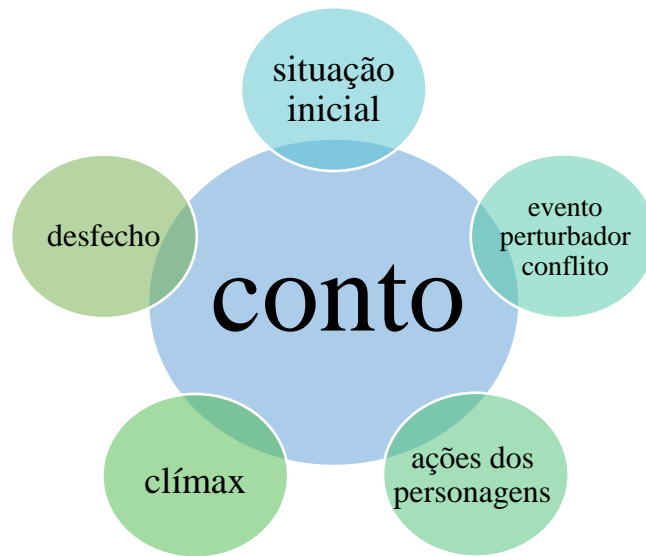
Neste caso, é importante que o contador escolha bem estes recursos baseado no estudo que fez da história, que dialogue com a narrativa e pense quais acréscimos “ela aceita”, pois recursos exagerados e sem sintonia com a história podem acabar por desviar a atenção da narrativa, que deve ser a verdadeira atração. Desta forma, há diversos recursos que podem ser utilizados, mas devem ter como objetivo enriquecer a narrativa, e não o contrário, por isso é importante um estudo e cuidado na hora de escolher quais artifícios externos serão acrescentados na performance.

De acordo com a narrativa e o público pode-se acrescentar na contação o uso de músicas, que ajudem a enriquecer a história e criar o clima para os acontecimentos narrados. Gosto muito de pensar a história considerando essa estratégia, pois

cantando, tocando algum instrumento ou utilizando objetos sonoros. (...) Além da música, pode-se fazer uso de sonoplastia, que é o som que produzimos com o próprio corpo (boca e mãos), com instrumentos musicais, ou outros objetos para produzir algum ruído ou efeito sonoro (MACIEL, 2019, p. 21).

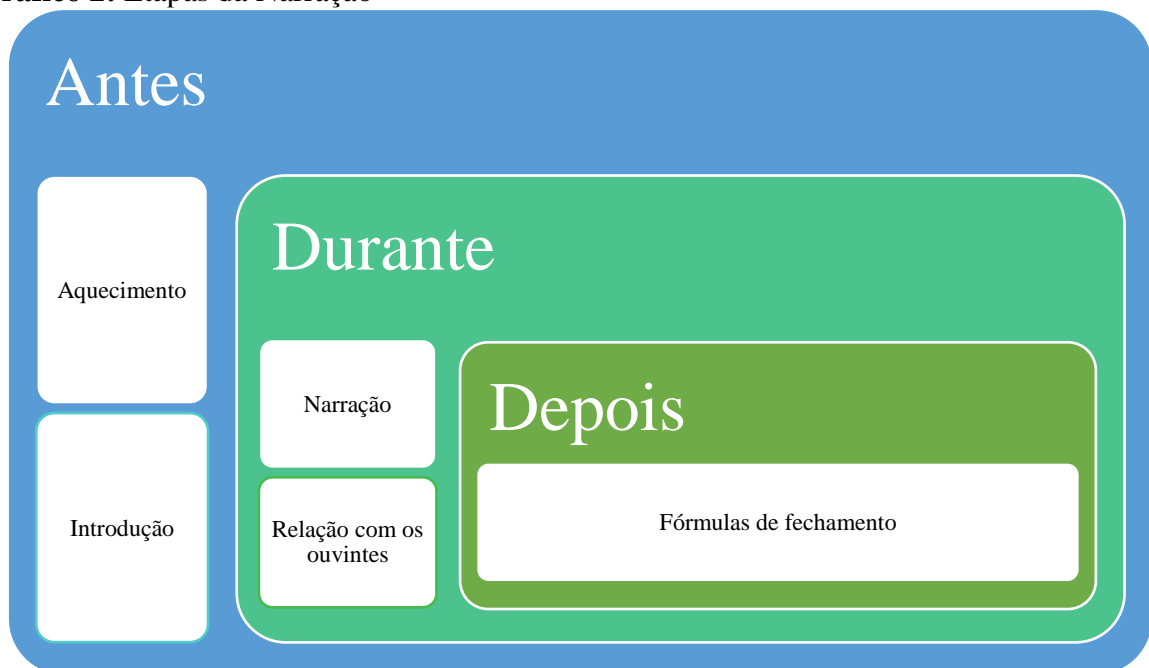
A seguir, eu apresento e sintetizo um pouco do que discutimos até agora, sobre o meu fazer artístico enquanto contadora de histórias, a partir de todas essas vozes que me compõem teoricamente, então faço uma breve apresentação de estruturas que utilizo em minhas práticas.

Gráfico 1: Gráfico organizador: Esqueleto do Conto



Fonte: A autora

Gráfico 2: Etapas da Narração



Fonte: A autora

Quadro 2: Quadro organizativo: antes, durante e depois da narrativa

Etapas da contação de histórias	Estratégias de leitura na perspectiva de Solé (1998)	O que fazer durante a mediação
Aquecimento	Antes	<ul style="list-style-type: none"> - Propor brincadeiras, músicas, versos - Motivar para a contação - Levantar o conhecimento prévio - Fazer previsões sobre o que será contado - Esclarecer dúvidas
Introdução		
Contação em si	Durante	<ul style="list-style-type: none"> - Contar usando diferentes técnicas - Resgatar o repertório - Perguntar - Fazer novas previsões enquanto conta - Resumir - Tirar conclusões
Fechamento	Depois	<ul style="list-style-type: none"> - Destacar a ideia principal - Atualizar o conhecimento prévio - Formular perguntas e responder questões sobre o contado - Sumarizar - Pensar e discutir sobre o narrado - Sintetizar - Tirar conclusões - Brincadeiras, músicas - Expressão artística sobre o ouvido em diferentes linguagens
Rodas de conversa e atividades		

Fonte: MODESTO-SILVA, K. de A et. al. (2020)

A partir destes exemplos da minha prática, enquanto contadora e pesquisadora dessa linguagem, talvez você que está lendo este ensaio possa pensar que esse seja mais um guia de como contar histórias, mas não! Esse é apenas uma exposição de como penso, planejo e organizo essa minha prática. Muito provável que isso não lhe sirva, mas talvez seja uma forma de reflexão e de um olhar cuidadoso a partir da prática de uma outra narradora. Claro, que você deve ficar à vontade para concordar ou discordar da maneira como faço, mas esboço aqui o meu percurso e fique à vontade se isso couber a você contador/contadora de histórias.

No capítulo seguinte, saio da minha reflexão pessoal de como eu conto, para como nós, mulheres do Pontal do Paranapanema (SP), contamos e cuidamos as nossas histórias.

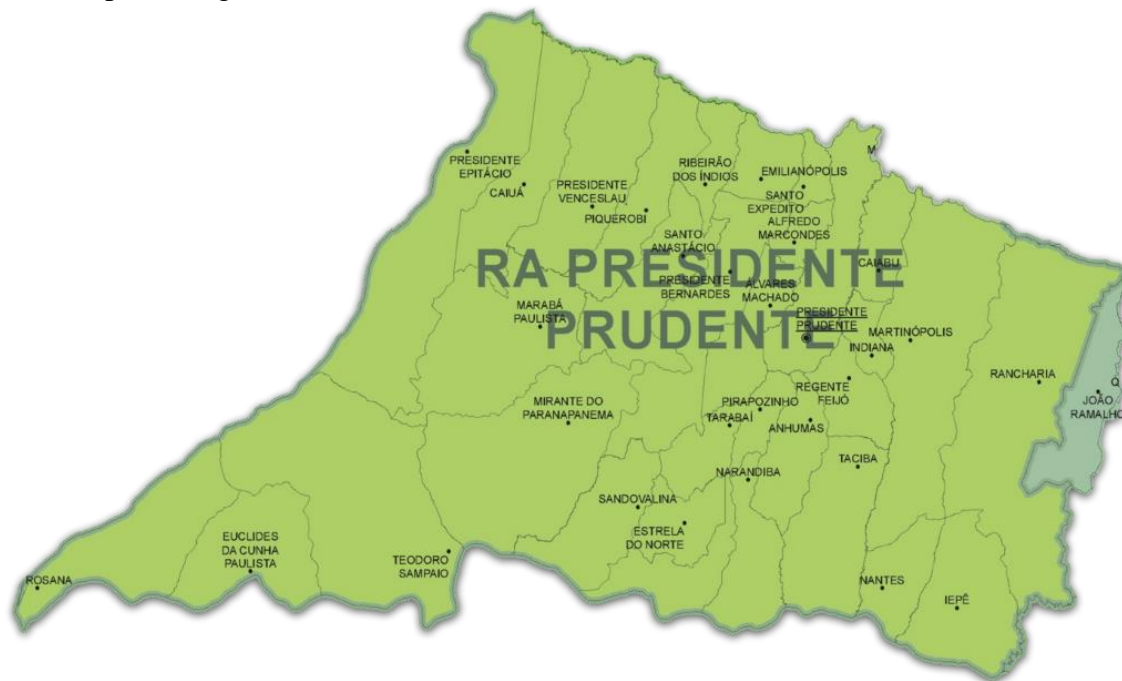
5 Interior profundo

Neste capítulo pretendo contextualizar o leitor, a partir das questões geográficas, históricas e sociais do Pontal do Paranapanema (SP). Assim, como realizar um levantamento dos narradores de história dessas regiões.

5.1 O Pontal do Paranapanema: contextualizando a territorialidade

O Pontal do Paranapanema está localizado a extremo oeste do Estado de São Paulo, na região sudeste do país, em uma posição privilegiada no estado, pois faz divisa com os Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, abrangendo ao todo 32 municípios. As cidades que compõem o Pontal do Paranapanema são: Alfredo Marcondes; Álvares Machado; Anhumas; Caiuá; Caiabu; Emilianópolis; Estrela do Norte; Euclides da Cunha Paulista; Iepê; Indiana; João Ramalho; Marabá Paulista; Martinópolis; Mirante do Paranapanema; Nantes; Narandiba; Piquerobi; Pirapozinho; Presidente Bernardes; Presidente Epitácio; Presidente Prudente; Presidente Venceslau; Rancharia; Regente Feijó; Ribeirão dos Índios; Rosana; Sandovalina; Santo Anastácio; Santo Expedito; Taciba; Tarabai e Teodoro Sampaio.

Figura 1: Mapa da Região de Governo de Presidente Prudente



Fonte: <https://pontal2030.sdr.sp.gov.br/>

terras. Nessa mesma época, foi criado um corredor ecológico implantado no Pontal do Paranapanema pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas. O Governo Estadual criou reservas florestais para conservação da fauna e flora, hoje restando apenas a reserva florestal Parque Estadual Morro do Diabo, pois as outras duas foram consumidas pelo avanço da pastagem.

Um espaço territorial marcado por muitas disputas e lutas pela terra, tem muita coisa pra contar. Suas histórias precisam ser narradas e desta maneira é que pretendemos buscar quem são esses narradores dessa região, será que existem narradores artísticos nessas 32 cidades que compõem essa região do Pontal do Paranapanema? Quem são eles? Como contam suas histórias? Quais histórias eles contam? Onde contam? Pra quem contam? Assim, pretendemos com este ensaio descobrir quem são esses narradores que assim como a autora desse trabalho tenta sobreviver por meio da arte narrativa em uma região ao extremo oeste da capital paulista, sem muitos recursos e leis de incentivo à cultura.

5.2 As contadoras do Pontal do Paranapanema

Em uma busca preliminar, entramos em contato telefônico com as secretarias ou departamento de cultura das cidades pertencentes ao Pontal do Paranapanema para descobrir quais eram os contadores de histórias de seus municípios. A princípio imaginei que iria encontrar uma infinidade de contadores, até me preocupei com o tamanho deste levantamento e seleção, mas a realidade foi outra. Para nossa surpresa, das 32 cidades apenas a Secretaria Municipal de Cultura de Presidente Prudente conhecia seus contadores de história. Em geral, a maioria dos municípios alegou que não tinham contadores de histórias locais, sempre que precisavam, contratavam pessoas de fora do município para desenvolver essas ações geralmente em feiras literárias ou em eventos promovidos pelo projeto Viagem Literária.

Outro dado que nos chama atenção, neste levantamento inicial é que uma boa parte desses municípios não têm bibliotecas municipais estruturadas e quando tem não existem pessoas que contam histórias neste espaço. Assim, como não acontecem ações de contação de histórias em praça pública.

Em muitos desses municípios, os funcionários das Secretarias Municipais de Cultura nos informaram que conheciam professoras que contavam histórias, mas fazem isso apenas dentro das escolas, eles desconhecem contadores de história que fazem isso de maneira profissional, segundo eles.

Ao ligar nas Prefeituras, muitos desconhecem o contato da Secretaria Municipal de Cultura ou tiveram dificuldade em dizer rapidamente o número telefônico e quem seria a pessoa responsável pela pasta em sua cidade. Presidente Prudente, a maior cidade dentre esses municípios, é uma das únicas cidades do Pontal que possui uma Secretaria Municipal de Cultura mais estruturada. Na região existe a unificação de Secretaria de Cultura com a Secretaria de Educação ou com Esporte e Turismo, mas é comum que existam apenas em nível de Departamento ou Divisão de Cultura.

A seguir esboço em formato de quadro a dificuldade que encontrei em fazer o levantamento desses dados.

Quadro 3: Levantamento dos dados com as secretarias e departamentos de cultura das cidades do Pontal do Paranapanema (SP)

Município	Dados encontrados
Alfredo Marcondes	Não tem Secretaria de Cultura é junto com a Secretaria de Assistência Social e não conhecem nenhum contador de histórias na cidade.
Álvares Machado	Não tem secretaria de cultura é junto com a Secretaria de Educação e não tem nenhum contador de histórias, quando precisam contratam de fora.
Anhumas	Possui Departamento de Cultura e Educação. Não tem contador de histórias, tem apenas algumas professoras que contam histórias nas escolas.
Caiuá	Não tem pessoas que contam histórias. A Biblioteca Municipal não tem ninguém que faça esse trabalho.
Caiabu	O município tem apenas Departamento de Educação, Esporte e Cultura e não tem nenhum contador de histórias.
Emilianópolis	Possui Departamento de Cultura e Educação e não tem contador de histórias.
Estrela do Norte	A cidade possui apenas a Divisão de Educação e Cultura e não tem contador de histórias.
Euclides da Cunha Paulista	Ninguém atendeu as ligações.
Iepê	Quando tinha feira literária eram algumas professoras do município que contavam.
Indiana	Ninguém atendeu as ligações.
João Ramalho	Não tem contador de histórias. O município tem Biblioteca Pública, mas ninguém conta histórias nesse espaço.
Marabá Paulista	Não conseguimos o retorno da ligação. Quem atendeu não sabia informar, mas disse que a Biblioteca Municipal estava desativada.
Martinópolis	Não conhecem nenhum contador da cidade.

Mirante do Paranapanema	Enviei WhatsApp para Seu Chico, que foi um número que o funcionário da prefeitura me passou, dizendo que ele era o responsável pela Cultura, mas o Seu Chico não respondeu a mensagem.
Nantes	Ninguém atendeu, telefone indisponível em várias ligações.
Narandiba	Nessa cidade são os professores que contam histórias nas escolas e quando a Biblioteca Municipal precisa desses serviços contratam pessoas de fora da cidade.
Piquerobi	Ninguém atendeu as ligações.
Pirapozinho	Possui um Centro Cultural com uma biblioteca pequena (duas estantes de livros), mas não tem contação de histórias.
Presidente Bernardes	Ninguém atendeu as ligações.
Presidente Epitácio	São alguns professores que contam histórias, uma delas já até lançou livro.
Presidente Prudente	O funcionário da Cultura, responsável pela parte de Biblioteca nos informou o nome de algumas contadores que já realizaram e realizam trabalhos com contação de histórias no município: Sueli Pereira (Sula), Rita de Cássia Nespoli Damasceno (Vovó Rita), Cida Santos, Natália Bortoláso Possignolo, Simone Ferreira, Juliane Francisquetti, Andreia Oliveira, Sandra Rosa Alves, Thays de Pádua, Valéria Santos (Cia Duo de Pretas), Ivonete Aves e Ana Paula Carneiro (Nana). Essas contadores realizam suas ações nos projetos da prefeitura e em eventos distintos promovidos pela secretaria
Presidente Venceslau	Quem atendeu a ligação não soube informar se haviam contadores na cidade.
Rancharia	Tem uma professora que trabalha na Secretaria da educação que faz contações de histórias e até já lançou livro.
Regente Feijó	Ninguém atendeu as ligações.
Ribeirão dos Índios	Não tem Secretaria de Cultura, tem Departamento de Educação, Cultura e Esporte. Não tem nenhum contador de histórias, tem Biblioteca Municipal, mas ninguém faz contações de histórias.
Rosana	Não tem, a Regina Prieto é escritora, mas não sabem informar se ela faz trabalhos de contação de histórias.
Sandovalina	Ninguém atendeu as ligações.
Santo Anastácio	Não tem contador de histórias. Tem apenas uma recreacionista.
Santo Expedito	Não tem contador de histórias. Não tem biblioteca.
Taciba	Segundo a secretaria possuem alguns, seu Antônio Trintim que trabalha com narrativa esportiva e Mário Calixto que é um senhor de idade avançada e trabalha com narrativa de leilão, mas conhece a história do município e presenciou a maioria das histórias daquele município.
Tarabai	Não atendeu as ligações.
Teodoro Sampaio	Não tem contador de história.

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante destacar que no início dos contatos com as prefeituras e suas secretarias, busquei por contadores de história. A partir do momento que percebi que nos poucos municípios que disseram que quem contavam histórias eram professoras, mudei a pergunta. Comecei a perguntar se no município havia biblioteca e se existiam ações de contação de histórias. Uma boa parte desses 32 municípios não tem bibliotecas públicas além das salas de leitura que funcionam nas escolas e quando tem em vários casos estão desativadas ou em situações precárias. Mas, não cabe aqui neste trabalho fazer um estudo ou abordar essas questões sobre as bibliotecas e seus contadores ou em relação às políticas públicas e fomentos ligados a estes aspectos. Nesse sentido, para delimitar nossa pesquisa, já temos alguns dados, ou melhor, um não dado: as Secretarias de Cultura dos municípios do Pontal do Paranapanema desconhecem seus contadores de história. Então, nos limitaremos a investigar e entrevistar os narradores da cidade de Presidente Prudente.

No município de Presidente Prudente, o bibliotecário responsável por fornecer as informações citou e passou o contato de 12 contadoras de seu município que realizam trabalhos de contação de histórias para a sua secretaria. Sendo essas pessoas contratadas e reconhecidas em diversos projetos e ações de contação de história: Sueli Pereira (Sula), Rita de Cássia Nespoli Damasceno (Vovó Rita), Cida Santos, Natália Bortoláso Possignolo, Simone Ferreira, Juliane Francisquetti, Andreia Oliveira, Sandra Rosa Alves, Thays de Pádua, Valéria Santos (Cia Duo de Pretas), Ivonete Aves e Ana Paula Carneiro (Nana).

A primeira narradora entrevistada foi Beatriz Alves de Moura (Bia) que é um encanto! Um doce de menina/mulher. É natural do interior de São Paulo, da região de Presidente Prudente, um dos municípios que compõem o Pontal do Paranapanema. Nossas histórias se cruzaram no Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (CELLIJ), do campus Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e foi a partir desse espaço que eu a conheci como contadora. Também é professora da rede pública no município de Presidente Prudente atuando nesses espaços contando suas histórias, além de contar em outros espaços públicos tem uma relação de estudos e formações nessa área da contação.

A segunda narradora selecionada foi Ivonete Aparecida Alves que conheci como uma mulher de lutas pelos coletivos do povo preto. Ela é artista plástica e Agbá do Mocambo APNS Nzinga Afro-Brasil em Presidente Prudente/SP, sendo a mais velha de seu coletivo e uma importante guardadora da palavra nesse espaço. O Mocambo Nzinga é um grupo de trabalho e estudo voltado à cultura Afro-brasileira e Africana, localizado no bairro Jardim

Cambuci. Ela também é mestra e doutora em educação, a primeira de seus ancestrais a obter um título de doutora.

A terceira narradora é Maria Aparecida Pereira Santos, mais conhecida como Cida Santos, a contadora de histórias. Uma mulher forte, que venceu muitas batalhas nessa vida e que busca nos contos a vontade de continuar. É contadora de histórias desde que se entende por gente e nossos caminhos se entrecruzam em vários momentos de nossas vidas. Tive a oportunidade de ouvir a Cida em muitas feiras literárias e eventos culturais na cidade de Presidente Prudente, levei muitos alunos para ouvi-la e se encantarem com suas histórias. A Cida é assim, sempre meio fada, meio bruxa, uma inventadeira de histórias, que leva crianças e adultos a voltarem às suas infâncias.

6 A escuta narrativa

“Sou singular, não porque eu escape do social, mas porque tenho uma história: vivo e me construo na sociedade, mas nela vivo coisas que nenhum ser humano, por mais próximo que seja de mim, vive exatamente da mesma maneira”.
(Charlot, 2000)

Com base na citação de Charlot (2000), afirmamos que as histórias de vida são únicas, a partir do caminho metodológico por meio da entrevista narrativa, percebemos que muitas histórias apesar de serem únicas, existem algumas semelhanças nas narrativas de três mulheres contadoras de histórias no Pontal do Paranapanema.

Partimos de uma pesquisa narrativa qualitativa pautada nas diretrizes epistemológicas do método (auto)biográfico, centrado em um conjunto de interações que os processos de subjetivação, individuação e construção de si possuem com o mundo social e com os outros. Em respeito às histórias de vida e o que este estudo pretende alcançar podemos afirmar que nosso olhar “diz respeito ao biográfico enquanto dimensão constitutiva da gênese e do tornar-se sócio individual” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136). Desta maneira, a pesquisa (auto)biográfica se destaca nesse campo qualitativo para o nosso estudo, pois considera fenômenos eminentemente humanos do ponto de vista histórico, social e político. Entendemos que enxergar as pessoas a partir de suas subjetividades é um modo mais cuidadoso com a palavra do outro, assim os compreendemos em seus contextos sociais e em sua totalidade em respeito a suas histórias de vida.

No âmbito da (auto)biografia, são considerados as questões da temporalidade, que ocorre pela construção de si e das suas experiências humanas, em que aquele que narra revive momentos significativos de suas histórias. De acordo com Delory-Momberger (2016), a pesquisa (auto)biográfica se associa na reflexão do agir e do pensar humano, sistematizando e construindo a experiência a partir de uma razão narrativa. Para a autora,

Falar sobre a construção da experiência é falar sobre o que está no âmago da atividade biográfica. É falar da maneira pela qual cada um de nós nos apropriamos do que vivemos, experimentamos, conhecemos, pela qual nós o transformamos precisamente em “experiência”. As experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 137).

A partir dessa citação, podemos dizer que os espaços sociais em que as pessoas estão inseridas, revelam seus perfis biográficos e suas ações, assim como diz muito sobre seus saberes compartilhados e suas experiências cotidianas, as pessoas são formadas por esses lugares e as experiências em que vivem neles.

As histórias são atravessadas pelas relações sociais e pelo cotidiano da vida humana, resultando na conexão das experiências acumuladas e do modo único como essas vivências tocam cada um, pois são sujeitos sociais e singulares, durante a narrativa essas pessoas rememoram e ressignificam fatos importantes de suas vidas. Para Souza (2006), isso é o que torna a narrativa fecunda, pois quem narra sua história está tecendo redes de significação de suas experiências, possibilitando que o narrador produza um “conhecimento de si” e de seus mundos sociais. Por esse ponto, compreendemos assim como Benjamin (2012), que cada pessoa é uma figura narradora, sendo essa uma forma artesanal de comunicação.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu no meio artesão – no campo, no mar, na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir “o puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 2012, p. 221)

Para Benjamin, a narrativa é um fenômeno que torna a memória possível, pois ela não existe sem a experiência daquele que o narra. Desta maneira, ao narrar uma história vivida, revive-se ela novamente, assim, a experiência se constrói na memória do passado e do presente. Ao reviver os fatos do passado por meio da narrativa, são criadas memórias no presente tendo a oportunidade de ressignificá-las de formas subjetivas no momento em que ele o narra. Ainda sobre as narrativas (auto)biográficas, em sintonia com o pensamento de Benjamin, Souza (2014, p. 43) corrobora com esse aspecto, pois entende que as narrativas “centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar e narrar”.

Nesta perspectiva, a ação biográfica é um conjunto de operações mentais, verbais, comportamentais em que aquele que o narra o faz de maneira subjetiva nas temporalidades históricas e sociais do ponto de vista de sua vida. Desta maneira, a pessoa tem a possibilidade de reconhecer a si mesma e também por meio da relação com o outro. Desta forma,

as entrevistas narrativas, as narrativas biográficas contribuem para constituir um conhecimento em situação, uma compreensão do interior das vivências humanas. Têm acesso à maneira como atores singulares vivem, pensam e agem em suas vidas dentro dos seus próprios contextos, contra os discursos dominantes e os saberes hegemônicos, eles fazem acontecer “o ponto de vista do sujeito” e os tipos de saber que ele elabora ao longo de sua experiência: um saber que se constrói sempre em um lugar historicamente, socialmente e semioticamente situado e que remete – para usar um termo de Donna Haraway – à perspectiva “incorporada” dos lugares, das condições e dos pontos de vista tanto coletivos quanto singulares a partir dos quais ele foi dito. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 144)

Assim como Delory-Momberger (2016), pensamos que as entrevistas narrativas são uma forma de compreender uma determinada situação a partir da perspectiva daquele o narra, revelando as singularidades e contextos vivenciados pelo narrador. Também é possível, apesar de ser algo subjetivo e único, se aproximar dos contextos de outros narradores que vivem na mesma região do Pontal do Paranapanema, que é o foco desse estudo, na tentativa de encontrar algo que os aproxime, por conta de suas atuações em um mesmo espaço territorial.

Schütze (2011) nos aponta sua preocupação ao analisar as narrações de vidas no campo sociológico:

De minha parte, pretendo deixar claro que os modelos de análise e interpretações biográficas dos portadores da biografia somente me interessam no contexto da reconstrução da história de vida e não para além dele. É certo que a história de vida está impregnada de forma marcante pelos modelos de análise e pelas interpretações do portador da biografia, mas é justamente esse contexto que vale a pena desvendar. E para tanto a pergunta heurística inicial de grande auxílio é a seguinte: “O que aconteceu nas histórias de vida que nos interessam sociologicamente?” Em minha opinião, a pergunta “Como o portador da biografia interpreta sua história de vida?” Deve ser explicada de forma satisfatória somente quando o pesquisador conseguir relacionar os esforços teóricos interpretativos do portador da biografia com o contexto de vida no qual ocorreram os desencadeamentos de processos fáticos. (SCHÜTZE, 2011, p. 211).

Dessa maneira, pautados no pensamento de Schütze (2011), entendemos que o fundamental é perceber a estrutura temporal e sequencial da história de vida daquele que narra. A história de vida é um conjunto de processos que estão articulados entre si, e eles vão se modificando a partir do momento que eles os narram. Por meio da entrevista narrativa, podemos apreender dados primários, cuja análise irá possibilitar retornar às relações temporais e sequenciais da vida do narrador durante a narração da (auto)biografia improvisada.

Para Schütze (2011, p. 212), “na medida em que o objeto da narrativa seja efetivamente a história de vida do informante e transcorrendo compreensível de forma que o ouvinte possa segui-la, não deverá ser interrompida pelo pesquisador-entrevistador”. Esse é um passo importante a seguir, para que não haja influência do pesquisador no fio condutor de sua narrativa. Nesse sentido, utilizamos três pontos centrais durante a entrevista narrativa, seguindo o roteiro de preparação desenvolvido por Jovchelovich & Bauer (2002), que influenciou os estudos de Schütze (2011), e sintetizados no Quadro 4.

Quadro 4: Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo. Formulação de questões exmanentes.
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração. Emprego de auxílios visuais (opcional).
Narração central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal para continuar a narração. Esperar para sinais de finalização (codas).
Fases de perguntas	Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir contradições. Não fazer perguntas do tipo “Por quê?”. Ir de perguntas exmanentes para imanentes.
Fase conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “Por quê?”. Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: JOVCHELOVICH & BAUER, 2002, p. 97

A partir das fases principais propostas por Jovchelovich & Bauer (2002), realizamos a entrevista narrativa com três contadoras de história do Pontal do Paranapanema: Bia, Cida Santos e Ivonete, todas residentes do município de Presidente Prudente/SP.

Iniciamos a entrevista por uma conversa descontraída, com o objetivo de aproximar a entrevistadora às narradoras, uma vez que já existia uma relação afetiva com as entrevistadas. A partir do momento que estavam prontas, retomamos a explicação sobre o teor do trabalho de conclusão de curso e seus objetivos e como seria o formato da narrativa. Demos início à gravação mediante autorização delas e anunciamos a pergunta que iria conduzir suas narrativas. Cada uma das três, narrou de forma ininterrupta e livre suas histórias de vida, as intervenções ocorreram apenas por meio de encorajamentos visuais, como concordância com expressões faciais. Esse foi um momento de escuta atenta e significativa. A seguir trazemos as informações técnicas com a síntese de como ocorreram às entrevistas:

Quadro 5: Entrevista narrativa - informações técnicas

Entrevistada¹	Local	Duração da entrevista
Bia	Casa da narradora	21 minutos
Ivonete	Casa da narradora	50 minutos
Cida Santos	Casa da narradora	31 minutos

Fonte: Elaborado pela autora.

¹ Tendo em vista as questões de ética e rigor que envolvem as pesquisas com seres humanos, nesta pesquisa, o uso dos nomes reais foi autorizado pelas narradoras mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido e termo de autorização de uso da entrevista, que constam nos apêndices.

Foram produzidos 102 minutos de vídeo a serem transcritos e analisados. Tendo em vista os objetivos do trabalho, que é definir o perfil dos contadores de história do Pontal do Paranapanema, buscamos analisar a narrativa durante a entrevista a partir de alguns aspectos: o percurso como contadora de histórias, como começou a contar histórias, como e em quais locais contam suas histórias, quais indumentárias ou cenários utilizam e quais histórias contam.

Iniciamos o contato com as narradoras em um primeiro momento, depois combinamos o dia, horário e local para a realização das entrevistas. Partimos de uma pergunta disparadora para as três entrevistadas: “Gostaria que você me contasse um pouco sobre você e o seu percurso como contadora de histórias, como começou a contar histórias, como e em quais locais você conta histórias, quais indumentárias ou cenários você usa, quais histórias você conta. Tudo que lhe ocorrer e for importante para você... E, mais tarde, farei perguntas sobre o que você disser...”

A seguir apresentamos um resumo das histórias de vida das nossas narradoras do Pontal do Paranapanema que fizeram parte desse estudo.

7 Existir e resistir: A construção de sentidos da contação de história no Pontal do Paranapanema

*“Os contadores de histórias são guardiões de tesouros,
feiticeiros de palavras, que ensinam a compreender
o mundo e a si mesmos.
Eles semeiam sonhos e esperança”.*
(Gislayne Avelar Matos, 2014)

A palavra ouvida, jamais será esquecida. Os cheiros, os sons, o ritmo daquele que conta e encanta por meio dessa arte ficam pra sempre na memória daqueles que ouviram uma narradora de histórias, pois esse ritual é sagrado e carregado de poder. Ao escolhermos o caminho das histórias, precisamos primeiro nos despir de todo o conhecimento superficial que construímos até hoje e buscar em nossa ancestralidade o nosso mais profundo Eu.

Precisamos exercitar nossa escutatória, deixar de lado as histórias que nos contaram e buscar aquilo que não nos contaram, pois como Djamila Ribeiro (2020, p. 64) nos aponta “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir”, assim contamos histórias para existir. Nossa cultura, nossos saberes herdamos dessa existência dos nossos ancestrais. Podemos observar isso, na palavra de nossas três narradoras, nessa busca por suas ancestralidades e os seus percursos como contadoras de histórias e como começaram a contar.

Eu venho de uma família que não teve muito contato com estudos acadêmicos. Alguns nem terminaram a escola básica e a minha relação com a contação de história, oficialmente reconhecendo como profissão, como ofício de contador ela se inicia na graduação. Porém, quando eu resgato o meu Eu contadora de história, ele já tem traços encaminhados, desde que eu era pequena, porque a minha mãe ela gostava muito de contar história para gente, de inventar histórias, então a gente pedia para ela inventar histórias (...) Eu lembro muito dela fazendo isso, contando inventando histórias para gente e a minha avó também, a minha avó ela tinha muita prática assim de contar para gente sobre histórias de lobisomem, histórias mesmo assim do nordeste, do Ceará (...) Eu também tinha uma professora... agora eu estou até lembrando mesmo disso, que tinha uma professora que contava histórias (...) Então hoje, quando eu olho assim para o meu Eu, eu identifico todas essas personagens aí contadoras de histórias que estiveram na minha trajetória e que eu sei que de alguma forma eu tenho um pouquinho delas (Bia).

Na verdade a gente aprende a contar história eu acho que na família né!? A minha mãe sempre foi uma grande contadora de história, ela uma pessoa que foi impedida de aprender a ler e escrever na infância. Então, ela recontava as histórias, talvez até para não esquecer, porque era o que ela tinha como possibilidade de lembrar, então ela sempre contou muitas histórias, então desde muito pequena que eu lembro dela falando. E a gente nasceu no bairro rural (...) E ela contava da vida dela, de quando era criança, como eram as fazendas quem era fulano quem era beltrano e aí tinha outras pessoas nessa comunidade que também relembavam suas infâncias. (Ivonete).

Eu comecei a contar histórias há muito tempo atrás, eu acho que eu já nasci contando história. Eu sou nordestina, sou filha de nordestino, sou Alagoana e eu me lembro assim, das cenas das memórias afetivas do meu avô em volta de uma fogueira todo mundo reunido e ele contando história. Eu tinha por volta de 5 anos 6

anos, mais ou menos e eu ficava encantada! Eu não sabia ler, nem escrever, nem tinha noção do que era isso (...) Eu me lembro quando eu tinha 7 anos eu entrei na escola e eu era apaixonada pelos livros. Então eu ouvia uma história e eu reproduzia do meu jeito, o jeito que eu achava que era gostoso de contar. E assim, a minha vida foi se tornando uma contadora de história. Então, eu ouvia e reproduzia, ouvia e reproduzia, eu ficava fascinada com os contos que meu avô contava, sabe? Eram contos que você não achava em lugar nenhum. (Cida Santos).

As três histórias de vida têm origens muito semelhantes. O resgate dos mais velhos, os que vieram antes a elas modelaram a forma como são e como enxergam a vida e as histórias hoje. “Todo contador de histórias foi marcado, de alguma forma, pela literatura. Provavelmente, porque leram ou contaram histórias para ele na infância” (SISTO, 2012, p. 39).

Para a contadora de histórias e pesquisadora Gislayne Avelar Matos (2014, p. 130), essa origem da palavra do contador de histórias vem muitas vezes da herança e da tradição dos mais velhos, pois “os avós confiaram às pessoas próximas a eles e às crianças os segredos contidos nos contos. Estes sempre se encarregam de guardá-los no melhor lugar e no mais seguro: o próprio coração”. Essa relação afetiva construída entre nossas três contadoras e seus avós modelaram a forma de se relacionarem com suas histórias no tempo presente.

Histórias essas, repletas de evidências muito mais daquilo que não nos contaram do que a história única aprendida e ensinada. A fala delas nos revelam muitas coisas, entre elas a falta de acesso ao ensino enquanto um direito. Foi por meio da palavra e da oralidade e suas histórias de vida que foram se colocando no mundo e recontar essas narrativas ouvidas durante suas infâncias é uma forma de revelar a potência da palavra e da sabedoria popular, pois o conhecimento formal ensinado na escola é apenas uma parte de nossos conhecimentos adquiridos, grande parte da nossa formação humana e ética são ensinados por meio das experiências vividas e passadas pelos nossos mais velhos. Que de acordo com Hampâté Bâ (2015, p.156)., “a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em determinada sociedade (...) é a ligação entre o homem e a palavra”

De acordo com Boaventura de Souza Santos (2009), não há neutralidade, fomos impactados pelo colonialismo e pelo capitalismo moderno na construção das epistemologias dominantes, desta forma,

o colonialismo, para além de todas as dominações, por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade. (SOUSA SANTOS, 2009, p. 7).

Mas, podemos romper com todas essas dominações, como as três narradoras a fazem, por meio do conto, ao trazerem para suas práticas de contações muitas dessas histórias ouvidas de seus pais, seus avós, elas carregam consigo parte do que a sociedade suprimiu de seus saberes, pois, de acordo com Matos (2014, p. 21), “o espaço do conto é um espaço potencial na medida em que ele aconchega, quebra barreiras, institui as igualdades”. E ainda por meio dele “é possível derrubar as barreiras entre os mais velhos e os mais jovens, entre homens e mulheres, entre classes sociais distintas” (MATOS, 2014, p. 21).

Boaventura Sousa Santos (2009) nos faz perceber as epistemologias existentes nessas origens, as histórias não contadas que foram extraviadas no meio do caminho pelo colonialismo e pelo capitalismo e essas mulheres do Pontal do Paranapanema, nos fazem ver assim como esse autor, se caminhar e olharmos o interior há mais coisas e mais histórias não contadas do que imaginamos. Trago para essa reflexão, a conversa a partir de Djamila Ribeiro (2020, p. 60), de que “não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social ocupado por certos grupos restringe oportunidades”, ou seja, essas histórias narradas, não são as verdadeiras, o contato com os ofícios tradicionais e seus rituais nos foram suprimidos e pouco sobrou de seus rituais iniciatórios.

Para Hampâté Bâ (2015) ter a oportunidade de enxergar uma outra história pautada em uma tradição oral, como uma herança de conhecimento, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulos, são tesouros que pertencem a toda a humanidade e o homem tem uma forte ligação com essa palavra que é sagrada e que tem relação com a humanidade. Na tradição bambara, a família é a primeira célula onde aprendem as “primeiras lições de vida” por meio das histórias. Como observamos, Bia, Ivonete e Cida trazem como fonte de suas histórias, a suas próprias memórias no seio familiar. Esse espaço social foi responsável pela base de suas formações. De modo que o “ensinamento não é sistemático é ligado às circunstâncias da vida (...) a lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança” (HAMPÂTÉ BÂ, 2015, p. 167).

Um dos pontos que a entrevista narrativa passou foi a questão dos locais onde elas contam suas histórias, de maneira significativa, cada uma delas caminham por espaços públicos e políticos. Na perspectiva de Hampâté Bâ (2015) o “conto é o veículo privilegiado da ética” e que portanto cabe em qualquer lugar, mas não de qualquer maneira, por isso, estar em espaços privilegiados como escolas, projetos sociais, hospitais e coletivos são formas de preservar essas questões éticas e morais da humanidade.

Hampâté Bâ (2015) expõe a relação com as histórias da cultura africana: todas as relações dos sistemas mágico-religiosos africanos buscam preservar ou estabelecer o “equilíbrio das forças e da harmonia do mundo material e espiritual”. E que, portanto, a “fala é uma exteriorização das vibrações de forças interiores, (...) a força interior nasce da interiorização da fala” (HAMPÂTÉ BÂ, 2015, p. 163). Podemos perceber dentro dessas culturas, o seu lugar de poder a elas atribuído. Mas, de acordo com Matos (2014, p. 59), quando um conto é levado de uma cultura a outra, ele “deve passar por um processo de adaptação, caso contrário não se comunica”.

Pensar nos espaços em que essas histórias acontecem também é muito importante, pois são uma forma de resistir e existir atribuindo sentidos aos locais e para as pessoas que irão ouvi-las. Podemos destacar esses espaços onde nossas três narradoras circulam:

Então, eu fui para o CELLIJ e comecei a estudar mais sobre o contação de histórias... realmente sobre a literatura infantil a gente começou a ter informações para contador de história lá no CELLIJ a gente tinha essa experiência também de receber crianças da escola pública do município e a gente se organizava em temáticas para ciclos de contação e a gente tinha ali professores, pessoas de mestrado e doutorado que nos orientavam nas contações de história e a gente também tinha formação às vezes com o pessoal do teatro que era muito importante (...) no dia que eu vi que havia essa possibilidade, a oportunidade do CELLIJ e por ter sentido ali mesmo as pessoas me ouvindo e eu nunca tinha estado naquele lugar de ser ouvida e foi um retorno bom eu falei é isso! Eu quero fazer isso! Eu gosto de fazer isso! (Bia).

Eu fui ficar admirada quando as pessoas começaram a me convidar para contar histórias. Até que chegou uma hora que o Sesc começou a me pagar para contar história, eu falei: _Que negócio né? Contar história e receber para contar história? (...) Aí as pessoas começaram a convidar. Teve um dia que eu estava fazendo a Faculdade de Pedagogia e a professora Fátima Rota falou: Ivonete, no seminário de EJA você conta uma história na abertura? Eu fiquei pensando, mas eu vou contar que história na abertura do seminário de EJA? (Ivonete).

E quando eu vou a Bauru, que meu filho faz tratamento lá, desde que nasceu, no centrinho em Bauru, já há 34 anos. Toda vez que eu chego lá é muito interessante, então eles falam: “olha, chegou a mãe contadora de histórias!” Então, eu tenho um cantinho das crianças, aí eu fico naquele cantinho entre o atendimento do Diego e outro, eu conto história. A última vez que eu fui fizeram até uma reportagem, foi bem legal! (...) Eu conto história no Matarazzo né, já faz algum tempo desde que teve o salão do livro. Eu conto história no projeto Cida de escola, já vai fazer 13 anos, com a oficina a hora do conto. Toda semana é uma história diferente (...) eu trabalho dando curso de formação para contadores de história, professores ONGs, ou as pessoas interessadas, não só aqui em Prudente, mas na região... Regente, Bernardes eu já fui fazer contação, Alfredo Marcondes eu fui dar curso de formação. Então, eu levo eu quero levar assim a contação de história para os quatro cantos (...) uma das experiências assim marcantes para mim foi quando eu fui convidada para contar história no hospital do Câncer, lá no HR (...) Eu fui na arquitetura convidada pela professora Neide e a Neide falou assim: “você vem contar uma história aqui pro pessoal?” E aí, eu fui contar história agora antes do recesso, no começo de julho e eu fui contar história lá, na arquitetura e eu achei muito interessante, porque arquitetura? O que é que arquitetura tem a ver com a narrativa? (...) eu fui em Oscar Bressani, gente... eu fui fazer contação de histórias em Oscar Bressani foi fabuloso,

a cidade de 2300 habitantes e praticamente a cidade inteira estava naquela praça, sabe... tinha tanta gente e os pequeninhos faziam assim: “óh!” Então eu tive que separar as histórias para cada faixa etária e foi fabuloso é igual quando eu fui aqui em Alfredo Marcondes, no começo do ano, as crianças faziam assim: “óh! Verdade? (Cida).

O contador de histórias tem esse poder mágico de ocupar territórios e levar sua palavra, isso é um ato político. Todos estes espaços descritos por elas representam um rompimento de barreiras e de classes sociais, pois o conto pode chegar em todos os lugares e para todas as pessoas e para todas as idades. Bia usa o espaço da universidade e os projetos de extensão do CELLIJ para pensar nas questões da formação desse contador de histórias e acessar crianças, professores e toda a comunidade ao seu redor. Ivonete, por meio da sua palavra chega ao público do EJA (educação de jovens e adultos) e naqueles que pesquisam e estão inseridos nessa pauta, entre eles alunos de graduação, professores e gestores, assim como ela chega ao público do terceiro setor como no caso do Sesc por onde ela circula. E Cida Santos, leva suas histórias para as crianças da rede pública municipal de Presidente Prudente por meio de um projeto com vivências continuadas e amplia seu alcance ao contar em praças públicas das cidades próximas a seu município, assim como faz um trabalho relevante e significativo em hospitais.

Regina Machado (2015) reflete sobre a prática da contação de histórias em espaços peculiares, como faz Cida Santos:

“Fico pensando em alguém que resolve dedicar algumas horas de sua vida lendo histórias para uma criança desconhecida, deitada numa cama de hospital. Não é o medo que une essas duas pessoas nesse instante. Ambas transitam, cada uma por sua própria história, dentro do conto. Não se trata de negar ou fugir da dura realidade, do medo ou da impotência. Experimentam a si mesmas em outras possibilidades de existir, além do medo (p. 34).

Para Cida, essa foi uma experiência muito marcante e potente, pois como pondera Machado (2015), essa é uma forma de reexistir, enxergar o mundo por um outro olhar, um outro tempo e espaço, nos leva a questionar nossas próprias histórias a viver questões inerentes a vida que vão muito além do medo.

Para além dos espaços em que as narradoras do Pontal do Paranapanema contam suas histórias, gostaríamos de saber também quais elementos e caracterizações elas se utilizam nesses momentos. Pois acreditamos, assim como Matos (2014, p. 66) que “às vezes ocorre de uma roupa ou de um ornamento se ritualizarem. Investindo valores simbólicos no grupo social”.

Mas agora eu vou ter que criar um jeito de contar história e ter uma roupa (...) E aí eu botei uma roupa da roça né, porque eu não tinha nenhuma roupa feita assim né

pela costureira, com saia com flor, nem nada eu falei eu vou botar uma roupa da roça (...) Depois eu fiquei pensando nas histórias afro-brasileiras, como encenar essas histórias e aí foi aí que eu criei uma outra personagem que é uma contadora de histórias que eu já fiz um cenário para ela né, fiz uma roupa e a roupa é uma roupa de abayomi (...) então essa personagem que eu tenho para contar as histórias das abayomis, ela também usa uma roupa feita de nozinho aí, eu cortei o tecido para fazer a saia, uma blusa e aí essa personagem dá para a gente pôr a roupa montando mesmo a roupa na frente das pessoas, só com os nós e eu deixei a roupa mais ou menos pronta né, com a saia já com a possibilidade de colocar pela cabeça e a fita pra amarrar depois. Então, eu consigo me vestir como uma boneca abayomi, mas já no palco e aí com o cenário pronto que foi um cenário que a gente montou, ele também é repleto de bonecas abayomi e aí a gente conta um pouco dessas bonequinhas, de nós, a maneira como elas foram criadas, a representatividade que ela tem do povo negro como um todo, a exigência dela ser uma boneca feita com nozinhos e sempre com o corpo preto retinto (...) (Ivonete)

Podemos perceber que pela fala de Ivonete, que a roupa, o cenário também conta histórias, produzem um conhecimento importante a ser apresentado aos seus ouvintes. Eles não são neutros, transmitem e revelam valores e concepções de classes sociais que tiveram seus apagamentos na história de nosso país e ao colocar essas questões em suas performances. Esse figurino é muito mais do que um elemento dispensável, ele é um ato político, social e consciente, pois coloca em xeque culturas que nos foram suprimidas. Assim, para Matos (2014),

os elementos visuais desempenham um papel importante na impressão do ouvinte. Além do corpo que fala, o cenário e tudo mais que atrai os olhos corrobora para que o assistente-ouvinte mergulhe numa temporalidade outra, diversa desta da realidade concreta. Momentum capaz de interromper o fluxo da existência histórica para arremessá-lo a uma dimensão de criação capaz de encadear numa ativação simultânea todos os sentidos (p. 68).

Nem todas os ouvintes de uma narração possuem conhecimentos prévios capazes de trazer a memória imagens mentais para a construção do conto, pois como já afirmamos anteriormente, a cultura de muitos povos sofreu apagamentos significativos. Trazer um pouco desses elementos auxiliam o público a adentrarem nesses muitos universos, nesse tempo das histórias que estão sendo contadas, colaborando para que eles elaborem memórias positivas sobre determinada sociedade. Nesse sentido, podemos dizer que

O componente fundamental da recepção é, portanto, a ação do ouvinte, recriando à sua maneira e de acordo com suas configurações interiores o universo significante que lhe é transmitido. Os traços que essa recriação imprimem no ouvinte pertencem à sua vida íntima e não necessariamente e imediatamente aparecem exteriorizada em suas atitudes. (MATOS, 2014, p. 80).

Por isso, em concordância com a citação de Matos, podemos afirmar que o cenário, o figurino não são meros adereços, são elementos fundamentais para a recepção dos ouvintes em muitos casos, pois esses componentes visuais complementam a narrativa. Desta maneira, por meio de sua palavra, o contador pode trazer tanto em sua memória, como para a memória

dos ouvintes referências de um tempo anterior ao conto narrado, desperta naquele que conta e naquele que ouve sentimentos e sensações vivenciados no passado.

É assim que eu me sinto, quando eu consigo levar uma história que traz alegria para alguém, que traz algum sentimento, ter aquelas memórias é como uma história que eu amo contar: A colcha de retalhos e essa história ela é totalmente afetiva, um homem ele chorou quando ele ouviu essa história e ele disse assim pra mim que ele sentia o cheiro da comida da vó dele, que ele sentia o cheiro da pele da vó dele enquanto eu contava a história. Então, isso é fascinante, sabe, é você liberar coisas dentro do outro, sentimentos que você nem imagina que a pessoa tem. (Cida Santos).

Para Matos (2014), a relação com o ouvinte é “direta e imediata”, como observamos na fala de Cida Santos, pois por meio da “performance da palavra” os dois estão vivenciando ao mesmo tempo um mesmo conto, mas cada um traz na memória as suas relações afetivas, desta maneira são despertados em ambos sensações únicas e potentes.

Toda história traz em si um ensinamento, para Hampâté Bâ (2015, p. 157) “a tradição oral baseia-se em certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo”. A palavra não é desvinculada das potencialidades do ser humano, “ela traz em si uma lição de moral, uma indicação prática, um ditado ou norma de vida, de qualquer forma o narrador, por meio de sua narrativa, é alguém que dá conselhos de vida” (MATOS, 2014, p. 95). Bia, Ivonete e Cida Santos apropriam-se da ideia de passar uma mensagem aos ouvintes.

Eu vim contar essa história e eu vou transmitir essa mensagem. Não que necessariamente haja uma mensagem ali na história que seja esperada se entender, mas a gente transmite uma mensagem, com o nosso corpo, com o nosso olhar (Bia).

A gente que viveu essa história urbano rural a gente tem essas referências, mas as pessoas que são da cidade elas ficam fascinadas por esse universo que é um universo muito desconhecido das pessoas mais novas né, o fato de viver uma casa aqui não tinha energia elétrica a maioria não sabe o que é isso, as brincadeiras que a gente tinha de brincar de vagalume, as pessoas não tem a menor noção do que que é um bando de vagalume porque hoje quando aparece é um ou outro só e a gente fazia carreatas de vagalume no chão, aquela escuridão ia catando os vagalume e eles ficavam fascinados pelo vagalume da frente e um vagalume ia seguindo o outro no chão, era muito engraçado, mas isso era porque tinha muito vagalume, então a gente podia fazer essas brincadeiras. Esconde-esconde no meio do mato no escuro, é claro que ia dar problemas, porque sempre alguém se machucava porque tinha caco de vidro, tinha cerca de arame farpado, tinha outros bichos né, as cobras que estavam dormindo acordavam e tinha gente pulando pelos meio do mato, então sempre tinha alguma coisa. Era disso que a gente brincava e as casas da gente não tinha banheiro dentro, era só privada de buraco e aí tinha as peripécias dos gatos que... olha... era rara a família, a semana que um gato não caia no buraco (Ivonete).

Toda semana é uma história diferente, mas é uma temática diferente, onde eu abordo conteúdos que vai trabalhar com a criança no seu sentido amplo né. Então, no meu sentido eu trabalho a dificuldade, a dificuldade que as crianças têm, eu trabalho o tema bullying. Às vezes tem um conceito assim, de preconceito mesmo, então todos os temas polêmicos eu procuro contar dentro da contação de história e fazer a criança perceber e fazer a criança perceber que eles estão errados quando eles tratam mal um colega, mas não assim... é a minha oficina, não é uma forma de chamar a

atenção, mas é uma forma de que eles percebam, através da contação de história que eles não estão agindo como deveriam agir (Cida Santos)

Ao transmitirem uma mensagem aos seus ouvintes, todas elas estão longe de passar uma “lição de moral”, mas sim de uma moralidade enquanto seres humanos, pois “longe de ser ilusão o maravilhoso nos fala de valores humanos fundamentais que se utilizam e ganham significado para cada momento da história das sociedades humanas, no instante que um conto é relatado” (MACHADO, 2015, p. 44). Falar de tais questões nos parece ser relevante no contexto em que vivemos, pois assim “o conto é um suporte de ensinamento para a iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, na medida em que revela o comportamento ideal de um ser humano no seio da família ou da comunidade” (MATOS, 2014, p. 35). Desta forma,

para as crianças, o ensinamento veiculado pelos contos é o de uma moral prática. Desde cedo os contos lhes ensinam as vantagens de um comportamento harmonioso na comunidade. Ensinam que fraternidade, cooperação, solidariedade, amizade são valores necessários à sobrevivência de qualquer grupo. E não o fazem por meio de preceitos éticos abstratos, mas usando da melhor maneira o imaginário da criança, que poderá contextualizar pelas imagens mentais o ensinamento neles contido. (MATOS, 2014, p. 39).

Tais questões são apreendidas em muitas sociedades por meio dos contos e que, de acordo com a tradição bambara, “a família é a primeira célula (...) que lhes ensinam as primeiras lições de vida por meio das histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc” (HAMPÂTÊ BÁ, 2015). Por isso, para quem conta as histórias são verdadeiras, transmitem uma seriedade e confiança aos seus ouvintes, porque primeiro elas precisam acreditar no que proferem para depois transmiti-las para o outro.

Eu percebi que nesse processo todo que as histórias que eu gosto de contar são as que eu acredito na ideia. Enfim, no sentido que ela tem para mim eu estabeleça essa relação de um significado ali com aquela história, então eu vou contar ela como uma verdade e aí eu me saio muito bem entre aspas, porque eu acho que eu não sou uma contadora de histórias, eu já vi muitas contadoras de histórias incríveis, então assim eu sei que eu tenho muito para caminhar ainda, mas eu conto uma história de verdade então é isso que eu vejo (...) E realmente todo aquele nervoso que eu estava no dia, passou no momento que eu me sentia conectada com as pessoas que eu sabia contar a história, que eu sabia no sentido de que aquela história era verdadeira para mim, então eu tinha as imagens as cenas da história da minha cabeça e parece que eu estava lá na história realmente contando para as outras pessoas. (Bia).

Mas, foi isso essa foi uma das histórias reais na verdade é que acabaram contribuindo para que eu conseguisse aprender a contar história e as minhas mais velhas que eram muito divertidas nesse ponto, eram muitas histórias dramáticas que elas transformavam em piadas, então eu lembro que quando se voltava da roça era raro o dia que o clima estava pesado, de maneira geral tinha um ambiente de gozação enorme de contação de história. (Ivonete).

Então, eu me teletransporto pra aquela história e vivo ela, eu vivo com uma intensidade de sentimentos que algo inexplicável. Eu acho, que é por isso que eu

consigo passar tanta veracidade para quem tá ouvindo a história. Porque eu vivo a história, eu faço parte do contexto dela. (Cida Santos).

Nesse sentido, os contadores de histórias “só podem contar aquelas histórias nas quais acreditam: quando se trata de histórias vividas, lembranças, somos carregados por uma espécie de graça” (MATOS, 2014, p. 127). Então, as histórias são sagradas para quem conta, são mágicas e verdadeiras. Assim, de acordo com Machado (2015),

Os protagonistas somos nós, é nossa própria história que nos contamos enquanto vivemos o relato exemplar. Enquanto estamos dentro do conto, experimentamos a certeza de que valores humanos fundamentais como a dignidade, a beleza, o amor e a possibilidade de nos tornarmos reis permanecem vivos em algum lugar dentro de nós” (p. 35).

Por isso, contamos histórias, para nos sentirmos vivos em algum lugar, experimentando sensações humanas que por muitas vezes, nesse mundo real nos esquecemos de sentir e apreciar as belezas e tristezas, os amores e os dissabores, os desejos e a repulsa. “Este lá para onde a pessoa se transporta é o lugar da imaginação como possibilidade criadora e interativa do homem” (MACHADO, 2015, p. 43). Nessa corrida da vida, não temos tempo para nós mesmos e isso não é viver, é sobreviver, e os contos são esses espaços de ternura e a retomada de nossas essências.

Um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, como o do ontem ou do amanhã (...) faz sentido em outro lugar e em outro tempo: no domínio do imaginário (...) o que nos dá pista para pensar que além da experiência cronológica da história onde nos entendemos como pessoas que têm família, profissão, idade, endereço e documento de identidade, nós também temos uma experiência acima desse tempo (MACHADO, 2015, p. 41).

O tempo das histórias é atemporal, é místico e percorre diferentes universos em um curto espaço de tempo e espaço. Nele sonhamos e desejamos ser quem quisermos, estar onde queremos estar. É o tempo do silêncio, dos vazios, da espera e da escuta interior.

Cada contador tem seu conto favorito, não se conta qualquer coisa, mas sim, aquelas histórias que fazem sentido para quem conta e o processo dessas escolhas de acordo com Thiery (2001 apud MATOS, 2014), “não basta escolhermos o conto, é indispensável nos sentirmos escolhidos por ele, trata-se de um reconhecimento mútuo que é ao mesmo tempo uma chave e um motor do desejo de dar palavra ao conto”. Como a Bia escolhe suas histórias:

Hoje quando eu faço e eu posso escolher as histórias eu escolho as minhas preferidas porque são as histórias que eu conto melhor, as histórias que eu mais gosto, os autores que eu gosto, também as faixas etárias que eu gosto. Então, tudo isso faz parte do meu universo de contação, quando eu penso na contação eu me preocupo com tudo isso, com as histórias que eu tenho que contar, as temáticas, o público (...) Eu trabalho muito com histórias de autores e escritores brasileiros. Eu gosto muito de priorizar a literatura brasileira. E aí, vai depender mesmo das faixas etárias, eu sempre penso muito na faixa etária e também no tempo que eu tenho para contar

história, quanto tempo que eu tenho, de cronômetro mesmo (...) Então se eu conheço mais o público, eu consigo fazer uma seleção mais detida, senão eu vou pensar em coisas mais gerais, quando eu não tenho controle da idade e qualquer pessoa pode chegar também para escutar aquela história. Então, vai depender de tudo isso, gosto muito de história com rimas, que tem essa coisa poética, gosto do universo fantástico! Sou apaixonada pelos contos, pelas histórias que fazem referências aos contos de fadas, porque na verdade foi a minha construção literária da infância, foram os contos de fadas e eu amo as histórias e gosto de histórias que realmente dá vazão para interpretação e para sensibilização também, gosto das histórias divertidas. Eu estou aprendendo na verdade contar histórias mais divertidas, fazer o público rir e isso também é uma coisa que eu tenho experimentado, porque eu sou uma pessoa mais melancólica, então geralmente eu escolho histórias mais melancólicas, mas na última contação que eu fiz para os adolescentes teve adultos, eu contei uma história muito engraçada e foi contagiante a história engraçada contagiou todo o ambiente e adultos estavam morrendo de rir, adolescentes tinham esquecido que era adolescentes, então aí eu falei: gente isso é uma história muito boa! (...) eu sempre escolho história da literatura geralmente, gosto muito do pessoal que trabalha com a questão das histórias orais, dessas histórias que foram passadas através da oralidade, mas eu ainda não tenho essa prática. Eu sou uma pessoa que conta mais vezes na Literatura Infantil escrita que a gente tem, mas sempre pensando nisso: que é uma expressão da arte, é uma expressão humana, a história já saiu do livro. Ela já se torna a história da Bia sobre aquele livro, então ela já não é mais só aquela história daquele livro e é bem isso que eu penso quando eu vou contar história (Bia).

Percebemos que Bia tem um cuidado em contar aquelas histórias que mais lhe agradam e que de alguma maneira tem relação com sua vida e sua identidade. Consegue pensar em questões como o tempo das histórias, a faixa etária de seu público e os espaços em que a narrativa será realizada. Também é possível observar em sua fala que as histórias lhe pertencem, mesmo não tendo sido ela a autora do conto ela o ressignifica. Desta forma, ela é capaz de levar o público, por meio da sua arte de narrar suas histórias, “a perceber a beleza da construção dos textos, a descobrir as diversas modalidades textuais, a perceber o trabalho autoral por trás das palavras” (SISTO, 2012, p. 149). Ela também ainda não narra as histórias ouvidas de memórias, mas utiliza aqueles contos presentes nos livros, pois de acordo com Matos (2014, p. 102), “tem pessoas que só conseguem contar uma história a partir do texto, se não tiver o [texto] para ler e ler várias vezes, não entra na cabeça”. Ainda para a autora, “os novos contadores recriam partir de uma fonte escrita e o processo de contar é totalmente diferente daquele de quando os contos chegam pelos ouvidos” (MATOS, 2014, p. 116).

Por outro lado, temos Ivonete, que narra aquelas histórias de suas memórias, de suas vivências e de seus ancestrais.

A gente contava história de lembrança, num ficava assim estudando um livro, estudando uma história, pra contar aquela história depois, ou escrever uma história, no caso escrever uma história para contar, a gente contava das lembranças que tinha, tanto é que a gente emendava uma história na outra, a outra na outra e na outra, que depois você não sabia nem o que você tinha começado a contar, ia conversando (...) acho que eu vou contar então as histórias da Bem-Vinda, que a Bem-Vinda é uma personagem que eu criei que é maluquinha da cabeça, e ela anda com burrico para

baixo e para cima e na verdade não foi baseado em nenhuma pessoa que eu vi, mas desde menina que eu sempre gostei muito de bicho e os burricos eu achava um bicho assim porreta, porque burro não obedecia ninguém quando ele não queria. (...) A gente percebeu que principalmente no meio acadêmico essas histórias da roça elas são extremamente fascinantes para as pessoas (Ivonete).

Ivonete nos lembra muito os contadores “tradicionalistas” descritos por Hampâté Bá (2015) que são grandes depositários da herança oral. Pois ela busca em sua memória o que vai contar aos ouvintes, que na verdade são as suas memórias, a forma como hoje ela enxerga os fatos vivenciados no passado, assim criando novos e únicos caminhos. Outro ponto que destacamos em sua fala, é o fato desse interesse por esses tipos de histórias e desse formato de contadores dentro do meio acadêmico estar crescendo e esse movimento crescente não ocorre apenas nas universidades, Machado (2015) aponta em seu livro fruto de sua tese de livre-docência:

“Posso constatar que o número de pessoas que querem ouvir contos antigos é crescente, levadas por algum impulso da alma (...) Se por um lado os velhos contadores tradicionais estão desaparecendo, porque nas comunidades rurais a televisão ocupa implacavelmente seu lugar, nos grandes centros urbanos a quantidade de pessoas que se dedicam a essa arte está crescendo” (p. 33).

Desta forma, podemos afirmar que as histórias e os contadores de histórias estão em um movimento crescente, isso nos mostra perspectivas para um futuro promissor para os contadores de histórias, com um campo de abertura para discussões e reflexões sobre essas práticas e o reconhecimento enquanto um ofício.

Por fim, trazemos as temáticas e os autores que Cida Santos traz em suas histórias.

Então eu conto todo tipo de histórias, todo tipo de conto: contos à brasileiras, contos estrangeiros, contos de fadas, contos de enganar a morte, contos de assombração, causos. Eu gosto muito dos autores brasileiros sabe, Ricardo Azevedo, Luís da Câmara Cascudo. Mas, é claro que eu conto de outras pessoas, como o Edgar Allan Poe, eu sou fã desse cara, eu acho ele fabuloso, nossa... e eu conto as histórias dele porque as crianças gostam das histórias dele. (...) Tem histórias que eu não consigo contar, tem histórias que não se encaixa comigo. Às vezes, eu vejo outras pessoas contando, mas eu ouço, mas eu não absorvo, porque ela não entra dentro de mim, ou às vezes eu escuto uma história e ela não está sendo contada com tanto fervor aí eu vou e leio a história, aí eu acho a essência da história e eu consigo contar. Aí eu percebo que a história era maravilhosa, então eu conto ela, ou eu escuto uma história que eu nunca tinha visto ou ouvido falar, aí eu absorvo essa história e eu a transformo do meu jeito e eu a reconto (Cida Santos).

Em seu repertório Cida contempla uma diversidade da cultura popular brasileira, além de trazer autores e contos estrangeiros. Também traz em sua fala a questão da identificação com a história, que tem relação com o seu tempo enquanto contador, seu estado emocional e preparo para o conto. Existe um tempo certo para as histórias chegarem ao coração do narrador, um tempo que é único e diferente para cada um.

Dar forma a um conto antes de tudo consiste em encontrar a palavra justa, o tom que melhor lhe convenha. O contador deve passar a emoção do conto, para transportar seus ouvintes numa viagem, e isso somente é possível se o sentido das palavras é rapidamente captado. (MATOS, 2014, p. 115).

Existe o tempo do conto, o tempo da palavra, pois só se conta bem, quando essa mensagem chega primeiro ao contador, quando este capta o seu sentido, então é nesse momento que ele estará pronto para narrar aquela história, quando ela chega aos ouvidos, a memória e ao coração. Assim, a construção de um repertório é um ponto muito importante para o narrador, pois das fontes orais aos livros, conto e contador precisam estar em sintonia, apresentar aos seus ouvintes aquilo que goste de contar.

8 As histórias narradas no Pontal: contos que elas contam

Trazemos aqui nesse capítulo, alguns dos contos que as três narradoras nos citaram ao longo de suas entrevistas para que o leitor possa assim como elas se encantarem com seus enredos.

Imagem 1: Capa do livro contado por Bia: E o dente ainda doía, de autoria de Ana Terra, Editora DCL, 2013.



Fonte: <https://m.media-amazon.com/images/I/519a3ZeRyHL. SX438 BO1,204,203,200 .jpg>

O papagaio real

Duas moças moravam juntas e eram irmãs, uma muito boa e a outra maldizente e preguiçosa. Cada uma tinha seu quarto. A mais velha começou a notar um barulho de asa e depois fala de homem no quarto da irmã. Ficou desconfiada e foi olhar pelo buraco da fechadura. Viu uma bacia cheia d'água no meio do quarto. Quando deu meia-noite chegou na janela um papagaio enorme, muito bonito e voou para dentro, metendo-se na bacia, sacudindo-se todo, espalhando água para todos os lados. Cada gota d'água virava ouro e o papagaio, quando saiu do banho, foi um príncipe mais formoso do mundo. Sentou-se ao lado da irmã e pegaram a conversar como noivos. A irmã ficou roxa de inveja. No outro dia, de tarde, encheu o peitoril da janela de cacos de vidro, assim como a bacia. Nas horas da noite o papagaio chegou e batendo no peitoril cortou-se todo. Voou para a bacia e cortou-se ainda mais. Arrastando-se, o papagaio não virou príncipe, mas chegou até a janela e disse para a moça que estava assombrada com o que acontecera:

— Ai ingrata! Dobraste-me os encantos! Se me quiseres ver só no reino de Acelóis.

E, batendo asas, desapareceu. A moça quase se acaba de chorar e de se lastimar. Brigou muito com a irmã e deixou a casa, procurando o noivo pelo mundo. Ia andando, empregando-se como criada nas casas só para perguntar onde ficava o reino de Acelóis. Ninguém sabia ensinar e a moça ia ficando desanimada.

Uma noite, depois de muito viajar, já cansada, ficou com medo dos animais ferozes e subiu em uma árvore, escondendo-se bem nas folhas. Estava amoquecada quando diversos bichos esquisitos chegaram para baixo do pé de pau e pegaram a conversar.

— De onde chegou você?

— Do reino da Lua!

— E você?

— O reino do Sol!

— E você?

— Do reino dos Ventos!

A moça prestou atenção. No primeiro cantar dos galos sumiram-se todos, e ela desceu e continuou a marcha. Andou, andou, até que chegou noutra mata e, para não ser devorada, trepou numa árvore. Lá em cima, quando a noite ficou bem fechada, chegaram umas vozes no pé do pau.

— De onde veio?

— Do reino da Estrela!

— De onde veio?

— Do reino de Acelóis!

— Que novidades me traz?

— O príncipe está doente e ninguém sabe como tratar dele...

A moça botou reparo e na madrugada seguiu no mesmo rumo pois as vozes já tratavam do reino de Acelóis. Andou, andou, andou. Finalmente, quando anoiteceu, estava dentro de uma floresta. Subiu em um pau e ficou quieta, lá em cima. Mais tarde as vozes começaram na falaria:

— De onde vem você?

— Do reino de Acelóis!

— Como vai o príncipe?

— Vai mal, coitado, não tem remédio!

— Ora não tem! Tem! O remédio é ele beber três gotas de sangue do dedo mindinho de uma moça donzela que queria morrer por ele!

Quando amanheceu o dia, a moça tocou-se na estrada. Ia o sol se sumindo quando ela avistou o reinado de Acelóis. Entrou no reinado e pediu agasalho numa casa. Na hora da ceia perguntou o que havia e disseram que o assunto da terra era a doença do príncipe. A moça, no outro dia, mudou os trajes, foi ao palácio e pediu para falar com o rei.

— Rei Senhor! Atrevo-me a dizer que ponho o príncipe bonzinho se Rei Senhor me der, de tinta e papel, a metade do reinado e de tudo quanto lhe pertencer.

O rei deu, de tinta e papel, a metade de tudo que possuía. A moça foi para o quarto, meiou um copo d'água, furou o dedo mindinho, botou três gotas de sangue dentro, misturou e mandou ele beber. Assim que o príncipe engoliu, foi abrindo os olhos, levantando-se da cama e abraçando a moça, numa alegria por demais.

O rei ficou muito satisfeito e quando o príncipe disse que aquela era a sua verdadeira noiva desde o tempo em que ele estava encantado em um papagaio real, o rei não quis dar consentimento porque a moça não era princesa. A moça então falou:

— Rei Senhor! Tenho por tinta e papel a metade de tudo quanto é do rei senhor neste reinado. O príncipe é do rei senhor e eu tenho por minha a metade dele. Se rei senhor não quiser que eu case com ele inteiro, levarei para casa uma banda.

Ao ouvir falar em cortar o príncipe pelo meio, como a um porco, o rei chegou-se às boas e deu o consentimento. Foram três dias de festas e danças e até eu me meti no meio, trazendo uma latinha de doce, mas na ladeira do Encontrão, dei uma queda e ela, páfo! —no chão!...

Fonte: Contos Tradicionais do Brasil (folclore) de Luís da Câmara Cascudo, Rio de Janeiro, Ediouro:1967.

O Rouxinol - Hans Christian Andersen

Sabem com certeza que na China o imperador é chinês e que todas as outras pessoas são chinesas também. Esta história aconteceu há muitos anos, mas é precisamente por isso que devem ouvi-la agora, antes que seja esquecida.

O palácio do imperador era o melhor do Mundo, todo ele construído da mais rara porcelana — não tinha preço, mas era tão frágil e delicado que era preciso tomar todo o cuidado quando se andava lá dentro. O jardim do palácio estava coberto de flores maravilhosas, nunca vistas em outro lado; as mais bonitas de todas tinham sininhos de prata, que tocavam para se saber sempre que passava alguém.

Sim, tudo no jardim do imperador tinha sido muito bem planeado, e ele estendia-se até tão longe que nem o jardineiro fazia a menor ideia onde acabava. Se se fosse sempre andando chegava-se a uma bela floresta com árvores muito altas e lagos muito fundos. A floresta ia até ao mar, que era azul e também muito fundo; grandes navios podiam navegar mesmo por baixo dos ramos das árvores. Nesses ramos vivia um rouxinol que cantava tão bem que até o pobre pescador, com todas as suas dificuldades, parava de deitar as redes todas as noites para o ouvir.

— Ah, que maravilha! — dizia ele.

Mas depois tinha de continuar a trabalhar e esquecia-se da ave. Contudo, na noite seguinte, assim que o rouxinol tornava a cantar, o pescador erguia os olhos das redes e dizia mais uma vez:

— Ah, que maravilha!

Vinham viajantes de todos os países do Mundo para admirar a cidade, o palácio e os jardins do imperador. Mas, assim que ouviam o rouxinol, todos diziam:

— Isto é o melhor de tudo!

E, quando voltavam aos seus países, continuavam a falar da ave. Sábios escreveram livros sobre a cidade e o palácio, mas o rouxinol era elogiado mais do que todas as outras maravilhas, e poetas escreveram emocionantes poemas sobre a ave da floresta perto do mar.

Estes livros eram lidos em todo o mundo, e, um dia, alguns deles chegaram às mãos do imperador. Lá ficou ele, sentado na sua cadeira dourada, a ler sem parar; de vez em quando acenava com a cabeça. Estava contente com as esplêndidas descrições do seu reino. Então, chegou à frase: "Mas, apesar de todas estas maravilhas, nada se compara ao rouxinol."

— Que é isto?! — exclamou o imperador. — O rouxinol? Nunca ouvi falar dele. Imaginem! As coisas que aprendemos nos livros!

Então mandou chamar o camareiro.

— Vi aqui neste livro que temos uma ave admirável chamada rouxinol — disse o imperador. — Parece que é a melhor coisa do meu vasto império. Por que é que ninguém me falou dele?

— Bem — respondeu o camareiro —, nunca ouvi ninguém falar nessa criatura. De certeza que nunca foi apresentada na corte.

— Quero que venha aqui esta noite cantar para mim — disse o imperador. — É uma vergonha que toda a gente saiba o que possuo e eu não!

— Nunca ouvi falar nele — repetiu o camareiro —, mas vou procurá-lo e hei-de encontrá-lo!

Sim, mas onde? O camareiro subiu e desceu todas as escadas, andou por todos os salões e corredores, mas, de todas as pessoas que encontrou, nenhuma tinha ouvido falar do rouxinol. Voltou apressado à presença do imperador e disse-lhe que aquilo devia ser uma história inventada pelos escritores.

— Vossa Majestade Imperial não deve acreditar em tudo o que aparece escrito. As coisas que os autores inventam! É mesmo magia negra!

— Mas o livro onde eu soube da ave — afirmou o imperador — foi-me enviado pelo poderoso imperador do Japão, portanto não pode ser mentira! Quero ouvir o rouxinol! Quero ouvi-lo esta noite.

— Tsing-pe! — respondeu o camareiro.

E lá foi ele outra vez escada abaixo e escada acima, por todos os salões e corredores; metade da corte andava a correr atrás dele. Por fim, encontraram uma pobre rapariguinha na cozinha.

— O rouxinol? — perguntou ela. — Meu Deus! Claro que sei! Que bem que ele canta! A maior parte das noites deixam-me levar para casa alguns restos de comida para a minha mãe, que está doente. Vivemos perto do lago, do outro lado da floresta. E quando volto para o palácio, cansada, sento-me um bocadinho e fico a ouvi-lo cantar.

— Rapariguinha! — exclamou o camareiro —, ofereço-te um lugar permanente na cozinha e dou-te licença para veres o imperador a jantar se nos levares até ao rouxinol. A sua presença é exigida esta noite na corte.

Então, partiram em direção à floresta onde o rouxinol costumava cantar; mais de metade da corte foi com eles. Enquanto iam andando, uma vaca mugiu.

— Oh! — exclamou um pajem. — Já estou a ouvi-lo! Para um animalzinho tão pequeno faz um barulho extraordinário. Mas, sabem, tenho a certeza de já o ter ouvido.

— Não, não, aquilo é uma vaca a mugir! — exclamou a rapariguinha. — Ainda temos de andar muito.

As rãs começaram a coaxar num charco.

— Maravilhoso! — exclamou o capelão do imperador. — Já estou a ouvir a canção! Parecem mesmo sininhos de igreja!

— Não, não, isso são rãs — disse a rapariguinha da cozinha. — Mas devemos estar quase a ouvi-lo.

Então, o rouxinol começou a cantar.

— Lá está ele! — disse a rapariguinha. — Oiçam! Olhem! Está ali! — e apontou para um passarinho cinzento por entre os ramos.

— Será possível? — exclamou o camareiro. — Nunca pensei que fosse assim. Parece tão vulgar! Tão simples! Talvez tenha perdido a cor quando viu todas estas visitas importantes.

— Rouxinolzinho! — chamou a rapariguinha. — O nosso gracioso imperador gostaria muito que cantasses para ele.

— Com o maior prazer — disse o rouxinol, continuando a cantar tão bem que era um encanto ouvi-lo.

— Parecem mesmo sinos de vidro — disse o camareiro. — Não percebo como é que nunca o tínhamos ouvido. Vai ser um êxito na corte!

— Querem que torne a cantar para o imperador? — perguntou o rouxinol, que pensava que uma das visitas era o imperador.

— Excelentíssimo rouxinol — disse o camareiro —, tenho a honra e o prazer de o convidar para um concerto no palácio esta noite, onde encantarás Sua Majestade Imperial com as suas lindas cantigas.

— Soam melhor na floresta — afirmou o rouxinol.

Apesar disso, foi com eles de boa vontade quando ouviu dizer que era desejo do imperador.

Entretanto, que limpezas iam pelo palácio! As paredes e o soalho de porcelana brilhavam, lustrosos, à luz de milhares de luzes douradas. Mesmo no meio do grande salão, junto do trono do imperador, estava um poleiro dourado para o rouxinol. Toda a corte estava presente, e a pequena criadinha da cozinha teve autorização para ficar atrás da porta, porque já tinha o título oficial de

Verdadeira Criada de Cozinha. Todos os olhos estavam postos no passarinho cinzento quando o imperador lhe fez sinal que começasse.

Então, o rouxinol cantou tão bem que o imperador ficou com os olhos cheios de lágrimas, que lhe escorreram pelas faces; e o rouxinol continuou a cantar ainda melhor, de modo que cada nota foi direitinha ao coração do imperador. Este ficou muito satisfeito; o rouxinol, declarou ele, iria receber o seu sapato dourado para usar ao pescoço. Mas este agradeceu e recusou, porque já se sentia recompensado.

— Vi lágrimas nos olhos do imperador. Pode lá haver alguma dádiva maior do que essa? As lágrimas de um imperador têm um poder estranho. Já fui suficientemente recompensado.

E cantou mais uma canção com a sua voz maviosa.

— Muito espirituoso, muito divertido; a criatura é namoradeira — diziam as damas da corte, enchendo as bocas de água para fazerem um ruído de gargarejo.

Por que é que não haviam de ser também rouxinóis? Até os lacaios e as criadas de quarto acenavam, com ar de aprovação, o que significa muito, porque estes são sempre os mais difíceis de contentar. Não havia dúvida: o rouxinol era um êxito.

Ficaria na corte e teria uma gaiola só para si, com autorização para ir apanhar ar duas vezes durante o dia e uma vez à noite. Seria acompanhado, em cada excursão, por doze criados, cada um a segurar firmemente uma fita de seda atada a uma patinha da ave. Não, essas saídas não eram muito divertidas.

Um dia, chegou um grande embrulho para o imperador. Trazia uma palavra escrita por fora: ROUXINOL.

— Olha! Outro livro sobre a nossa famosa ave! — exclamou o imperador.

Mas não era um livro; era um pequeno brinquedo mecânico dentro de uma caixa, um rouxinol de corda. Tinha o feitio de um verdadeiro, mas estava coberto de diamantes, rubis e safiras. Quando se lhe dava corda, cantava uma das canções que o verdadeiro passarinho costumava cantar, e a sua cauda andava para baixo e para cima, brilhando em prata e ouro. A volta do pescoço trazia uma fita, onde estava escrito: "O rouxinol do imperador do Japão nada vale comparado com o rouxinol do imperador da China."

— Que maravilha! — disseram todos.

E o mensageiro que tinha trazido o presente recebeu o título de Principal Portador Imperial de Rouxinóis.

— Agora têm de cantar juntos. Que dueto que vai ser!

Então os dois passarinhos tiveram de cantar juntos, mas não foi um êxito. O problema era que o verdadeiro rouxinol cantava à sua maneira e a canção do outro saía de uma máquina.

— Isto não é vergonha nenhuma — afirmou o Mestre da Música Imperial. — Está perfeitamente afinado: na realidade, ele até podia ser um dos meus alunos.

Então, o pássaro de corda foi posto a cantar sozinho. Agradou quase tanto à corte como o verdadeiro, e evidentemente que era muito mais bonito à vista, todo brilhante, como uma pulseira ou um alfinete de peito. Cantou a mesma canção trinta e três vezes sem se cansar. Os cortesãos não se importariam de a ouvir mais umas vezes, mas o imperador achou que era a vez do verdadeiro.

Mas onde estava o rouxinol? Tinha voado pela janela, para a sua floresta verdejante, sem ninguém dar por isso.

— Tch, tch, tch! — fez o imperador, aborrecido. — Que significa isto?

E os cortesãos resmungavam e franziam as testas.

— Mas temos aqui o melhor! — disseram.

E o rouxinol de corda teve de cantar outra vez.

Era a trigésima quarta vez que o ouviam, mas ainda não sabiam bem a canção. Era difícil de aprender. E o Mestre da Música Imperial teceu à ave os mais altos elogios: era superior ao rouxinol vivo, não apenas na aparência exterior, mas também no que tinha lá dentro.

— Sabem, senhores e senhoras e, acima de todos, Vossa Majestade Imperial, com o verdadeiro rouxinol nunca se sabe o que vai acontecer, mas com a ave de corda tem-se a certeza; é tudo fácil: podemos abri-la e ver como pensa, como cada nota segue a outra com precisão!

— Era isso mesmo o que eu estava a pensar — ouviu-se aqui e ali.

E, na segunda-feira seguinte, o Mestre da Música Imperial foi autorizado a mostrar publicamente o pássaro ao povo. Também ele devia ouvi-lo cantar, tinha declarado o imperador. E assim foi. E ficaram todos tão entusiasmados como se estivessem tontos de beberem muito chá, um antigo costume chinês. Disseram todos:

— Ah!

E levantaram os indicadores e acenaram com as cabeças.

Mas o pobre pescador, que tinha ouvido o verdadeiro rouxinol, afirmou:

— Lá bonito é... e até parece o rouxinol... Mas parece que falta qualquer coisa, não sei bem...

O verdadeiro rouxinol foi banido do reino do imperador.

O pássaro artificial recebeu um lugar especial numa almofada de seda junto da cama do imperador; empilhados à volta estavam todos os presentes que lhe tinham dado, todo o ouro e jóias. Foi distinguido com o título de Principal Trovador Imperial da Mesa-de-Cabeceira, Primeira Classe à Esquerda, porque até os imperadores têm o coração do lado esquerdo. O Mestre da Música Imperial escreveu um solene trabalho em vinte e cinco volumes sobre o pássaro mecânico. Era muito extenso e erudito, cheio das mais difíceis palavras chinesas. Mas toda a gente fingiu que o tinha lido e compreendido. Ninguém queria passar por estúpido!

Tudo isto continuou durante um ano, até que o imperador, a corte e o resto do povo chinês sabiam de cor cada notazinha da canção do passarinho de corda; mas, por isso mesmo, cada vez gostavam mais dela. Podiam cantá-la em coro — e faziam-no.

Os rapazitos da rua andavam por todo o lado a cantar: rrr, trrr, piu, piu, piu, e o imperador também cantava — um som maravilhoso, não havia dúvida.

Mas, uma noite, precisamente quando o pássaro de corda estava a cantar e o imperador, deitado na cama, o ouvia, qualquer coisa fez "craç!" dentro do pássaro. Brrrr! O mecanismo continuou a rodar, e a música parou. O imperador saltou da cama e mandou chamar o seu médico. Mas de que servia o médico? Então foram buscar o relojoeiro, e este, depois de muitas resmungadelas e mexidelas no pássaro, conseguiu arranjá-lo mais ou menos. Mas preveniu toda a gente de que tinha de ser usado muito poucas vezes; as peças estavam quase gastas por completo e não era possível substituí-las sem estragar o som.

Que golpe horrível! Não se atreviam a pôr o pássaro a cantar mais do que uma vez por ano, e mesmo isso já era um risco. Contudo, nessas ocasiões anuais, o Mestre da Música Imperial fazia sempre um discurso cheio de palavras difíceis, dizendo que o pássaro estava tão bom como sempre — e, claro, uma vez que ele dizia que sim, era porque ele estava tão bom como sempre...

Passaram cinco anos, e uma grande tristeza abateu-se sobre o país. O povo era muito amigo do imperador, mas ele estava gravemente doente e não se esperava que sobrevivesse. Já tinha sido escolhido novo imperador, e a multidão esperava nas ruas que o camareiro lhe desse notícias. Como estava o imperador? O camareiro abanava a cabeça.

Frio e pálido, o imperador jazia no seu leito real. Na verdade, a corte achava que já tinha morrido e foi a correr saudar o seu sucessor. Os criados de quarto foram a correr coscuvilhar uns com os outros e as criadas juntaram-se todas para beberem café. Tinham sido estendidos panos pretos em

todos os salões e corredores para amortecer o som dos passos, de maneira que o palácio parecia muito, muito sossegado.

Mas o imperador ainda não tinha morrido. Pálido e imóvel, jazia na sua magnífica cama com longos cortinados de veludo e pesados cordões dourados. Através de uma janela aberta lá no alto, a Lua brilhava sobre o imperador e o pássaro artificial.

O pobre imperador mal podia respirar; sentia como se tivesse qualquer coisa a pesar-lhe sobre o coração. Abriu os olhos e viu a Morte sentada sobre ele. A Morte tinha a coroa de ouro do imperador na cabeça, numa das mãos segurava a espada imperial de ouro e na outra a esplêndida bandeira imperial. E, por entre os cortinados de veludo, espreitavam estranhos rostos: alguns horríveis e outros belos e bondosos. Eram as boas e as más ações do imperador, que olhavam para ele, enquanto a Morte se sentava sobre o seu coração.

— Lembras-te?... Lembras-te?... — diziam os rostos baixinho, um a seguir ao outro.

E contaram e lembraram tantas coisas que a testa do imperador acabou por ficar coberta de suor.

— Nunca soube... nunca percebi... — gritou ele. — Música, música! Toquem o grande tambor da China! Salvem-me destas vozes!

Mas as vozes não se calavam. Continuavam sempre, enquanto a Morte acenava com a cabeça, como um mandarim, a tudo o que diziam.

— Música! Dêem-me música! — pedia o imperador. — Belo passarinho dourado, canta, peço-te que cantes! Dei-te ouro e coisas preciosas; pendurei o meu sapato dourado ao teu pescoço com as minhas próprias mãos. Canta, peço-te, canta!

Mas o pássaro estava silencioso; não havia ninguém para lhe dar corda, e sem corda não tinha voz. E a Morte continuava a olhar fixamente para o imperador com as grandes órbitas vazias. Tudo estava calado, terrivelmente calado.

Então de repente, perto da janela, soou a mais bela canção. Era o verdadeiro rouxinol, que se tinha empoleirado num ramo lá fora. Sabendo do mal do imperador, o passarinho tinha voltado para o confortar e trazer-lhe esperança.

À medida que cantava, as firmas fantasmagóricas foram desaparecendo, até se desvanecerem. O sangue começou a correr mais depressa pelo corpo do imperador. A própria Morte ficou presa à canção.

— Canta mais, canta mais, pequeno rouxinol! — pediu a Morte.

— Canto, se me deres a grande espada de ouro... sim, e a bandeira imperial... e a coroa do imperador...

E a Morte devolveu cada um dos tesouros em troca de uma canção e o rouxinol continuou a cantar. Cantou sobre o calmo adro da igreja onde cresciam as rosas brancas, onde as flores do sabugueiro cheiravam tão bem, onde a erva fresca está sempre verde por causa das lágrimas dos que ali choram os seus mortos. Então, a Morte encheu-se de saudades do seu jardim e saiu pela janela, flutuando como um nevoeiro gelado.

— Obrigado, obrigado! — disse o imperador. — Passarinho celestial, sei quem és! Eu bani-te do meu reino e, no entanto, só tu vieste ajudar-me, e afastaste os horríveis fantasmas da minha cama e libertaste o meu coração da Morte. Como hei-de recompensar-te?

— Já me recompensaste — respondeu o rouxinol. — Quando cantei para ti da primeira vez caíram-te lágrimas dos olhos e essa dádiva não posso esquecer. Essas são as jóias que não se compram nem se vendem. Mas agora tens de dormir para ficares bom e forte. Olha, vou cantar para ti.

E cantou e o imperador caiu num sono calmo e reparador.

O Sol brilhava sobre ele através da janela quando acordou, restaurado, desaparecidas a fraqueza e a doença. Nenhum dos criados tinha lá entrado ainda, porque todos pensavam que ele estava morto.

— Tens de ficar sempre comigo — disse o imperador. — Mas só cantas quando quiseres. E, quanto ao pássaro de corda, vou parti-lo em mil bocados.

— Não faças isso — respondeu o rouxinol. — Fez o que pôde por ti. Guarda-o. Eu não posso morar num palácio, mas deixa-me ir e vir à minha vontade, e à noite empoleiro-me neste ramo, junto da tua janela, e canto para ti. Hei-de trazer-te felicidade, mas também pensamentos sérios. Hei-de cantar sobre as pessoas felizes do teu reino, mas também sobre os que se sentem tristes. Cantarei sobre o bem e o mal, que têm estado sempre à nossa volta, mas que têm sempre escondido de ti. Os passarinhos voam em todas as direções, até ao pescador, à casinha do trabalhador, até junto de tantos que estão longe de ti e da tua corte magnífica. Amo o teu coração mais do que a tua coroa, apesar de a coroa ter algo de mágico. Sim, hei-de voltar, mas tens de me prometer uma coisa.

— O que quiseres! — exclamou o imperador.

Tinha-se levantado e vestido as suas roupas imperiais e segurava a espada dourada junto do coração.

— A única coisa que te peço é isto: não digas a ninguém que tens um amigo passarinho que te conta tudo. É melhor guardar segredo.

E, com estas palavras, o rouxinol voou para longe. Os criados vieram ver o amo morto, mas ficaram ali espedados!

— Bom dia! — disse o imperador.

Fonte: <http://guida.querido.net/andersen/conto-05.htm>

O patinho feio - Hans Christian Andersen

O verão havia chegado e o tempo estava muito agradável no campo, a plantação de milho se vestia de dourado, a aveia de verde, e as pilhas de feno, amontoadas nas pradarias, se revestiam de beleza. A cegonha andava por todos os lados com suas pernas longas e avermelhadas, tagarelando no desconhecido idioma egípcio, que ela havia aprendido com a sua mãe. Os milharais e as campinas eram rodeados por imensas florestas, no meio das quais podiam se ver riachos profundos. De fato, era muito agradável caminhar pelos campos.

E num recanto ensolarado, ficava uma fazenda muito antiga e aconchegante às margens de um rio muito fundo, e entre a casa e a região dos rios, folhas de bardanas cresciam livremente, indo até os lugares mais altos, e debaixo da mais alta de todas elas, uma criança podia ficar de pé. O lugar era tão selvagem como o núcleo mais central de uma espessa floresta. Nesse recanto confortável uma pata repousava em seu ninho, esperando chocar uma nova ninhada; e já estava começando a se entediar dessa tarefa, porque há muito tempo que alguns pequeninos já haviam saído da casca, e ela raramente recebia uma visita. As outras patas preferiam ficar nadando no rio, do que se arriscarem e subirem suas margens escorregadias, e ficarem sentadas debaixo de uma folha de bardana, para se distraírem, jogando conversa fora com ela.

Finalmente uma casca de abriu, e depois outra, e de cada ovo saía uma criaturinha viva que levantava a cabecinha e dizia, "Pip, pip." "Quack, quack," respondia a mãe, e então, todos eles grasnavam tão forte quanto podiam, e ficavam olhando por todos os lados para as imensas folhas verdes. A mãe deles deixava que eles olhassem o quanto quisessem, porque ela dizia que o verde fazia bem para os olhos.

"Como este mundo é grande," diziam os patinhos, porque eles haviam descoberto que havia muito mais espaço ainda do que eles tinham tido quando eles estavam dentro da casca do ovo.

"Vocês estão achando que isto aqui é o mundo inteiro?" perguntou a mãe; "Esperem até que vocês conheçam o jardim; ele se estende muito além dos campos da casa do padre, mas eu jamais me

arrisquei a ir tão longe. Todos já estão fora da casca?" continuou ela, esforçando-se para se levantar; "Não, me parece que o ovo maior ainda está lá. Fico pensando quanto tempo vou ter de esperar, já estou cansada de ficar aqui;" e ela voltou a se sentar no ninho.

"E então, como é que a senhora está passando?" perguntou uma velha pata, que lhe fazia uma visita.

"Um ovo ainda não está chocado," disse a pata, "está demorando para partir. Mas dê só uma olhada nos outros, eles não são mesmo os patinhos mais lindos que você já viu? Eles são a cara do pai deles, aquele ingrato, que nunca vem visitá-los."

"Permita que eu dê uma olhada no ovo que ainda não se quebrou," disse a pata velha; "Tenho certeza de que é um ovo de peru. Uma vez me convenceram a chocar alguns deles, e depois de todo o cuidado e preocupação que tive com os pequeninos, eles tinham medo de água. Eu grasnei e cacarejei, mas não adiantou nada. Eu não poderia permitir que eles se arriscassem. Quero dar uma olhada no ovo. Sim, esse é um ovo de peru; ouça o que estou dizendo, deixe-o onde está e ensine os outros pequeninos a nadar."

"Acho que vou ficar sentada em cima dele um pouquinho mais," disse a pata; "como já faz tempo que estou sentada aqui, mais alguns dias não me farão mal."

"Faça como quiser," disse a pata velha, e foi embora.

Até que um dia o ovo grande se rompeu, e um pequenino saiu para fora e gritava, "Pip, pip." Ele era muito grande e feio. A pata então, se assustou com ele e exclamou, "Ele é muito grande e não se parece em nada com os outros. Será que ele é mesmo um peru?. Logo vamos descobrir isso, quando tiver que entrar na água. Ele vai ter que entrar, nem que eu mesma tenha de empurrá-lo."

No dia seguinte o tempo estava ensolarado, e o sol brilhava forte sobre as folhas verdes de bardana, então, a mamãe pata levou os seus filhotinhos até uma pequena lagoa, e saltou para dentro dela espirrando água. "Quack, quack," gritava ela, e um após o outro os pequenos patinhos saltavam para dentro da água. A água cobria a cabecinha deles, mas num instante eles botavam a cabecinha para fora, e nadavam pra cá e pra lá despreocupadamente chapinhando debaixo da água com suas patinhas com muita facilidade, e o patinho feio também havia entrado na água e nadava com eles.

"Oh," disse a mãe, "ele não é um peru; ele sabe bem usar suas perninhas, e ele se porta com muita elegância! Ele é meu filho sim, e ele não é tão feio assim, se você olhar bem. Quack, quack! venha aqui com a mamãe, quero levar você para te conhecerem, e quero também apresentá-lo lá no pátio da fazenda, mas você precisa ficar bem pertinho de mim ou alguém poderá pisar em você; e, além de tudo, tenha cuidado com o gato."

Quando eles chegaram no pátio da fazenda, a algazarra era geral, duas famílias estavam brigando por causa da cabeça de uma enguia, que, no final das contas, acabou sendo levada pelo gato.

"Vejam, crianças, como são as leis do mundo," disse a pata mãe, enquanto afiava o bico, pois ela teria gostado de ter ficado com a cabeça da enguia para ela. "Se virem!, agora, usem suas pernas, quero ver como vocês se comportam direitinho. Vocês devem baixar suas cabeças educadamente para aquela pata velha que vem ali; ela nasceu em berço de ouro, e é de descendência espanhola, e dizem, que ela é muito rica. Vocês perceberam que ela carrega uma fita vermelha amarrada na perna dela, esse é um comportamento muito especial, e uma honra muito grande para uma pata; isso significa que todos devem ter muito respeito por ela, e que ela é admirada tanto pelos humanos como pelos animais. Vamos embora, agora, cuidado com suas patinhas, um pato bem educado os mantém bem abertos, assim como o papai e a mamãe estão fazendo, agora, abaixem o pescoço, e digam "quack" para ela.

Os patinhos fizeram o que a mãe deles havia pedido, mas o patinho que estava chegando ficou assustado, e disse, "Vejam, lá vem vindo uma outra ninhada, como se já não fôssemos o bastante! e que aparência esquisita tem um deles; não vamos querê-lo aqui," e então, um deles saiu correndo e o bicou bem no pescoço.

"Deixem-no em paz," disse a mãe dele; "ele não está lhe fazendo nada."

"Sim, mas ele é muito grande e feio," disse o pato mal humorado "e portanto, ele deve ser expulso daqui."

"Os outros patinhos são muito bonitinhos," disse a pata velha, a que tinha uma fita na perna, "todos, menos um; gostaria que a mãe dele pudesse dar um jeitinho nele."

"Isso é impossível, sua excelência," respondeu a mãe; "ele não é bonito; mas é bem comportado, e nada tão bem e talvez melhor que os outros. Eu acho que quando ele crescer ele vai ficar bonito, e talvez um pouco menor; ele ficou tempo demais dentro do ovo, é por isso que ele teve algum problema de formação;" e então, ela fez um carinho no pescoço dele e deu uma alisada nas penas dele, dizendo, "Ele é um pato e portanto, isso não tem nenhuma importância. Quando ele crescer ele vai ficar forte, e poderá cuidar de si mesmo."

"Os outros patinhos são muito graciosos," disse a pata velha. "Bem, fiquem à vontade, e se vocês encontrarem uma cabeça de enguia, podem trazê-la para mim." E assim eles ficaram à vontade.

Mas o pobre patinho, que havia saído da casca por último, e parecia tão feio, era bicado, empurrado e zombado, não apenas pelos patos, mas também por todas as outras aves. "Ele é grande demais," todos diziam, e o peru macho, que tinha vindo ao mundo com esporas, e achava que realmente ele era o imperador, se inflava como um navio a todo vapor, e se atirava em direção ao patinho, que ficava com a cabeça vermelha de tanta raiva, e o coitadinho não sabia para onde ir, e se sentia desprezado porque ele era muito feio e todos que viviam no cercado riam dele.

E assim acontecia todos os dias até que foi ficando cada vez pior. O pobre patinho era maltratado por todos; até mesmo seus irmãos e irmãs eram descortezes com eles, e diziam, "Ah, você é muito feio, quero que o gato pegue você," e sua mãe dizia que ela gostaria que ele nunca tivesse nascido. Os patos bicavam ele, as galinhas o derrubavam, e a menina que dava comida para as aves o chutava com o pé.

Até que ele resolveu ir embora pra longe, assustando as pequenas aves do cercado quando ele voava por cima dos mourões. "Eles tem medo de mim porque eu sou feio," dizia ele. E então, ele fechou os olhos, e voava ainda para mais longe, até que ele chegou a um grande pântano, que era habitado por patos selvagens. Ali ele permaneceu a noite toda, se sentindo muito cansado e entristecido.

Na manhã seguinte, quando os patos selvagens voavam pelo ar, eles ficaram espantados com seu novo companheiro. "Que tipo de pato é você?" diziam todos que se aproximavam dele. Ele baixava a cabeça diante deles, porque ele era um pato tão educado quanto possível, mas não respondia à pergunta deles.

"Você é um pato exageradamente feio," diziam os patos selvagens, "mas isso não importa desde que você não queira se casar com alguém de nossa família." Pobrezinho! ele não tinha sonhos de se casar; tudo o que ele queria era ter permissão para se deitar por entre os juncos, e beber um pouco de água no brejo.

Depois de ter passado dois dias no pântano, eis que dois gansos selvagens se aproximaram, ou melhor, dois filhotes de gansos, porque eles não haviam saído do ovo há muito tempo, e eram muito atrevidos.

"Ouça, meu amigo" disse um deles para o patinho, "você é tão feio, que nós simpatizamos muito com você. Você não gostaria de vir com a gente, para se tornar uma ave migratória? Não muito longe daqui existe um outro pântano, onde vivem também algumas belas gansas selvagens, e todas elas são solteiras. É a tua chance de conseguir se casar; você pode ter sorte, mesmo sendo feio como é."

"Bum, bum," ouviu-se barulho de tiros no ar, e os dois gansos selvagens caíram mortos no meio dos juncos, e a água ficou tingida de sangue. "Bum, bum," repetiram-se os estrondos à distância, e um bando inteiro de gansos selvagens levantaram voo dos juncos onde estavam. O som continuava em todas as direções, pois os caçadores haviam cercado o pântano, e alguns deles até estavam sentados em cima dos galhos das árvores, e de lá viam todo o brejo. A fumaça azulada das espingardas subia até as nuvens por cima das árvores escuras, e às vezes até chegavam a atravessar as águas, de repente, um

bando de cães de caça cercava por entre os juncos, que se dobravam diante deles à medida que passavam. Como isso assustou o pobre do patinho! E virou a cabeça e a escondeu debaixo de sua asa, e no mesmo instante um cachorro grande e pavoroso passou bem perto dele. As suas mandíbulas estavam abertas, a sua língua comprida dançava fora da boca, e seus olhos o fitavam assustadoramente. Ele cheirou o patinho com seu nariz, mostrando seus dentes afiados, e então, "splash, splash," entrou dentro da água sem sequer tocá-lo.

"Oh," suspirou o patinho, "graças a Deus que sou feio; nem mesmo o cachorro quer me morder."

E então, ele ficou ali quietinho, enquanto os tiros ribombavam por entre os juncos, e tiros e mais tiros eram disparados por cima dele.

O dia já estava acabando até que tudo ficou calmo, mas nem mesmo a pobre criaturinha não ousava se mover. Ele esperou silenciosamente durante várias horas, e então, depois de olhar cuidadosamente ao redor, fugiu apressadamente daquele brejo o mais rápido que conseguiu. Voou por cima dos campos e das pradarias até que uma tempestade surgiu, e ele não tinha mais forças para continuar a lutar.

Quando a noite chegou, ele chegou a uma cabana pequena e pobre que parecia estar prestes para desabar, e só conseguia permanecer de pé porque ela não havia decidido de qual lado cair primeiro. A tempestade continuava tão violenta, que o patinho não conseguia prosseguir mais; ele se sentou perto da cabana, e então, ele percebeu que a porta não estava totalmente fechada porque uma das dobradiças havia se partido. Portanto, havia uma estreita abertura na parte de baixo, grande o bastante para ele passar, o que ele fez muito tranquilamente, e encontrou um abrigo naquela noite.

Uma mulher, um gato, e uma galinha viviam naquela cabana. O gato, a quem a dona da casa chamava de, "Meu filhinho," era o grande favorito dela; ele sabia arcar as costas, e ronronar, e ele poderia até lançar chispas do seu pelo se lhe fizessem carinho do lado errado. A galinha tinha pernas muito curtas, e então, ela era chamada de "Chica nanica." Ela gostava de botar ovos, e a dona gostava muito dela como se ela fosse sua única filha.

De manhã, o estranho visitante foi descoberto, e o gato começou a ronronar, e a galinha a cacarejar.

"O que será todo esse barulho?" disse a velhinha, olhando por todo o quarto, mas a sua vista não era muito boa; portanto, quando ela viu o patinho ela pensou que pudesse ser um pata gorda, que havia fugido de casa. "Oh, que recompensa!" ela exclamou, "Espero que não seja um pato, pois gostaria de comer alguns ovos de pata. Vamos esperar para ver."

Então, o patinho teve permissão para ficar a título de experiência por três semanas, mas não havia ovos. Agora o gato era o dono da casa, e a galinha era a dona, e eles costumavam dizer, "Nós e o mundo," pois eles acreditavam que eles eram metade do mundo, e também a melhor metade. O patinho achava que os outros poderiam ter uma opinião diferente sobre o assunto, mas a galinha não permitia que alguém fizesse esse tipo de questionamento.

"Você sabe botar ovos?" perguntou a galinha.

"Não."

"Então, tenha a bondade de ficar calado."

"Você consegue arcar as suas costas, ou ronronar, ou soltar pelos pela casa?" dizia o gato.

"Não."

"Então, você não tem nenhum direito de expressar qualquer opinião quando pessoas sensatas estiverem conversando."

Então, o patinho ficou sentado num canto, sentindo-se desanimado, até que o sol e o ar fresco começaram a entrar pela porta que estava aberta, e então, ele começou a sentir uma vontade muito grande de nadar e brincar na água, finalmente, ele não resistiu e contou tudo para a galinha.

"Que ideia absurda," disse a galinha. "Você não tem outra coisa para fazer, é por isso que você tem essas ideias malucas. Se ao menos você ronronasse ou botasse ovos, isso não aconteceria."

"Mas nadar no lago é uma coisa tão gostosa," disse o patinho, "e é tão refrescante enfiar a cabeça debaixo d'água, enquanto você mergulha até o fundo."

"Gostoso, pode acreditar!" disse a galinha, "você deve estar maluco! Pergunte ao gato, ele é o animal mais inteligente que eu conheço, pergunte se ele gostaria de ir nadar no lago, ou de mergulhar dentro dele, porque eu não vou dar a minha opinião; pergunte à nossa dona, a velhinha que está ali – não há no mundo pessoa mais sensata do que ela. Você acha que ela gosta de nadar, ou de ficar enfiando a cabeça debaixo d'água?"

"Você não está me entendendo," disse o patinho.

"Nós não estamos entendendo você? Quem é que entende você, gostaria de saber? Você se considera mais inteligente do que o gato, ou a velhinha, a nossa dona? Olha que não estou falando de mim mesma. Não fique imaginado tolices, garoto, e agradeça a tua boa sorte por ter sido bem recebido aqui. Você não está num lugar quentinho, e na companhia de criaturas que podem te ensinar alguma coisa? Mas você só gosta de tagarelar, e a sua companhia não é muito agradável. acredite em mim, estou falando isso apenas para o teu bem. Eu poderia lhe dizer verdades desagradáveis, mas essa é uma prova da minha amizade. Estou te avisando, portanto, bote alguns ovos, e aprenda a ronronar o mais rápido que puder."

"Acho que vou sair para o mundo novamente," disse o patinho.

"Sim, faça isso," disse a galinha.

Então, o patinho saiu da cabana, e logo ele encontrou uma lago onde ele podia nadar e mergulhar, mas era evitado por todos os outros animais, por causa da sua falta de atrativos.

O outono chegou, e as folhas da floresta estavam ficando cor de laranja e douradas. Depois, como o inverno se aproximava, o vento as pegava ao caírem e elas rodopiavam no ar gelado. As nuvens, pesadas por causa do granizo e dos flocos de neve, estavam ficando cada vez mais baixas, e o corvo empoleirado em cima da samambaia, gritava, "Croc, croc." Só de olhar para ele o patinho já ficava tremendo. E tudo isso era uma situação muito desfavorável para o coitadinho.

Uma noite, quando o sol estava se pondo no meio das nuvens radiantes, eis que apareceu um grande bando de lindas aves que saíram de trás da mata. O patinho nunca tinha visto nada parecido antes. Eram alguns gansos, e eles dobravam seus pescoços graciosamente, enquanto exibiam a sua plumagem de estonteante brancura. Eles emitiam um grito singular, a medida que estendiam suas asas maravilhosas e voavam para longe das regiões geladas em busca de locais mais quentes atravessando os mares.

A medida que eles subiam para o céu cada vez mais alto, o patinho feio teve uma sensação estranha quando viu isso. Ele rodopiou na água como um pião, esticou o seu pescoço para observá-los melhor, e soltou um grito tão esquisito que ele mesmo chegou a ficar assustado. Será que ele conseguiria esquecer aquelas aves lindas e felizes; e quando finalmente ele não conseguiu mais avistá-las, ele mergulhava dentro da água, e aflorava de novo à superfície com grande excitação.

Ele não sabia quem eram aquelas aves, nem para onde elas haviam ido, mas ele tinha um sentimento em relação à elas que ele nunca havia tido antes por qualquer outra ave no mundo. Ele não estava com inveja daquelas lindas criaturas, mas ele tinha vontade de ser tão belo como elas eram. Pobre criatura desprovida de beleza, como ele seria feliz se pudesse viver mesmo por entre os patos se eles o tivessem incentivado.

O inverno ficava cada vez mais frio; e ele era obrigado a ficar brincando na água para que ela não congelasse, mas a cada noite o espaço que ele costumava nadar ficava cada vez menor. Finalmente a água ficou tão dura por causa do congelamento, que o gelo na água rangia quando ele se movia, e o patinho tinha de remar com suas pernas o melhor que podia, para impedir que o espaço se fechasse. Até que ele ficou muito cansado, parou e sentiu-se desprotegido, pois a água congelava rapidamente.

De manhã bem cedo, um camponês, que estava passando por ali, viu o que estava acontecendo. Ele quebrou o gelo em pedaços com seu tamanco de madeira, e levou o patinho para casa para junto de sua esposa. E o calor ressuscitou a pobre criaturina.

Mas quando as crianças quiseram brincar com ele, o patinho achou que eles poderiam machucá-lo; então, ele ficou apavorado, e pulou agitado dentro da vasilha de leite, espirrando leite pela cozinha. Então, a mulher começou a bater com as mãos, assustando-o ainda mais. Primeiro ele vou em cima do pote de manteiga, depois subiu no barril de cereais, e saiu novamente. Que encrenca ele havia se metido! A mulher gritava, e batia nele com a pinça de pegar brasas; as crianças riam e gritavam, e caíam uma em cima da outra, na correria para pegar o pato; mas por sorte ele escapou. A porta estava aberta; e o coitado do bichinho conseguiu escapar para o meio do mato, e morto de cansaço ficou deitado no meio da neve que estava caindo.

Mas seria muito triste, se eu tivesse que contar todo o sofrimento e privação que o pobre patinho feio teve de suportar durante o impiedoso inverno; mas quando o frio foi embora, ele voltava a ficar no pântano, brincando por entre os juncos. Ele sentiu que o sol quente brilhava, e ouviu a cotovia cantando, e viu então, que tudo ao redor era uma linda primavera.

Então, o pobre patinho percebeu que suas asas estavam fortes, porque ele ficava adejando suas asas o tempo todo, até que subiu para bem alto no céu. Elas o levaram para longe, até que ele se viu num imenso jardim, antes que ele percebesse como tudo aquilo tinha acontecido. As macieiras estavam em plena floração, e os aromáticos sabugueiros derramavam sobre o riacho suas longas folhagens verdes que dividiam em dois um gramado plano e todo verde. Tudo parecia maravilhoso, no frescor do início da primavera. De um matagal nas imediações surgiram três lindos cisnes brancos, farfalhando suas asas, e nadando graciosamente sobre as águas tranquilas. O patinho então, se lembrou daquelas aves maravilhosas, e estranhamente se sentiu mais infeliz do que antes.

"Quero voar junto com aqueles pássaros reais," exclamou ele, "mas eles vão me matar, porque eu sou feio e me atrevo a me aproximar deles; mas não tem importância: é melhor ser morto por eles do que ser bicado por patos, derrubado por galinhas, ou empurrado pela menina que dá comida para as aves, ou até mesmo morrer de fome durante o inverno." Então, ele voou em direção à água, e nadou para onde estavam os belos cisnes. No momento que eles avistaram o forasteiro, de asas abertas correram para encontrá-lo com movimentos assustadores. "Mate-me," disse o patinho; e ele curvou a sua cabeça para a superfície da água, e já estava esperando para morrer. Mas o que ele viu nas águas cristalinas do lago? A sua própria imagem; não era mais uma ave com penas escuras e cinzentas, com aparência feia e desagradável, mas havia se tornado um lindo e gracioso cisne.

Ter nascido no ninho de um pato, dentro de um cercado para aves, não tinha nenhuma importância para uma ave, desde que ele tivesse sido chocado de um ovo de cisne.

Ele agora se sentia feliz por ter passado tanta tristeza e dificuldades, porque ele havia se fortalecido para desfrutar ainda mais todos os prazeres e as alegrias que estavam ao seu redor; pois os grandes cisnes nadaram para perto do recém-chegado, e com seus bicos faziam carinho em seu pescoço, dando-lhe as boas vindas.

No jardim, na verdade, havia algumas crianças que atiravam sobras de pão e bolo na água.

"Vejam," gritava a menor delas, "ali tem mais um cisne;" e todos os outros ficavam encantados, e corriam para seus pais e suas mães, dançando e batendo palmas, e gritando de alegria, "Lá vem vindo outro cisne; e apareceu mais um." Então, jogavam mais pão e bolo na água para eles, e diziam, "O mais jovem é o mais lindo de todos; ele é tão novinho e bonito." E os cisnes velhos inclinavam suas cabeças diante dele.

Então, ele ficou todo envergonhado, e escondia a cabeça debaixo de suas asas; pois ele não sabia o que fazer, ele estava tão feliz, mas não era orgulhoso de jeito nenhum. Ele tinha sido perseguido e menosprezado por causa da sua feiura, e agora ele ouvia eles dizendo que ele era a mais bela de todas as aves.

Até mesmo os pés de sabugueiros faziam reverência para dentro da água quando ele aparecia, e o sol estava quente e brilhante. Então, ele farfalhou as suas penas, inclinava seu elegante pescoço, e

gritava alegremente, com todas as forças do seu coração, "Jamais sonhei com uma felicidade tão grande como esta, quando eu era apenas um patinho feio."

Fonte: https://pt.wikisource.org/wiki/Contos_de_Andersen/O_patinho_feio

Imagem 2: Capa do livro contado por Cida Santos: A colcha de retalhos, de Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro, Editora do Brasil, 2010.



Fonte: https://m.media-amazon.com/images/I/512uIDwHx9S_SX434_BO1.204.203.200_.jpg

Chapeuzinho Vermelho - versão de Charles Perrault, de 1967

Havia, numa cidadezinha, uma menina que todos achavam muito bonita. A mãe era doida por ela e a avó mais ainda. Por isso, sua avó lhe mandou fazer um pequeno capuz vermelho que ficava muito bem na menina. Por causa dele, ela ficou sendo chamada, em toda parte, de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, disse para ela:

– Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leva uma torta e um potezinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho saiu em seguida para ir visitar sua avó que morava em outra cidadezinha.

Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas não teve coragem por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.

O Lobo perguntou aonde ela ia. A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo, disse para ele:

– Eu vou ver minha avó e levar para ela uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe está mandando.

– Ela mora muito longe? – perguntou o Lobo.

– Oh! sim, – respondeu Chapeuzinho Vermelho. – É pra lá daquele moinho que você está vendo bem lá embaixo. É a primeira casa da cidadezinha.

– Pois bem, – disse o Lobo, – eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo pôs-se a correr com toda a sua força pelo caminho mais curto. A menina foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se a comer avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florzinhas que encontrava.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Bateu na porta: toc, toc.

– Quem está aí?

– É sua neta, Chapeuzinho Vermelho – disse o Lobo, mudando a voz. Eu lhe trago uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe mandou pra você.

A bondosa avó, que estava na cama porque não passava muito bem, gritou:

– Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

O Lobo puxou a tranca e a porta se abriu. Ele avançou sobre a pobre mulher e devorou-a num instante, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e foi se deitar na cama da avó. Ficou esperando Chapeuzinho Vermelho que, um pouco depois, bateu na porta: toc, toc.

– Quem está aí?

Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:

– É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz uma torta pra você e um potezinho de manteiga que minha mãe lhe mandou.

O Lobo gritou para ela, adocicando um pouco a voz:

– Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

Chapeuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta se abriu.

O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama, debaixo da coberta, e falou:

– Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente ao natural. Disse para ela:

– Minha avó, como você tem braços grandes!

– É pra te abraçar melhor, minha filha.

– Minha avó, como você tem pernas grandes!

– É pra correr melhor, minha menina.

– Minha avó, como você tem orelhas grandes!

– É pra escutar melhor, minha menina.

– Minha avó, como você tem olhos grandes!

– É pra ver melhor, minha menina.

– Minha avó, como você tem dentes grandes!

– É pra te comer.

E dizendo estas palavras, o Lobo saltou pra cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou.

MORAL:

Vimos que os jovens,

Principalmente as moças,

Lindas, elegantes e educadas,

Fazem muito mal em escutar

Qualquer tipo de gente,

Assim, não será de estranhar

Que, por isso, o lobo as devore.

Eu digo o lobo porque todos os lobos
 Não são do mesmo tipo.
 Existe um que é manhoso
 Macio, sem fel, sem furor.
 Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,
 Persegue as jovens moças
 Até em suas casas e seus aposentos.
 Atenção, porém!
 As que não sabem
 Que esses lobos melosos
 De todos eles são os mais perigosos.

Fonte: <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a7.htm>

Imagem 3: Capa do livro contado por Cida Santos: Chapeuzinho de Couro, de autoria de Agostinho Ornellas, Editora Cortez, 2018.



Fonte: https://m.media-amazon.com/images/I/51927CygYRL_SY497_BO1.204.203.200.jpg

O caso do espelho - Ricardo Azevedo

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

- Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?
- Isso é um espelho --- explicou o dono da loja.
- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

- O senhor... conheceu meu pai? --- perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

- É não! --- respondeu o outro. --- Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou cuidadoso o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal-da-cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.

- Ah, meu Deus! --- gritava ela desnorteada. --- É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem comida.

- Que foi isso, mulher?

- Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato?

- Que retrato? --- perguntou o marido, surpreso.

- Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!

- O homem não estava entendendo nada.

- Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

- Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

- Velho lazarento coisa nenhuma! --- gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar para casa.

- Que é isso, menina?

- Aquele cafajeste arranhou outra!

- Ela ficou maluca --- berrou o homem, de cara amarrada.

- Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato.

Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

- Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou, feliz, abraçando a filha:

- Fica tranquila: a bruca do retrato já está com os dois pés na cova!

Fonte: Nova Escola, Maio 1999.p. 28-9.

João e o pé de feijão - Joseph Jacobs

Era uma vez uma pobre viúva que tinha apenas um filho, chamado João, e uma vaga chamada Branca Leitosa. A única coisa que garantia o seu sustento era o leite que a vaca dava toda manhã e que

eles levavam ao mercado e vendiam. Uma manhã, porém, Branca Leitosa não deu leite nenhum, e os dois não sabiam o que fazer.

"O que vamos fazer? O que vamos fazer?" perguntava a viúva, torcendo as mãos.

"Coragem mãe. Vou arranjar trabalho em algum lugar", respondeu João.

"Tentamos isso antes, e ninguém quis lhe dar emprego", disse a mãe. "Temos de vender Branca Leitosa e, com o dinheiro, montar uma lojinha, ou coisa assim."

"Certo, mãe", disse João. "Hoje é dia de feira, daqui a pouco vou vender Branca Leitosa e aí veremos o que fazer."

Assim, ele pegou a vaca pelo cabresto e lá se foi. Não tinha ido longe quando encontrou um homem de jeito engraçado, que lhe disse: "Bom dia, João."

"Bom dia", respondeu João, e ficou a matutar como o outro sabia seu nome.

"Então, João, para onde está indo?" perguntou o homem.

"Vou à feira vender esta vaca aqui."

"Ah, você parece mesmo o tipo de sujeito que nasceu para vender vacas", disse o homem. "Será que sabe quantos feijões fazem cinco?"

"Dois em cada mão e um na sua boca", respondeu João, vigilante como o quê.

"Está certo", disse o homem. "E aqui estão os feijões", contínuo, tirando do bolso vários feijões esquisitos. "Já que é tão vigilante", disse, "não me importo de fazer uma barganha contigo – sua vaca por estes feijões."

"Que tal você ir embora?" disse João.

"Ah! Você não sabe o que são estes feijões", disse o homem. "Se os plantar à noite, de manhã terão crescido até o céu."

"Verdade?" disse João. "Não diga!"

"Sim, é verdade, e se isso não acontecer pode pegar sua vaca de volta."

"Certo", disse João, entregando o cabresto de Branca Leitosa ao sujeito e enfiando os feijões no bolso.

Lá se foi João de volta para casa e, como não tinha ido muito longe, o sol ainda não morrera quando chegou à sua porta.

"Já de volta, João?" perguntou a mãe. "Vejo que não vem com Branca Leitosa, sinal de que a vendeu. Quanto chegou por ela?"

"Nunca adivinhará, mãe", disse João.

"Não, não diga isso. Meu bom menino! Cinco libras, dez, quinze, não, não pode ter vencido vinte."

"Eu disse que a senhora não conseguiria adivinhar. O que me diz destes feijões? São mágicos, plante-os à noite e..."

"Quê?" disse a mãe de João. "Será que você foi tão tolo, tão bobalhão e idiota a ponto de entregar minha Branca Leitosa, a melhor vaca leiteira da paróquia, e além disso carne da melhor qualidade, em troca de um comando de reles feijões? Tome! Tome! Tome! E quanto a seus preciosos feijões aqui, vou jogá-los pela janela. Agora, já para a cama. Por esta noite, não tomará nenhuma sopa, não engolirá nenhuma migalha."

Assim João subiu a escada até seu quartinho no sótão, triste e sentido, é claro, tanto por causa da mãe quanto pela perda do jantar.

Finalmente caiu no sono.

Quando acordou, o quarto parecia muito engraçado. O sol batia em parte dele, mas todo o resto estava bastante escuro, sombrio. João pulou da cama, vestiu-se e foi à janela. E o que você pensa que ele viu? Ora, os feijões que sua mãe jogara no jardim pela janela tinham brotado num grande pé de feijão, que subia, subia, subia até chegar ao céu. No fim das contas, o homem tinha falado a verdade.

Como o pé de feijão cresceu quase rente à sua janela, João só precisou abrir-la e pular na planta, que cresceu como uma grande escada. Assim, João subiu e subiu e subiu e subiu e subiu e subiu e subiu até que por fim chegou ao céu. Ao chegar lá, encontrei uma estrada larga e longa que seguia reta como uma seta. Pôs-se a andar pela estrada, e andou, andou, andou até chegar a uma casa alta, grande e maciça, e na soleira estava uma mulher alta, grande e maciça.

"Bom dia, senhora", disse João, com muita polidez. "Poderia ter a bondade de me servir um café da manhã?" (Pois ele não poderia comer nada na noite anterior, como você sabe, e estava faminto como um caçador.)

"É café da manhã o que você quer, é?" disse a mulher alta, grande e maciça. "É café da manhã que você vai virar se não cair fora daqui. Meu homem é um ogro e não há nada que ele aprecie mais do que meninos grelhados com torrada. Trate de chispar daqui porque ele não demora."

"Oh! Por favor, senhora, dê-me alguma coisa para comer. Não como nada desde ontem de manhã, verdade verdadeira, senhora", disse João. "Tanto faz ser grelhado quanto morrer de fome."

Bem, no fim a mulher do ogro não era assim tão má. Levou João até a cozinha e lhe deu um naco de pão e queijo e um jarro de leite. Mas João ainda não estava nem na metade da refeição quando tump! tump! tump! a casa inteira começou a tremer com o barulho de alguém se aproximando.

"Misericórdia! É meu velho", disse a mulher do ogro. "Ó céus, o que fazer? Corra e se enfie aqui." E ela entrouxou João dentro do forno no instante em que o ogro entrou.

Ele era grandalhão, não resta dúvida. Trazia na cinta três bezerros amarrados pelas patas traseiras. Entrando, desenganchou-os e jogou-os sobre a mesa, dizendo: "Aqui, mulher, faça-me uns dois destes grelhados para o café da manhã. Hum! Que cheiro é este que estou sentindo?"

"Fi-feu-fo-fum,

Farejo o sangue de um inglês.

Esteja vivo ou morto, doente ou são,

Vou raspar-lhe os ossos e comer com pão."

"Que bobagem, meu querido", disse a mulher. "Está sonhando. Ou, quem sabe, está sentindo o cheiro das sobras do garotinho que você comeu com tanto gosto no jantar de ontem. Vamos, vá tomar um banho e se arrumar. Quando voltar, seu café da manhã estará à sua espera. "

Assim o ogro saiu e João estava quase pulando fora do forno e fugindo quando a mulher lhe disse para não fazer aquilo. "Espere até que ele adormeça", disse ela. "Ele sempre tira um cochilo depois do café da manhã."

Bem, o ogro tomou seu café da manhã e em seguida foi um grande baú e de lá tirou um par de sacos de ouro. Depois sentou-se e ficou contando, até que, finalmente, começou a cabecear e a roncar, fazendo a casa toda tremer outra vez.

Então João se esgueirou do forno, pé ante pé, e, ao passar pelo ogro, pegou um dos sacos de ouro de debaixo do braço dele, e pernas para que te quero, até chegar ao pé de feijão. De lá, atirou o saco de ouro, que, é claro, caiu no jardim da sua mãe. Depois foi descendente e descendente até que finalmente chegou em casa e conto tudo à mãe. Mostrando-lhe o saco de ouro, disse: "Está vendo, mãe, eu não estava certo quanto aos feijões? São mágicos mesmo, como pode ver."

Por algum tempo, viveram do saco de ouro, mas um belo dia ele acabou. João então insistir em arriscar a sorte mais uma vez no alto do pé de feijão. Assim, numa bela manhã, acordou cedo e subiu no pé de feijão. Subiu, escalou, escalou, escalou, escalou, escalou, que por fim chegou de novo a uma

estrada e foi dar na casa alta, grande e maciça onde estava antes. Lá, é claro, havia uma mulher alta, grande e maciça parada na soleira.

"Bom dia, senhora", disse João, bem atrevido. "Poderia ter a bondade de me dar alguma coisa para comer?"

"Vá embora, meu menino", disse a mulher grande e alta, "senão meu marido vai comê-lo no café da manhã. Mas não é o rapazinho que esteve aqui antes? Sabe que naquele mesmo dia ele perdeu um de seus sacos de ouro?"

"Isso é estranho, senhora", disse João. "Acho que teria algo para lhe contar sobre isso, mas estou com tanta fome que só posso falar depois que tiver comido alguma coisa."

Bem, a mulher grande e alta ficou tão curiosa que o levou para dentro e lhe deu alguma coisa para comer. Mas assim que João começou a mastigar, o mais devagar que podia, tump! tump! ouviram os passos do gigante. Mais que deprime a mulher enfiou João no forno.

Tudo aconteceu como da outra vez: o ogro entrou em casa e disse:

"Fi-feu-fo-fum,

Farejo o sangue de um inglês.

Esteja vivo ou morto, doente ou são,

Vou raspar-lhe os ossos e comer com pão",

e comeu três bois grelhados como café da manhã. Depois falou: "Mulher, traga-me a galinha que bota os ovos de ouro." Assim ela fez e o ogro disse: "Bota", e a galinha botou um ovo todo de ouro. Em seguida o ogro começou a cabecear e a roncar até fazer a casa tremer.

Então João se esgueirou do forno, pé ante pé, passou a mão na galinha dourada e fugiu como um corisco. Mas dessa vez a galinha cacarejou e acordou o ogro e, assim que saiu da casa, João ouviu-o bradar: "Mulher, mulher, o que você fez com minha galinha dourada?"

E a mulher respondeu: "Por que pergunta, querido?"

Mas isso foi tudo que João escutou, porque mais que depressa ele correu até o pé de feijão e desceu num átimo. Quando chegou em casa, mostrou à mãe a galinha maravilhosa e deu a ordem: "Bota".

Mas João não ficou satisfeito e, não gostou muito, decidiu arriscar a sorte mais uma vez lá no topo do pé de feijão. Assim, numa bela manhã, acordou cedo e subiu no pé de feijão. E subiu, subiu, subiu, subiu, até que chegou no alto. Dessa vez, porém, teve a prudência de não ir direto à casa do ogro. Ao se aproximar, esperou atrás de um arbusto até ver a mulher do ogro sair com um balde para apanhar água. Então entrei sorratamente na casa e se meteu no caldeirão de ferver roupa. Não fazia muito tempo que estava lá quando ouvia tump! tump! tump! como antes e o ogro entrou com a mulher:

"Fi-feu-fo-fum,

Farejo o sangue de um inglês.

Esteja vivo ou morto, doente ou são,

Vou raspar-lhe os ossos e comer com pão."

E exclamou: "Sinto o cheiro dele, mulher, sinto o cheiro dele."

"Sente mesmo, meu bem?" respondeu a mulher do ogro. "Nesse caso, se é o patifezinho que roubou seu ouro e a galinha que botava ovos de ouro, com certeza se meteu no forno." E os dois correram até o forno. Mas João, por sorte, não estava lá, e a mulher do ogro disse: "Você é esse seu Fi-feu-fo-fum! Ora, com certeza você está sentindo o cheiro do menino que pegou ontem à noite e que acabo de grelhar para o seu café da manhã. Como eu sou esquecido e você é desatento, para não sabermos distinguir entre vivo e morto depois de tantos anos."

O ogro sentou-se então para tomar seu café da manhã, e de fato o tomou, mas vez por outra murmurava: "Eu poderia jurar..." e levantava, e vasculhava a despensa, os armários, tudo. Só não pensei, por sorte, no caldeirão.

Terminado o seu café da manhã, o ogro gritou: "Mulher, mulher, traga-me minha harpa dourada." Assim ela fez e pôs o instrumento na mesa diante dele. Então ele disse: "Toca." E a harpa de ouro tocou belissimamente. E continuou tocando até que o ogro adormeceu e começou a roncar como um trovão.

Então João ergueu a tampa do caldeirão de mansinho, escapuliu como um camundongo e se arrastou de gatinhas até chegar à mesa, onde se agachou, passou a mão na harpa dourada e atirou com ela para a porta. Mas a harpa chamou, bem alto: "Senhor! Senhor!" E o ogro acordou bem a tempo de ver João fugindo com ela.

João correu o mais depressa que pôde, mas o ogro foi atrás na disparada, e logo o teria agarrado, não fosse por João estar na dianteira, esquivar-se um pouco e saber para onde ia. O ogro não estava a mais de vinte metros de distância quando João chegou ao pé de feijão, e que ele viu foi João desaparecer e, ao chegar ao fim da estrada, viu João lá embaixo, descendo numa correria desatinada. Bem, como não gostou da ideia de se arriscar em semelhante escada, o ogro parou e esperou, de modo que João ganhou outra vantagem. Naquele instante, porém, a harpa chamou: "Senhor! Senhor!" e o ogro se pendurou no pé de feijão, que se sacudiu com seu peso. Lá ia João, descendo, e atrás dele descia o ogro. Nessa altura João tinha descido, descido e descido tanto que estava muito perto de casa. Por isso gritou: "Mãe! Mãe! traga-me um machado, traga-me um machado." E a mãe veio correndo com o machado na mão. Ao chegar no pé de feijão, porém, ficou paralisada de pavor, pois dali viu o ogro com suas pernas já atravessando as nuvens.

Mas João pulou no chão e experimentou o machado. Deu uma machadada tal no pé de feijão que o partiu em dois. Sentindo o pé de feijão balançar e estremecer, o ogro parou para ver o que estava conectado. Nesse momento João deu outra machadada e o pé de feijão acabou de se partir e começou a vir abaixo. Então o ogro despencou e quebrou a cabeça enquanto o pé de feijão desmoronava.

João mostrou à mãe a harpa dourada, e assim, exibindo a harpa e vendendo os ovos de ouro, ele e sua mãe ficaram muito ricos, tanto que ele se casou com uma magnífica princesa, e todos viveram felizes para sempre.

Fonte: Contos de fadas/ edição, introdução e notas Maria Tatar; Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – 2ª ed. com. E il. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Pavão Misterioso - cordel de José Camelo de Melo

Eu vou contar uma história
De um pavão misterioso
Que levantou voo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso.

Residia na Turquia
Um viúvo capitalista
Pai de dois filhos solteiros
O mais velho João Batista
Então o filho mais novo
Se chamava Evangelista.

O velho turco era dono

Duma fábrica de tecidos
Com largas propriedades
Dinheiro e bens possuídos
Deu de herança a seus filhos
Porque eram bem unidos.
Depois que o velho morreu
Fizeram combinação
Porque o tal João Batista
Concordou com o seu irmão
E foram negociar
Na mais perfeita união.

Um dia João Batista
Pensou pela vaidade
E disse a Evangelista:

— Meu mano eu tenho vontade
de visitar o estrangeiro
se não te deixar saudade.

— Olha que nossa riqueza
se acha muito aumentada
e dessa nossa fortuna
ainda não gozei nada
portanto convém qu'eu passe
um ano em terra afastada.

Respondeu Evangelista:

– Vai que eu ficarei
regendo os negócios
como sempre eu trabalhei
garanto que nossos bens
com cuidado zelarei.

– Quero te fazer um pedido:
procure no estrangeiro
um objeto bonito
só para rapaz solteiro;
traz para mim de presente
embora custe dinheiro.

João Batista prometeu
Com muito boa intenção
De comprar um objeto
De gosto de seu irmão
Então tomou um pacote
E seguiu para o Japão.

João Batista no Japão
Esteve seis meses somente
Gozando daquele império
Percorreu o Oriente
Depois voltou para a Grécia
Outro país diferente.

João Batista entrou na Grécia
Divertiu-se em passear
Comprou passagem de bordo
E quando ia embarcar
Ouviu um grego dizer
Acho bom se demorar.

João Batista interrogou:
– Amigo fale a verdade

por qual motivo o senhor
manda eu ficar na cidade?
Disse o grego: – Vai haver
Uma grande novidade.

– Mora aqui nesta cidade
um conde muito valente
mais soberbo do que Nero
pai de uma filha somente
é a moça mais bonita
que há no tempo presente

– É a moça em que eu falo
Filha do tal potentado
O pai tem ela escondida
Em um quarto de sobrado
Chama-se Creuza e criou-se
Sem nunca ter passeado.

– De ano em ano essa moça
bota a cabeça de fora
para o povo adorá-la
no espaço de uma hora
para ser vista outra vez
tem um ano de demora.

O conde não consentiu
Outro homem educá-la
Só ele como pai dela
Teve o poder de ensiná-la
E será morto o criado
Que dela ouvir a fala.

Os estrangeiros têm vindo
Tomarem conhecimento
Amanhã quando ela aparece
No grande ajuntamento
É proibido pedir-se
A mão dela em casamento.

Então disse João Batista
– Agora vou me demorar
pra ver essa condessa
estrela desse lugar
quando eu chegar à Turquia
tenho muito o que contar.

Logo no segundo dia

Creuza saiu na janela
Os fotografos se vexaram
Tirando o retrato dela
Quando inteirou uma hora
Desapareceu a donzela.

João Batista viu depois
Um retratista vendendo
Alguns retratos de Creuza
Vexou-se e foi dizendo:
– Quanto quer pelo retrato
porque comprá-lo pretendo.

O fotógrafo respondeu:
– Lhe custa um conto de réis
João Batista ainda disse:
– Eu compro até por dez
se o dinheiro não der
empenharei os anéis.

João Batista voltou
Da Grécia para a Turquia
E quando chegou em Meca
Cidade em que residia
Seu mano Evangelista
Banqueteou o seu dia.

Então disse Evangelista:
– Meu mano vá me contando
se viste coisas bonitas
onde andaste passeando
o que me traz de presente
vá logo entregando.

Respondeu João Batista:
– Para ti trouxe um retrato
de uma condessa da Grécia
moça que tem fino trato
custou-me um conto de réis
ainda achei muito barato.

Respondeu Evangelista
Depois duma gargalhada:
- Neste caso meu irmão
pra mim não trouxe nada
pois retrato de mulher
é coisa bastante usada.

- Sei que tem muitos retratos
mas como o que eu trouxe não
vais agora examiná-lo
entrego em tua mão
quando vires a beleza
mudará de opinião.

João Batista retirou
O retrato de uma mala
Entregou ao rapaz
Que estava de pé na sala
Quando ele viu o retrato
Quis falar tremeu a fala.

Evangelista voltou
Com o retrato na mão
Tremendo quase assustado
Perguntou ao seu irmão
Se a moça do retrato
Tinha aquela perfeição.

Respondeu João Batista
- Creuza é muito mais formosa
do que o retrato dela
em beleza é preciosa
tem o corpo desenhado
por uma mão milagrosa.

João Batista perguntou
Fazendo ar de riso:
- Que é isso, meu irmão
queres perder o juízo?
Já vi que este retrato
Vai te causar prejuízo.

Respondeu Evangelista
- Pois meu irmão eu te digo
vou sair do país
não posso ficar contigo
pois a moça do retrato
deixou-me a vida em perigo.

João Batista falou sério:
- Precipício não convém
de que te serve ir embora
por este mundo além
em procura de uma moça
que não casa com ninguém.

- Teu conselho não me serve
estou impressionado
rapaz sem moça bonita
é um desafortunado
se eu não me casar com Creuza
findo meus dias enforcado.

- Vamos partir a riqueza
que tenho a necessidade
dá balanço no dinheiro
porque eu quero a metade
o que não posso levar
dou-te de boa vontade.

Deram o balanço no dinheiro
Só três milhões encontraram
Tocou dois a Evangelista
Conforme se combinaram
Com relação ao negócio
Da firma se desligaram.

Despediu-se Evangelista
Abraçou o seu irmão
Chorando um pelo outro
Em triste separação
Seguindo um para a Grécia
Em uma embarcação.

Logo que chegou na Grécia
Hospedou-se Evangelista
Em um hotel dos mais pobres
Negando assim sua pista
Só para ninguém saber
Que era um capitalista.

Ali passou oito meses
Sem se dar a conhecer
Sempre andando disfarçado
Só para ninguém saber
Até que chegou o dia
Da donzela aparecer.

Os hotéis já se achavam
Repletos de passageiros
Passeavam pelas praças
Os grupos de cavalheiros
Havia muito fidalgos

Chegado dos estrangeiros.

As duas horas as tarde
Creuza saiu à janela
Mostrando a sua beleza
Entre o conde e a mãe dela
Todos tiraram o chapéu
Em continência à donzela.

Quando Evangelista viu
O brilho da boniteza
Disse: - Vejo que meu mano
Quis me falar com franqueza
Pois esta gentil donzela
É rainha de beleza.

Evangelista voltou
Aonde estava hospedado
Como não falou com a moça
Estava contrariado
Foi inventar uma idéia
Que lhe desse resultado.

No outro dia saiu
Passeando Evangelista
Encontrou-se na cidade
Com um moço jornalista
Perguntou se não havia
Naquela praça um artista.

Respondeu o jornalista:
- Tem o doutor Edmundo
na rua dos Operários
é engenheiro profundo
para inventar maquinismo
é ele o maior do mundo.

Evangelista entrou
Na casa do engenheiro
Falando em língua grega
Negando ser estrangeiro
Lhe propôs um bom negócio
Lhe oferecendo dinheiro.

Assim disse Evangelista:
- Meu engenheiro famoso
primeiro vá me dizendo
se não é homem medroso

porque eu quero custar
um negócio vantajoso

Respondeu-lhe Edmundo
- Na arte não tenho medo
mas vejo que o amigo
quer um negócio em segredo
como precisa de mim
conte-me lá o enredo.

- Eu amo a filha do conde
a mais formosa mulher
se o doutor inventar
um aparelho qualquer
que eu possa falar com ela
pago o que o senhor quiser.

- Eu aceito o seu contrato
mas preciso lhe avisar
que eu vou trabalhar seis meses
o senhor vai esperar
é obra desconhecida
que agora vou inventar.

- Quer o dinheiro adiantado?
Eu pago neste momento
- Não senhor, ainda é cedo
quando terminar o invento
é que eu digo o preço
quanto custa o pagamento.

Enquanto Evangelista
Impaciente esperava
O engenheiro Edmundo
Toda noite trabalhava
Oculto em sua oficina
E ninguém adivinhava.

O grande artista Edmundo
Desenhou nova invenção
Fazendo um aeroplano
De pequena dimensão
Fabricado de alumínio
Com importante armação.

Movido a motor elétrico
Depósito de gasolina
Com locomoção macia

Que não fazia buzina
A obra mais importante
Que fez em sua oficina.

Tinha cauda como leque
As asas como pavão
Pescoço, cabeça e bico
Lavanca, chave e botão
Voava igualmente ao vento
Para qualquer direção.

Quando Edmundo findou
Disse a Evangelista:
— Sua obra está perfeita
ficou com bonita vista
o senhor tem que saber
que Edmundo é artista.

— Eu fiz o aeroplano
da forma de um pavão
que arma e se desarma
comprimindo em um botão
e carrega doze arroba
três léguas acima do chão.

Foram experimentar
Se tinha jeito o pavão
Abriram a lavanca e chave
Encarcaram num botão
O monstro girou suspenso
Maneiro como balão.

O pavão de asas abertas
Partiu com velocidade
Coroando todo o espaço
Muito acima da cidade
Como era meia noite
Voaram mesmo à vontade.

Então disse o engenheiro:
— Já provei minha invenção
fizemos a experiência
tome conta do pavão
agora o senhor me paga
sem promover discussão.

Perguntou Evangelista:
— Quanto custa o seu invento?

— Dê me cem contos de réis
acha caro o pagamento
o rapaz lhe respondeu:
Acho pouco dou duzentos.

Edmundo ainda deu-lhe
Mais uma serra azougada
Que serrava caibro e ripa
E não fazia zuada
Tinha os dentes igual navalha
De lâmina bem afiada.

Então disse o jovem turco:
— Muito obrigado fiquei
do pavão e dos presentes
para lutar me armei
amanhã a meia-noite
com Creuza conversarei.

À meia-noite o pavão
Do muro se levantou
Com as lâmpadas apagadas
Como uma flecha voou
Bem no sobrado do conde
Na cumeeira pousou.

Evangelista em silêncio
Cinco telhas arredou
Um buraco de dois palmos
Caibros e ripas serrou
E pendurado numa corda
Por ela escorregou.

Chegou no quarto de Creuza
Onde a donzela dormia
Debaixo do cortinado
Feito de seda amarela
E ele para acordá-la
Pôs a mão na testa dela.

A donzela estremeceu
Acordou no mesmo instante
E viu um rapaz estranho
De rosto muito elegante
Que sorria para ela
Com um olhar fascinante.

Então Creuza deu um grito:

— Papai um desconhecido
entrou aqui no meu quarto
sujeito muito atrevido
venha depressa papai
pode ser algum bandido.

O rapaz lhe disse: — Moça
Entre nós não há perigo
Estou pronto a defendê-la
Como um verdadeiro amigo
Venho é saber da senhora
Se quer casar-se comigo.

De um lenço enigmático
Que quando Creuza gritava
Chamando o pai dela
Então o moço passava
Ele no nariz da moça
Com isso ela desmaiava.

O jovem puxou o lenço
Ao nariz da moça encostou
Deu uma vertigem na moça
De repente desmaiou
E ele subiu na corda
Chegando em cima tirou.

Ajeitou os caibros e ripas
E consertou o telhado
E montando em seu pavão
Voou bastante vexado
Foi esconder o aparelho
Aonde foi fabricado.

O conde acordou aflito
Quando ouviu essa zuada
Entrou no quarto da filha
Desembainhou a espada
Encontrou-a sem sentido
Dez minutos desmaiada.

Percorreu todos os cantos
Com a espada na mão
Berrando e soltando pragas
Colérico como um leão
Dizendo: — Aonde encontrá-lo
Eu mato esse ladrão.

Creuza disse: — Meu pai
 Pois eu vi neste momento
 Um jovem rico e elegante
 Me falando em casamento
 Não vi quando ele encantou-se
 Porque me deu um passamento.

Disse o conde: — Nesse caso
 Tu já estás a sonhar
 Moça de dezoito anos
 Já pensando em se casar
 Se aparecer casamento
 Eu saberei desmanchar.

Evangelista voltou
 Às duas da madrugada
 Assentou seu pavão
 Sem que fizesse zuada
 Desceu pela mesma trilha
 Na corda dependurada.

E Creuza estava deitada
 Dormindo o sono inocente
 Seus cabelos como um véu
 Que enfeitava puramente
 Como um anjo de terreal
 Que tem lábios sorridentes.

O rapaz muito sutil
 Foi pegando na mão dela
 Então a moça assustou-se
 Ele garantiu a ela
 Que não eram malfazejos:
 — Não tenha medo donzela.

A moça interrogou-o
 Disse: — Quem é o senhor
 Diz ele: — Sou estrangeiro
 Lhe consagrei grande amor
 Se não fores minha esposa
 A vida não tem valor.

Mas Creuza achou impossível
 O moço entrar no sobrado
 Então perguntou a ele
 De que jeito tinha entrado
 E disse: — Vai me dizendo
 Se és vivo ou encantado.

Como eu lhe tenho amizade
 Me arrisco fora de hora
 Moça não me negue o sim
 A quem tanto lhe adora!
 Creuza aí gritou: — Papai
 Venha ver o homem agora.

Ele passou-lhe o lenço
 Ela caiu sem sentido
 Então subiu na corda
 Por onde tinha descido
 Chegou em cima e disse:
 — O conde será vencido.

Ouviu-se tocar a corneta
 E o brado da sentinela
 O conde se dirigiu
 Para o quarto da donzela
 Viu a filha desmaiada
 Não pode falar com ela.

Até que a moça tornou
 Disse o conde: — É um caso sério
 Sou um fidalgo tão rico
 Atentado em meu critério
 Mas nós vamos descobrir
 O autor do mistério.

— Minha filha, eu já pensei
 em um plano bem sagaz
 passa essa banha amarela
 na cabeça desse audaz
 só assim descobriremos
 esse anjo ou satanás.

— Só sendo uma visão
 que entra neste sobrado
 só chega à meia-noite
 entra e sai sem ser notado
 se é gente desse mundo
 usa feitiço encantado.

Evangelista também
 Desarmou seu pavão
 A cauda, a capota, o bico
 Diminuiu a armação
 Escondeu o seu motor

Em um pequeno caixão.

Depois de sessenta dias
Alta noite em nevoeiro
Evangelista chegou
No seu pavão bem maneiro
Desceu no quarto da moça
A seu modo traiçoeiro.

Já era a terceira vez
Que Evangelista entrava
No quarto que a condessa
À noite se agasalhava
Pela força do amor
O rapaz se arriscava.

Com um pouco a moça acordou
Foi logo dizendo assim:
— Tu tens dito que me amas
com um bem-querer sem fim
se me amas com respeito
te senta juntos de mim.

Evangelista sentou-se
Pôs-se a conversar com ela
Trocando o riso esperava
A resposta da donzela
Ela pôs-lhe a mão na testa
Passou a banha amarela.

Depois Creuza levantou-se
Com vontade de gritar
O rapaz tocou-lhe o lenço
Sentiu ela desmaiar
Deixou-a com uma síncope
Tratou de se retirar.

E logo Evangelista
Voando da cumeeira
Foi esconder seu pavão
Nas folhas de uma palmeira
Disse: — Na quarta viagem
Levo essa estrangeira.

Creuza então passou o resto
Da noite mal sossegada
Acordou pela manhã
Meditava e cismada

Se o pai não perguntasse
Ela não dizia nada.

Disse o conde: — Minha filha
Parece que estás doente?
Sofreste algum acesso
Porque teu olhar não mente
O tal rapaz encantado
Te apareceu certamente.

E Creuza disse: — Papai
Eu cumpri o seu mandado
O rapaz apareceu-me
Mas achei-o delicado
Passei-lhe a banha amarela
E ele saiu marcado.

O conde disse aos soldados
Que a cidade patrulhassem
Tomassem os chapéus de
Quem nas ruas encontrassem
Um de cabelo amarelo
Ou rico ou pobre pegassem.

Evangelista trajou-se
Com roupa de alugado
Encontrou-se com a patrulha
O seu chapéu foi tirado
Viram o cabelo amarelo
Gritaram: — Esteja intimado!

Os soldados lhe disseram:
— Cidadão não estremeça
está preso a ordem do conde
e é bom que não se cresça
vai a presença do conde
se é homem não esmoreça.

— Você hoje vai provar
por sua vida responde
como é que tem falado
com a filha do nosso conde
quando ela lhe procura
onde é que se esconde.

Evangelista respondeu:
— Também me faça um favor
enquanto vou me vestir

minha roupa superior
na classe de homem rico
ninguém pisa meu valor.

Disseram: — Pode mudar
Sua roupa de nobreza
A moça bem que dizia
Que o rapaz tinha riqueza
Vamos ganhar umas luvas
E o conde uma surpresa.

Seguiu logo Evangelista
Conversando com o guarda
Até que se aproximaram
Duma palmeira copada
Então disse Evangelista:
— Minha roupa está trepada.

E os soldados olharam
Em cima tinha um caixão
Mandaram ele subir
E ficaram de prontidão
Pegaram a conversar
Prestando pouca atenção.

Evangelista subiu
Pôs um dedo no botão
Seu monstro de alumínio
Ergueu logo a armação
Dali foi se levantando
Seguiu voando o pavão.

E os soldados gritaram:
— Amigo, o senhor se desça
deixe de tanta demora
é bom que não aborreça
senão com pouco uma bala
visita sua cabeça.

Então mandaram subir
Um soldado de coragem
Disseram: — Pegue na perna
Arraste com a folhagem
Está passando na hora
De voltarmos da viagem.

Quando o soldado subiu
Gritou: — Perdemos a ação

Fugiu o moço voando
De longe vejo um pavão
Zombou de nossa patrulha
Aquele moço é o cão.

Voltaram e disseram ao conde
Que o rapaz tinham encontrado
Mas no olho de uma palmeira
O moço tinha voado
Disso o conde: — Pois é o cão
Que com Creuza tem falado.

Creuza sabendo da história
Chorava de arrependida
Por ter marcado o rapaz
Com banha desconhecida
Disse: — Nunca mais terei
Sossego na minha vida.

Disse Creuza: — Ora papai
Me prive da liberdade
Não consente que eu goze
A distração da cidade
Vivo como criminosa
Sem gozar a mocidade.

— Aqui não tenho direito
de falar com um criado
um rapaz para me ver
precisa ser encantado
mas talvez ainda eu fuja
deste maldito sobrado.

— O rapaz que me amou
só queria vê-lo agora
para cair nos seus pés
como uma infeliz que chora
embora que eu depois
morresse na mesma hora.

— Eu sei que para ele
não mereço confiança
quando ele vinha aqui
ainda eu tinha esperança
de sair desta prisão
onde estou desde de criança.

Às quatro da madrugada

Evangelista desceu
 Creuza estava acordada
 Nunca mais adormeceu
 A moça estava chorando
 O rapaz lhe apareceu.

O jovem cumprimentou-a
 Deu-lhe um aperto de mão
 A condessa ajoelhou-se
 Para pedir-lhe perdão
 Dizendo: — Meu pai mandou
 Eu fazer-te uma traição.

O rapaz disse: — Menina
 A mim não fizeste mal
 Toda a moça é inocente
 Tem seu papel virginal
 Cerimônia de donzela
 É uma coisa natural.

— Todo o seu sonho dourado
 é fazer-te minha senhora
 se quiseres casar comigo
 te arrumas e vamos embora
 senão o dia amanhece
 e se perde a nossa hora.

— Se o senhor é homem sério
 e comigo quer casar
 pois tome conta de mim
 aqui não quero ficar
 se eu falar em casamento
 meu pai manda me matar.

— Que importa que ele mande
 tropas e navios pelos mares
 minha viagem é aérea
 meu cavalo anda nos ares
 nós vamos sair daqui
 casar em outros lugares.

Creuza estava empacotando
 O vestido mais elegante
 O conde entrou no quarto
 E dando um berro vibrante
 Gritando: — Filha maldita
 Vais morrer com o seu amante.

O conde rangendo os dentes
 Avançou com passo extenso
 Deu um pontapé na filha
 Dizendo: — Eu sou quem venço
 Logo no nariz do conde
 O rapaz passou o lenço.

Ouviu-se o baque do conde
 Porque rolou desmaiado
 A última cena do lenço
 Deixou-o magnetizado
 Disse o moço: -Tem dez minutos
 Para sairmos do sobrado.

Creuza disse: — Eu estou pronta
 Já podemos ir embora
 E subiram pela corda
 Até que saíram fora
 Se aproximava a alvorada
 Pela cortina da aurora.

Com pouco o conde acordou
 Viu a corda pendurada
 Na coberta do sobrado
 Distinguiu uma zuada
 E as lâmpadas do aparelho
 Mostrando luz variada.

E a gaita do pavão
 Tocando uma rouca voz
 O monstro de olho de fogo
 Projetando os seus faróis
 O conde mandando pragas
 Disse a moça: — É contra nós.

Os soldados da patrulha
 Estavam de prontidão
 Um disse: — Vem ver fulano
 Aí vai passando um pavão
 O monstro fez uma curva
 Para tomar direção.

Então dizia um soldado
 — Orgulho é uma ilusão
 um pai governa uma filha
 mas não manda no coração
 pois agora a condessinha
 vai fugindo no pavão.

O conde olhou para a corda
E o buraco do telhado
Como tinha sido vencido
Pelo rapaz atilado
Adoeceu só de raiva
Morreu por não ser vingado.

Logo que Evangelista
Foi chegando na Turquia
Com a condessa da Grécia
Fidalga da monarquia
Em casa do seu irmão
Casaram no mesmo dia.

Em casa de João Batista
Deu-se grande ajuntamento
Dando vivas ao noivado
Parabéns ao casamento
À noite teve retreta
Com visita e cumprimento.

Enquanto Evangelista
Gozava imensa alegria
Chegava um telegrama
Da Grécia para Turquia
Chamando a condessa urgente
Pelo motivo que havia.

Dizia o telegrama:
"Creuza vem com o teu marido
receber a tua herança
o conde é falecido
tua mãe deseja ver
o genro desconhecido."

A condessa estava lendo
Com o telegrama na mão
Entregou a Evangelista
Que mostrou ao seu irmão
Dizendo: — Vamos voltar
Por uma justa razão.

De manhã quando os noivos
Acabaram de almoçar
E Creuza em traje de noiva

Pronta para viajar
De palma, véu e capela
Pois só vieram casar.

Diziam os convidados:
— A condessa é tão mocinha
e vestida de noiva
torna-se mais bonitinha
está com um buquê de flor
séria como uma rainha.

Os noivos tomaram assento
No pavão de alumínio
E o monstro se levantou-se
Foi ficando pequenino
Continuou o seu vôo
Ao rumo do seu destino.

Na cidade de Atenas
Estava a população
Esperando pela volta
Do aeroplano pavão
Ou o cavalo do espaço
Que imita um avião.

Na tarde do mesmo dia
Que o pavão foi chegado
Em casa de Edmundo
Ficou o noivo hospedado
Seu amigo de confiança
Que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creuza
Já esperava vexada
A filha mais tarde entrou
Muito bem acompanhada
De braço com o seu noivo
Disse: — Mamãe estou casada.

Disse a velha: — Minha filha
Saíste do cativoiro
Fizeste bem em fugir
E casar no estrangeiro
Tomem conta da herança
Meu genro é meu herdeiro.

Bismar - Versão contada por Cida Santos durante a entrevista que a ouviu de seu avô

Bismar que é a história de uma moça gigante, de um mundo gigante onde ela conhece o Rodrigo.

Rodrigo vai trabalhar na casa deles em troca de um ovo, para sua refeição, só que na verdade, seria ele a refeição da família de Bismar.

Ele encontra nela o amor, quando os dois conseguem fugir, ele vai para um lugar bem distante. Então, ele a deixa por um ano para ela poder se reduzir junto com dois anjinhos que cuidavam dela e ele vai para casa dos parentes.

Só que ele não podia ser abraçado pelas costas, senão iria esquecer da Bismar. Um dia ele é abraçado sem perceber e ele esquece.

Um ano passa e Bismar iria acabar morrendo onde ela estava. Mas, chega o papagaio, que era um dos Anjos atrás de Rodrigo. Enquanto ele estava lá dormindo, o papagaio senta na janela e começa a cantar:

“Anda carneirinho de ouro

Não esqueça do andar

Não faça que nem Rodrigo

Que esqueceu de Bismar”

Nesse momento ele tenta se lembrar, mas ele diz: “aí que Bismar? Eu lá sei quem é Bismar!

E o papagaio continua cantando

“Anda carneirinho de ouro

Não esqueça do andar

Não faça que nem Rodrigo

Que esqueceu de Bismar”

Na terceira vez, que era a última, se ele não acordasse, se ele não lembrasse dela, ela morreria. Então, nesse momento ele se lembra, monta no seu cavalo e sai desesperado e encontra sua linda Bismar do tamanho natural dele e aí os dois se casam.

9 Considerações Finais: Um novo olhar para a palavra

Como introdução deste trabalho explicitarei meu nível de envolvimento com o objeto de pesquisa e do lugar em que falo. Na sequência, apresentei o meu Mito de Origem e o caminho percorrido da pesquisa. No capítulo 4 apresentei aos leitores, a partir dos meus referenciais teóricos, o que entendo com base em minhas leituras e reflexões, um pouco sobre o ritual das histórias e o cuidado com elas, bem como sobre a performance da voz e do corpo do narrador, quais são as potencialidades de uma história e como contá-las. Já no quinto capítulo fomos levados a refletir sobre o interior do estado de São Paulo, mais especificamente sobre a região do Pontal do Paranapanema, onde nossas entrevistadas vivem e contam suas histórias.

No capítulo “A escuta narrativa” abordei a maneira como ocorreu o percurso das entrevistas e a forma como elas foram realizadas. Tivemos a experiência de ouvir, ver e sentir por meio da fala dessas contadoras descritas ao longo do capítulo “Existir e Resistir”, com a intenção de construir sentidos para o que fazem durante a contação de histórias no Pontal do Paranapanema. E no último capítulo coletamos algumas dessas histórias narradas por elas. Assim, chegamos ao final dessas reflexões porque a luta por leis de fomentos e de incentivo para a narração de histórias continua. Pois, concordo com a fala de Cida Santos ao nos revelar que:

ser contador de história [...] não é uma coisa valorizada. Não é uma profissão reconhecida infelizmente como nos outros países. Mas, é uma coisa que eu gostaria muito de ver a profissão de contador de história como uma área regulamentada, porque levaram alegria, emoção para outras pessoas é maravilhoso! (Cida Santos).

Deixo aqui registrado algumas conclusões em que cheguei:

Contar histórias é permitir que possamos viver rituais sagrados e isso precisa ser feito de forma cuidadosa e respeitosa, pois não podemos contar qualquer coisa e de qualquer jeito. Existem formas de narrar e cada contador precisa descobrir qual é a sua.

A história precisa ser cuidada. Para cada contador ela tem um tempo até chegar aos ouvidos, ao corpo por meio de sua performance, mas ela precisa chegar ao seu coração. A palavra é sagrada e cada narrador tem um espaço reservado de conexão com ela.

Nosso corpo fala e diz muito sobre nossas histórias, o ritmo, a cadência, o jogo com a palavra, os silêncios, os vazios precisam ser preenchidos por meio da performance e isso requer preparo e estudo do conto, não pode ser jogado aos ouvidos do outro, há de se ter cuidado.

Uma história pode chegar de diversas formas em cada um que as escuta, por isso, todas elas nos ensinam algo. Nossas vidas são únicas, desta forma cada um irá senti-las a partir de seus conhecimentos prévios e conexões com suas vidas.

A região do Pontal do Paranapanema é um espaço de lutas e conflitos, imaginei que encontraria muito mais histórias e contadores nesse lugar, mas as histórias e pessoas não reveladas nos disseram muito mais sobre esse território. Isso nos mostrou que suas histórias estão sofrendo um silenciamento por parte de suas Secretarias e Departamentos de Cultura que não reconhecem seus guardadores de memórias, seus guardadores da história, seus guardadores da palavra. Bem como, não existem políticas públicas que inserem a linguagem da narração artísticas em seus editais, há um epistemicídio dessas culturas por meio dos órgãos públicos.

As mulheres contadoras do Pontal existem e resistem construindo sentidos para a contação de histórias nessa territorialidade. Suas histórias não serão esquecidas. Nem todas elas receberam suas palavras como herança, mas elas precisam constantemente redefinir os rumos e as formas como contam suas histórias.

10 Referências

- AGUIAR, V. T. DE; MARTHA, A. Á. P. **Territórios da Leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- ANDRÉ, M. E. D. **Estudo de caso**: seu potencial na educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.º 49, p. 51-54, maio. 1984. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1427> . Acesso em: 30 setembro 2018.
- AZEVEDO, R. **Ponto de vista**: livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão! Presença Pedagógica. V. 5, n. 25, p. 87-88 jan./ fev. 1999.
- BEHLAU, M. A **Voz do Especialista** (volume 1). Rio de Janeiro: reiventor; 2001.
- BEHLAU MS; PONTES P. **Higiene vocal**: cuidando da voz. 2a ed. São Paulo: Revinter; 1999.
- BEHLAU, Mara; PONTES, Paulo. **Higiene vocal**: cuidando da voz. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
- BEHLAU MS, MADAZIO G.; PONTES PAL. **Avaliação de voz**. [Apostila 3]. São Paulo: CEV; 1999
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fada**. Traduzido por Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980.
- BUSATTO, C. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2003.
- BUSATTO, C. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**: vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades. 1995.
- CHAMBERS, A. **Dime – los niños, la lectura y la conversación**. Mexico: Fondo de Cultura Económica. 2007.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, set./dez, 2012, p. 523-740.
- ECO, U. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas, Tradução. Giovanni CUTOLO, São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GIROTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. de. Estratégias de leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem. In: GIROTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. de. **Ler e compreender**: Estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- HAMPÂTÉ BÂ, AMADOU. A tradição viva. In: MEDEIROS, FÁBIO HENRIQUE NUNES; MORAES, TAIZA MARA RAUEN. **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 155-188.
- HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

JOVCHELOVITCH, SANDRA; BAUER, MARTIN W. Entrevista narrativa. In: BAUER, MARTIN W.; GASKELL, GEORGE. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 90-113.

KLEIMAN, ANGELA. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. Angela Kleiman. 9ª edição, Campinas, SP: Pontes. 2002.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LARROSA, JORGE. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. Revista Educação & Realidade. 29 (1), p. 27-43. jan/jun 2004.

MACHADO, REGINA. **A arte da palavra e da escuta**. 1ª ed. São Paulo: editora Reviravolta, 2015.

MACIEL, A. **Cada um conta de um jeito**. Florianópolis: Cia Mafagatos, 2019.

MATOS, G. A. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2014.

MATOS, G. A.; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MODESTO-SILVA, K. A. DE A.; CAMPOS, C. DE A.; CARNEIRO, A. P.; CORTEZ, M. Contar e encantar: técnicas de Contação de histórias e as estratégias de leitura na educação infantil. In: FEBA, B. L. T. & SOUZA, R. J. DE (orgs). **Práticas de leitura literária na primeira infância**. Presidente Prudente, SP: Educação Literária, 2020.

MORAES, FABIANO. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MUYLAERT, CAMILA JUNQUEIRA; SARUBBI JR., VICENTE; GALLO, PAULO ROGÉRIO; NETO, MODESTO LEITE ROLIM. REIS, ALBERTO OLAVO ADVINCULA. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Rev Esc Enferm USP 2014; 48 (Esp 2):193-199.

REVOREDO, M. SOUZA, R. J. de. Formar leitores: mediação e espaços de leitura. In: RIBEIRO, A. I. M. (Org) **Educação contemporânea: caminhos, obstáculos e travessias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RIBEIRO, DJAMILA. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SANTOS, Izabele Dias dos. **A literatura oral na sala de aula: trabalhando a narração de contos e causos a partir da simples narrativa**. IN: SOUZA, Renata Junqueira de. et al. A arte narrativa na infância: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

SCHÜTZE, FRITZ. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa**. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

SILVA, M. B. C. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

SISTO, CELSO. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOBREIRO FILHO, JOSÉ. **A luta pela terra no Pontal do Paranapanema: História e Atualidade**. UNIOESTE. 2012.

SOUSA SANTOS, BOAVENTURA DE. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, MariaPaula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Portugal: EdiçõesAlmedina. 2009. p.23-71. 2.

SOUZA, ELIZEU CLEMENTINO DE. **O Conhecimento de si: estágio e narrativa de formação e professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, ELIZEU CLEMENTINO. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica**: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Revista do Centro em Educação UFSM, Santa Maria, v. 39, n. 1, jan./abr. 2014, p. 39-50.

VIEIRA JUNIOR, ITAMAR. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

YUNES, ELIANA. Contar ler – a arte de contar histórias e as práticas de leitura. IN: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice (orgs). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012.

ZILBERMAM, R. **A literatura infantil na escola**. 2 ed. São Paulo: Global, 1982.

ZUMTHOR, P. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo, Ubu, 2005.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

11 APÊNDICES

Apêndice A – Fotos da Contadora Beatriz









Fonte: arquivo pessoal da contadora

Apêndice B – Fotos da Contadora Ivonete











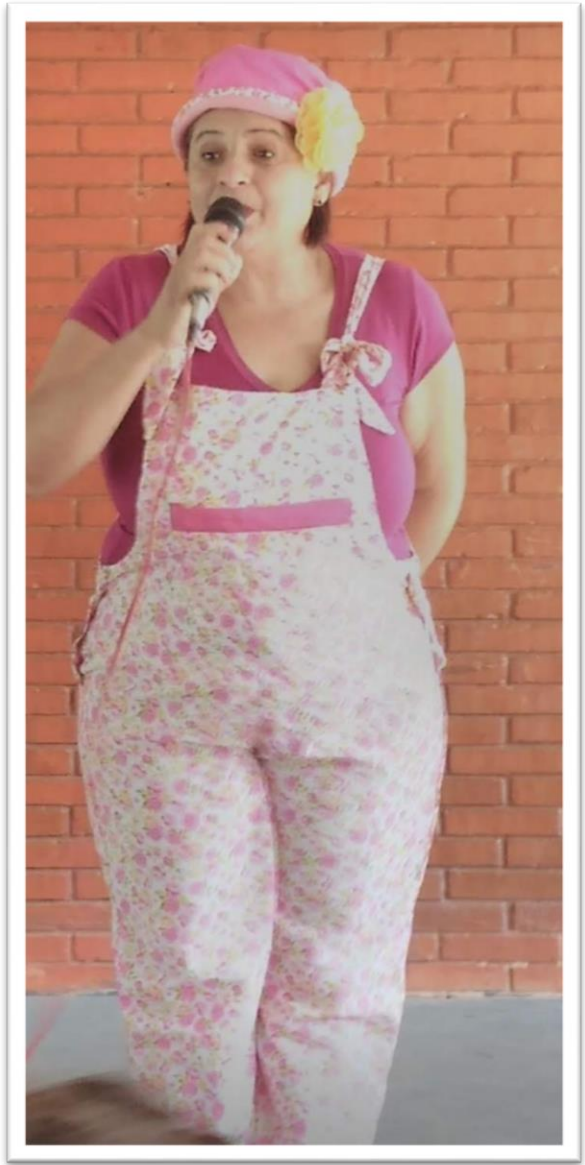


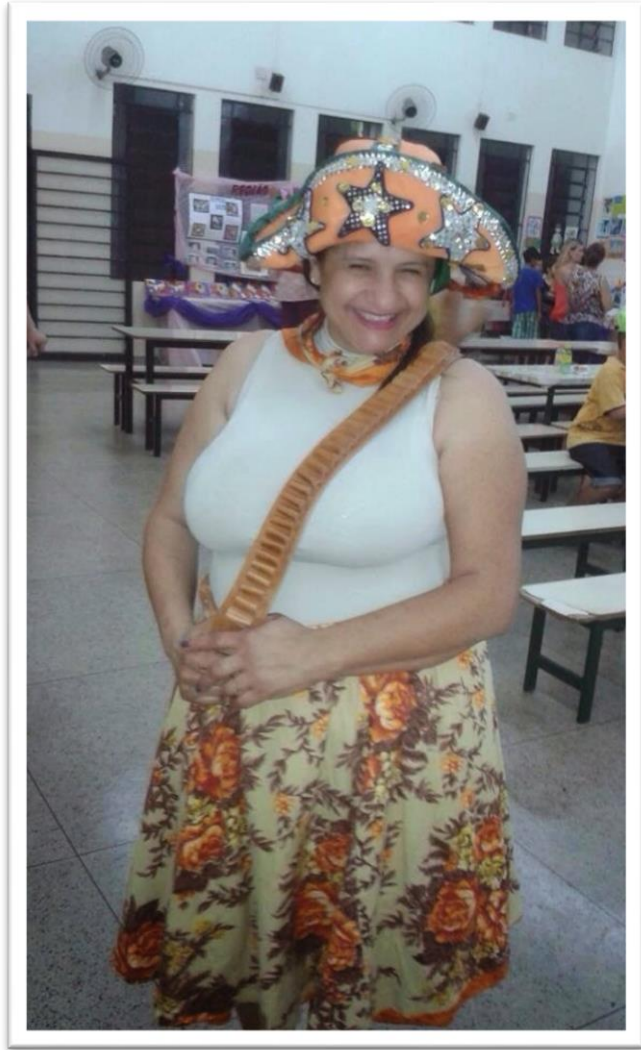
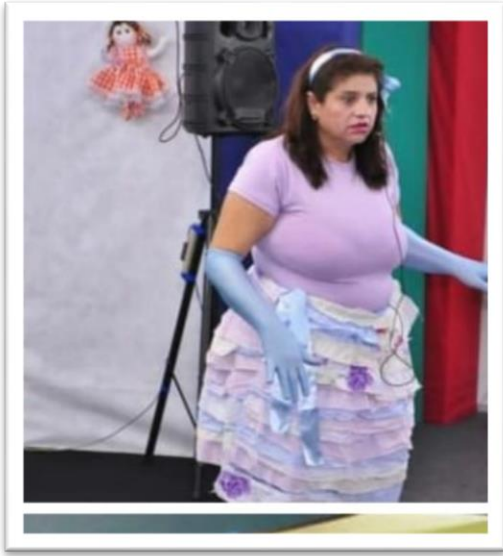
Fonte: arquivo pessoal da contadora

Apêndice C – Fotos da Contadora Cida Santos









Fonte: arquivo pessoal da contadora

Apêndice D - Transcrições das Entrevistas Narrativas

Beatriz Alves de Moura

Pesquisadora: Oi Bia, a gente vai começar nessa entrevista e aí eu gostaria que você me contasse um pouco sobre você e sobre o seu percurso como contadora de histórias. Como começou a contar histórias, como e em quais locais você conta histórias, quais indumentários ou cenários você utiliza. Quais as histórias que você conta e tudo mais que lhe ocorrer e for importante para você, tá bom? E aí mais tarde eu falei algumas perguntas sobre o que você disser.

Beatriz: Eu sou a Beatriz, nasci no interior de São Paulo, na cidade de Presidente Prudente, eu venho de uma família que não teve muito contato com estudos acadêmicos. Alguns nem terminaram a escola básica e a minha relação com a contação de história, oficialmente né... reconhecendo como profissão, como ofício de contador ela se inicia na graduação. Porém, quando eu resgato o meu eu contadora de história, ele já tem traços, né... encaminhados, assim desde que eu era pequena, porque a minha mãe ela gostava muito de contar história para gente de inventar histórias, então a gente pedia para ela inventar histórias, é... sobre cachorro, por exemplo, à noite aí ela inventava histórias para gente e era assim, incrível a gente viajava ali nas histórias, né... ou às vezes era um livro que a gente não gostava daquele final, aí a gente trazia o livro da escola e ela continuava a história, ela geralmente não lia para gente, mas ela contava muitas histórias. Eu lembro muito dela fazendo isso, contando inventando histórias para gente e a minha avó também, a minha avó ela tinha muita prática assim de contar para gente sobre histórias de lobisomem, histórias mesmo assim do nordeste, do Ceará, enfim... de quando eles moravam lá para aqueles lados, né... Então antes de mudar para cá e aí eles contavam para gente, né... só que parecia muito real aquelas histórias, então eu nunca levava como uma ficção, para mim era uma história real, até eu entender que eram lendas e tudo mais, porque o jeito que ela passava aquelas história para nós era assim, o moço que morava lá no sítio do fulano a gente ficou sabendo né... que ele sumiu porque na noite de lua cheia encontrar as roupas dele lá no celeiro, lá no meio da fazenda e era assim as histórias. Mas, isso era parte do meu universo ali íntimo de família mesmo né... e aí depois do divórcio dos meus pais eu me afastei um pouco desse universo, enquanto eu fiquei longe da minha vó né... aí a gente também foi crescendo minha mãe foi trabalhar fora a gente não tinha mais esse contato né... e ele foi realmente se perdendo assim. Mas, eu sempre gostei muito da biblioteca da escola que eu estudei, apesar delas serem bem escassas né... o contato com os livros e com as histórias. Eu também tinha uma professora... agora eu estou até lembrando mesmo disso, que tinha uma professora que contava histórias, escrevendo e desenhando com giz na lousa. Então ela desenhada as histórias e aquilo era incrível, assim, cada traço que ela ia criando, antes dela criar o desenho, a gente já ia imaginando e ela era ótima com isso, e ela fazia uma ótima interpretação também das histórias enfim... Então hoje, quando eu olho assim para o meu eu, eu identifico todas essas personagens aí contadoras de histórias que estiveram na minha trajetória e que eu sei que de alguma forma eu tenho um pouquinho delas, porque as histórias sempre para mim foram isso, eram coisas reais, elas eram tão incríveis assim, que eu entrava tanto naquele universo, que uma história para mim era levada a sério. Então, eu nunca conseguia enxergar para mim um livro às vezes, até eu fazer essa distinção, era mais ficção do que uma história realmente que alguém contava, tinha que ter muita verdade ali naquelas histórias, e eu parava realmente para escutar e guardava aquelas histórias comigo e aí quando eu sabia que as histórias eram de livros, por exemplo, quando minha

professora contava, eu ficava assim, minha mente ficava muito em dúvida, assim porque era tão bom o jeito que ela contava, que eu fica assim, não pode ser, alguém não inventou isso, isso é verdade? Enfim, aí passou muito tempo né... eu fui fazer o curso de pedagogia e no curso de pedagogia eu conheci o CELLIJ né... na UNESP de Presidente Prudente né... na disciplina da professora Renata Junqueira e também conheci a contação de história né... como ofício mesmo né... técnicas de contação de histórias, mas até então nunca tinha pensado na contação de história sendo ali efetivada por um profissional que fizesse mesmo a contação de história né... seja de um livro ou de histórias da nossa cultura popular né... da história da oralidade mesmo, e aí, foi aí que eu comecei, a professora Renata me convidou, aí eu fiz né... a gente teve um fechamento da disciplina era para o grupo se reunir e fazer uma contação de história e o meu grupo me elegeu a contadora de história, mas eu não fazia ideia de como eu ia contar uma história, porque eu nunca tinha contado realmente uma história assim daquela forma que a professora apresentou para a gente né... dentro do universo literário pensando em uma abordagem ali de chamar atenção de quem fosse escutar nossas histórias né... então fazer criar alguma musiquinha alguma fala de introdução ou de fechamento da história, essas coisas porque para mim isso era uma coisa do meu cotidiano familiar, que estava enterrada há muitos anos. Enfim, só que aí a gente ensaiou bastante né... e eu me aventurei né... e foi muito incrível assim, realmente depois as pessoas falaram: “nossa você contou muito bem essa história e tal!” E a professora Renata falou: “nossa, você precisa ir para o CELLIJ, eu quero você lá no CELLIJ!” Aí eu falei assim: “gente, mas como assim?” Aí realmente era uma coisa assim que eu gosto de fazer isso, e aí eu percebi que nesse processo todo né... que as histórias que eu gosto de contar são as que eu acredito na ideia. Enfim, no sentido que ela tem para mim eu estabeleça essa relação de um significado ali com aquela história, então eu vou contar ela como uma verdade e aí eu me saio muito bem entre aspas, né... porque eu acho que eu não sou uma contadora de histórias, eu já vi muitas contadoras de histórias incríveis, então assim eu sei que eu tenho muito para caminhar ainda, mas eu conto uma história de verdade então é isso que eu vejo. Então, aí eu fui para o CELLIJ e comecei a estudar mais sobre o contação de histórias né... realmente sobre a literatura infantil a gente começou a ter informações para contador de história lá no CELLIJ a gente tinha essa experiência também de receber crianças da escola pública do município e aí a gente se organizava em temáticas né para ciclos de contação e a gente tinha ali professores, pessoas de mestrado e doutorado que nos orientavam né nas contações de história e a gente também tinha formação às vezes com o pessoal do teatro que era muito importante, foi muito importante, ah... é verdade! Lembrando disso... quando eu na minha infância fiz projeto na minha cidade, Projeto Aquarela, eu fazia aula de teatro né... lá, e eu lembro que às vezes a gente fazia algumas, não era bem uma contação de histórias, mas era para encenar pequenas histórias. Então assim, eu vejo que tudo isso contribuiu para o meu ser contadora né... porque, até assim no dia que a professora Renata falou: “mas você conta história na onde?” Eu falei: em lugar nenhum! Eu contei aqui na sua disciplina! Mas, é por isso por conta de vivências que eu também tinha e que eu acho que foram acarretando porque aí depois né... desse processo no CELLIJ, a gente passou também a receber outros bolsistas E aí Teve uma época que eu orientava essas bolsistas porque já estava lá há mais tempo. E aí, eu percebia com os que chegavam eles gostavam muito do universo literário mas, não tinha ali uma desenvoltura às vezes para contar história né... E ali, era o projeto de contação de histórias, então uma coisa era ler o livro de literatura para as crianças era trazer a Literatura Infantil, outra coisa era né... ali fazer a contação de história mesmo né! Então, mais do que a proferição lá do livro, da história do livro, mas, era contar uma história. Então eu via que às vezes faltava isso, assim esse contato com alguém que contou a história para ele ou de que forma que contava e também da própria

personalidade da pessoa. Então, todo mundo né... uma coisa que a gente se fala nas formações todo mundo pode ser um contador de história né... você só precisa encontrar a história que você se sinta a vontade né... o ambiente também né que você escolhe para contar. Então, como que eu conto história: eu escolho quando eu posso escolher né... porque hoje, eu também faço trabalho de contação de histórias, já como profissional da contação, mesmo não achando que eu sou uma profissional, mas como é escasso também esse profissional principalmente na nossa região assim né. Às vezes a gente percebe então, eu tenho esse espaço por conta que tem poucos, poucas pessoas ainda né... eu sei que preciso me aperfeiçoar nisso. Mas, enfim hoje quando eu faço e eu posso escolher as histórias eu escolho as minhas preferidas porque são as histórias que eu conto melhor, as histórias que eu mais gosto né... então os autores que eu gosto, também as faixas etárias que eu gosto. Então, tudo isso faz parte do meu universo de contação, quando eu penso na contação eu me preocupo com tudo isso, com as histórias que eu tenho que contar, as temáticas, o público então às vezes eu aceito desafios também. E aí eu tenho que estar preparada, recentemente fiz um trabalho que me desafiou bastante que era contar história para adolescentes, então eu tô acostumada ali com a educação infantil até os pré-adolescentes, tudo bem, mas, os adolescentes mesmo é um desafio para mim. E aí eu tive que pensar em como estaria minha vida naquele momento, porque para mim contar uma história é isso, eu tô ali de corpo, eu preciso transmitir para as crianças, transmitir para o meu público né... e aquilo exige muito de mim né... aquilo exige uma presença minha né... A minha presença ali com os meus ouvintes, então, eu sempre tenho que pensar nisso, então eu não posso estar insegura naquele ambiente. Por mais que a gente tenha insegurança, um frio na barriga e tudo mais né... é uma coisa que acontece quando é um lugar novo. Mas assim, eu tenho que estar segura no sentido de que eu vim contar essa história e eu vou transmitir essa mensagem né... Não que necessariamente haja uma mensagem ali na história né... que seja esperada se entender, mas a gente transmite uma mensagem, com o nosso corpo, com o nosso olhar, então sempre um contador de história nunca vai contar igual ao outro, nunca né... porque a história vai chamar alguma parte dela vai chamar mais atenção na gente. Então, a gente vai enfatizar na nossa contação aquela parte né a gente vai chamar mais atenção, a gente vai se deter mais naquela parte da história, então, eu sempre penso isso: eu vim aqui para dizer, para contar uma história né... que eu ouvi, e eu adoro ouvir história. Então eu sempre penso que o outro que vai estar ali, também vai adorar ouvir a minha história e eu seleciono muito histórias da Literatura Infantil mesmo. Eu trabalho muito com histórias de autores e escritores brasileiros. Eu gosto muito de priorizar a literatura brasileira. E aí, vai depender mesmo das faixas etárias, eu sempre penso muito na faixa etária e também no tempo que eu tenho para contar história, quanto tempo que eu tenho, de cronômetro mesmo. Então, às vezes tenho sei lá, uma hora para contar história ou é uma escola é uma praça onde é que eu tô contando essa história. Então se eu conheço mais o público, eu consigo fazer uma seleção mais detida, se não eu vou pensar em coisas mais gerais, quando eu não tenho controle da idade e qualquer pessoa pode chegar também para escutar aquela história. Então, vai depender de tudo isso, gosto muito de história com rimas, que tem essa coisa poética, gosto do universo fantástico! Sou apaixonada pelos contos, pelas histórias que fazem referências aos contos de fadas, porque na verdade foi a minha construção literária da infância, foi os contos de fadas e eu amo as histórias e gosto de histórias que realmente dá vazão para interpretação e para sensibilização também, gosto das histórias divertidas. Eu tô aprendendo na verdade contar histórias mais divertidas, fazer o público rir e isso também é uma coisa que eu tenho experimentado, porque eu sou uma pessoa mais melancólica, então geralmente eu escolho histórias mais melancólicas, mas na última contação que eu fiz para os adolescentes teve adultos, eu contei uma história muito

engraçada e foi contagiante a história engraçada contagiou todo o ambiente e adultos estavam morrendo de rir, adolescentes tinham esquecido que era adolescentes, então aí eu falei: gente isso é uma história muito boa! E agora eu tô pensando bastante nesse universo. Não sei se eu passei por tudo o que você queria saber? Acho que é mais ou menos isso.

Pesquisadora: Mais alguma coisa que você queira colocar, que você se lembra ou que vem na sua memória?

Beatriz: Em relação a contação de histórias assim, aé... você falou: porque que eu comecei a contar história? aí eu fui, eu fiquei assim, primeiro que eu gostei de contar história naquele dia, porque era uma história era o dente o dente ainda doía, acho que era esse o título da história, foi minha primeira história assim que eu contei né... ainda contei no flanelógrafo, foi uma coisa assim bem, bem legal! E eu gostei, porque realmente como fazia sentido para mim a narrativa e os personagens e eu pensava assim, naquele dia eu pensei assim na minha sala, que as pessoas acharam meio chato fazer aquela atividade meio literatura infantil, não sei por quê, mas no dia, elas gostaram tanto que ali realmente era assim, se ela não leu o livro, mas ela me leu ali naquele dia contando aquela história, então eu pensei: “cara as crianças... pensando que eu ia ser pedagoga.” Com toda a formação que a professora Renata já tinha dado para gente lá sobre a literatura e tudo mais, se ela tiver um professor contador de história com certeza a lida delas, a experiência delas com a Literatura Infantil vai ser diferenciada e a gente pode estimular muito isso. Então assim, no dia que eu vi que havia essa possibilidade, a oportunidade do CELLIJ e por ter sentido ali mesmo as pessoas me ouvindo e eu nunca tinha estado naquele lugar de ser ouvida e foi um retorno bom eu falei é isso! Eu quero fazer isso! Eu gosto de fazer isso! E realmente todo aquele nervoso que eu estava no dia, passou no momento que eu me sentia conectada com as pessoas que eu sabia contar a história, que eu sabia no sentido de que aquela história era verdadeira para mim, então eu tinha as imagens as cenas da história da minha cabeça e parece que eu estava lá na história realmente contando para as outras pessoas e foi por isso eu comecei a contar história, porque eu via que eu podia contar história e as pessoas iam parar para me ouvir, e eu gostava de alguém que contava história para mim. Então eu queria também ser essa pessoa, e de alguma forma também influenciar na minha sala de aula. E aí, foi um grande trajeto porque eu vejo que o meu contato com a literatura e com a forma de contar história no CELLIJ, relacionada a literatura não me deixou entrar em um universo de contação didatizante, mecanizado, que às vezes infelizmente na escola a gente vê mesmo numa contação de história. Então a contação de história é arte para mim. Então, quando eu penso na expressão da contação de história eu não consigo pensar em outra coisa a não ser isso, eu estou oferecendo um momento artístico para as crianças, talvez elas não tenham isso sempre nas escolas. É muito difícil na verdade a gente ter esse trabalho artístico com as crianças na escola de profissionais mesmo, seja do teatro, da música, da dança. Enfim, então quando eu tô contando história, eu realmente penso isso: eu estou oferecendo arte para elas, eu estou oportunizando uma experiência artística literária, então eu sempre escolho história da literatura geralmente, gosto muito do pessoal que trabalha com a questão das histórias orais, dessas histórias que foram passadas através da oralidade, mas eu ainda não tenho essa prática. Eu sou uma pessoa que conta mais vezes na Literatura Infantil escrita que a gente tem, mas sempre pensando nisso: que é uma expressão da arte, é uma expressão humana, a história já saiu do livro. Ela já se torna a história da Bia sobre aquele livro, então ela já não é mais só aquela história daquele livro e é bem isso que eu penso quando eu vou contar história. Então às vezes as pessoas vêm comentar: ai que bonitinho, que legal, não sei o que e tal sobre a história. Mas, aí você começa a conversar e

elas ficam meio decepcionadas porque você pensa numa expressão artística da contação de história e isso eu tô falando do ambiente escolar, que é onde eu estou mais inserida nesse momento e aí realmente a gente vê que você precisa experimentar esse lugar de contador para poder se tornar um contador e você vai escolher o caminho que você quer seguir como contador. Eu escolho esse mesmo: da arte, da expressão artística ali através da literatura e do contato mesmo com as pessoas do olhar, do poder falar do poder expressar a palavra ali e levar as pessoas para um outro universo naquele momento que ela tá ali escutando uma história. Acho que isso mesmo.

Pesquisadora: Então tá, acho que estou satisfeita. Se você quiser me pontuar mais alguma coisa, fica à vontade. Acho que é isso. Muito obrigada!

Ivonete

Pesquisadora: Ivonete, eu gostaria que você me contasse um pouco sobre você e o seu percurso como contadora de histórias, como começou a contar histórias, como e em quais locais você conta, quais indumentárias ou cenários você utiliza e quais são as suas histórias que você costuma contar. Então tudo que você for lembrando que vier a sua memória e algo que seja importante para você e aí se eu tiver alguma dúvida, alguma pergunta eu faço no final.

Ivonete: Então, na verdade a gente aprende a contar história eu acho que na família né!? A minha mãe sempre foi uma grande contadora de história, ela uma pessoa que foi impedida de aprender a ler e escrever na infância. Então, ela recontava as histórias, talvez até para não esquecer, porque era o que ela tinha como possibilidade de lembrar, então ela sempre contou muitas histórias, então desde muito pequena que eu lembro dela falando. E a gente nasceu no bairro rural, que não tinha energia elétrica, isso fazia com que a gente não tivesse televisão. Então nos dias de chuva, que não dava para ir para roça ou quando tava muito frio e a gente não podia brincar do lado de fora da casa, a gente ficava sentado... naquela época não existia sofá, então a gente sentava em banco de madeira ou sentava no caixote em alguma coisa assim, aí a gente não tinha sofás, foi algo que chegou na comunidade muitas décadas depois, então na minha infância o que a gente tinha era esses assentos mais rústico né... E ela contava da vida dela, de quando era criança, como eram as fazendas quem era fulano quem era beltrano e aí tinha outras pessoas nessa comunidade que também relembavam suas infâncias. Então, eu lembro muito bem do seu Joaquim que era um senhorzinho que morava sozinho né e aí ele batia no portão em casa ele tinha seu costume de bater palma mesmo sem ter portão e sem ter cerca as pessoas batiam palma no limite né para entrar e aí ele entrava sempre meio apavoradinho, ele tinha um paletó escuro assim que era da cor do mundo, porque acho que de tudo aquele paletó já tinha visto, parecia que tinha mais de 100 anos, mas ele não saía sem por aquele paletó ele botava o paletó do terno, uma calça social e chinelo de dedo, e ele vinha, era uma figura emblemática né, e aí ele batia: Dona Maria, eu tô com muito medo, que a veia do Martirim está chegando lá em casa, a velha do Martirim era a morte. Ele tinha muito medo de morrer, então toda vez que ele acha que tinha assim, algum mal estar, podia até ser gases que dava algum embrulho no coração ele procurava algum vizinho, porque ele morria de medo de morrer sozinho, então ele ia lá para casa, e aí eles ficavam lembrando né, de gente que já tinha morrido que trabalhava na roça também, que ele sempre trabalhou na roça, e aí era uma pessoa que era amiga da família desde sempre. Tinha o Nédio, que era

pião do trecho, e aí o Nédio contava muita história também porque ele também era analfabeto, ele prestava muita atenção, ele era pião do trecho mesmo. A mãe conhecia ele, desde quando ela era solteira, então tinha mais de 50 anos que eles eram amigos. Ele foi amigo do meu pai, até meu pai morrer e aí, o Nédio andava com o bucho nas costas, só que ele tinha alguns postos de vamos dizer assim, posto de apoio, então em casa era um dos lugares onde ele lavava roupa, aí ele ia pra lavar a roupa e botava a roupa para secar, às vezes ele lembrava de voltar para pegar roupa limpa e às vezes ele sumia ficava meses desaparecido com a roupa lá. Então acho que aí ele se distraía com alguma coisa, alguém convidava para ir trabalhar não sei aonde ele sumia. Depois de meses, ele vinha aí a mãe catava a roupa dele do varal, dobrava, botava num bucho, que a gente não tinha mala. Baú até tinha em casa, mas baú guardava assim a roupa fina, a roupa de cama que era mais chique né, as toalha de mesa para festa com alguma ocasião muito especial, o resto era tudo em bucho, guarda-roupa essas coisas também não tinham não e aí, o Nédio aparecia de novo. Ele além de tudo, ele era muito alto e era gago. Ele nunca esquecia do biscoito que minha irmã mais velha deu pra ele, que o biscoito tava muito duro, aí toda vez que ele chegava minha mãe falava: você quer um bolinho Nédio? ...Tá, tá, tá muito duro? Aí minha mãe: Não esse foi eu que fiz. Aaaaaaquele que a Maaaaatilde fez tiiiiinha que ficacaca dududuas horas de molho na boca. Aí ele perguntava se estava muito duro aí a mãe fazia os bolinho que ele gostava muito, ela fazia uns bolinhos enroladinho assim com um buraco no meio, aí ele adorava aquele biscoito que a mãe fazia né ou então pão feito em casa, que naquela época era muito difícil ter pão de padaria. Depois de muitos anos, que se começou assim comprar pão de padaria, lá na comunidade nem tinha padaria né, tinha uns botecos, as vendas, mas não tinha padaria não. Aí tinha a minha avó Bem-Vinda, que é por conta dela que eu criei essa personagem, que também era muito emblemática. Minha avó Bem-Vinda, era da Bahia, não... de Alagoas e ela viveu muitos anos com... como é que ele chamava... ele empreiteiro, mas era um empreiteiro que morava na fazenda e aí contratava os peão, turma de trabalhador para trabalhar por época. Então, tinha a turma que era de colheita, tinha a turma que era melhor para tocar bicho, então dependendo do ano o empreiteiro contratava mais ou menos gente e era ele quem fazia intermediação entre trabalhadores né e o patrão, que minha mãe nunca nem fala de patrão, ela só fala desse senhor que ela morava na casa e a minha avó era companheira dele até que ele se separaram e a minha avó ficou praticamente a míngua né, foi morar num cortiço, lá perto de casa e ela era vó de criação também, a minha mãe a mãe dela morreu ela tinha 3 anos, aí ficou com meu vô e meu vô era benzedor e não quis assumir, então ele vivia perturbado com espírito e não parava em canto nenhum, ficava andando para lá e para cá, morando em tapera num canto, morando em tapera num outro e fugindo assim, não tinha parada. Até que chegou uma hora, que meus dois tios foram embora, então ficou a minha mãe e mais dois irmãos, os outros acho que eram em oito, os outros morreram. A minha avó, inclusive a mãe fala, que morreu de tifo com dois gêmeos, que estavam mamando no peito, ainda essas duas crianças morreram também, e aí ela ficou muito pequenininha com os dois irmãos, o Antônio, hoje é meu tio Antônio e meu tio João, até que chegou na hora que ela não aguentou mais ficar mudando de uma fazenda para outra, porque o vô Cândido, tinha essa atrapalhão na vida né, de não parar. Aí teve um período, que a mãe conta que ela tinha uma madrasta, teve uma madrasta que foi o período que ele ficou mais quieto na vida né, mas a madrasta disse que era muito boazinha, mas que tinha duas filhas capeta, parecia a história da Gata Borralheira lá, porque disse que as meninas era um “trem”. [Esse é o Igbim, o gato mais sem vergonha que eu já tive]. Então, a mãe conta que elas eram muito malvadas, muito malvadas e meu vô também, não era muito a pessoa totalmente bondosa não, sabe... tinha umas crises de crueldade, e aí ela fala que um dia ele chamou ela e falou: eu vou te dar uma educação agora,

a mãe acha que ele já estava bêbado, ela não lembra direito o que aconteceu, que ele bateu com ela na cabeça muito muito muito muito, até virar um rio de sangue na menina e ela tinha ainda a cicatriz dessa vez que ele bateu nela, e ela disse que não tinha motivo nenhum não, que ela não lembra de ter feito nada. E aí, na casa da madrasta eles davam muito pouca comida para ela, e ela vivia com fome e nunca comia um pedaço de carne diferente, era só os pés, e ela disse que às vezes ela ficava deixando o pé para comer por último, para ficar com gostinho na boca e as meninas ainda tomava dela e dava para o cachorro. Aí disse que foi desse jeito, até que o meu vô e essa mulher não aguentou, porque meu vô bebia demais, a mãe conta que a última que ele aprontou foi um dia que ele inventou que era aniversário dele, porque ele não sabia direito o dia que ele tinha nascido, nem nada. Ela acha que ele inventou e aí deu uma festa para todo mundo da fazenda e cozinhou a comida do mês inteiro, aí no dia seguinte não tinha nada para fazer pra comer para ir para roça, ele falou eu vou comer esses vidros de pimenta e diz que ele comeu 2 vidros de pimenta pura com a colher. E depois ficou a semana inteira passando mal, com dor de barriga por causa das pimenta que ele comeu. Então, uma pessoa para fazer um negócio desse não era bom da cabeça não né? Era atrapalhado também. Aí ela foi viver com a minha avó e com o marido dela durante muito tempo, né... e que esse muito tempo a gente não sabe quantos anos são, porque ela também nunca precisou a data que mudou para lá e nem a data que saiu, mas aí ela disse que eles fizeram uma festa muito grande de casamento para ela. A fotografia de casamento dela com meu pai tinha, eu lembro que que tinha em casa ainda né... aí ela morreu o ano passado e essa fotografia ficava lá por dentro das gavetas. Aí no dia do casamento diz que a festona foi muito boa, só que quando ela foi morar no barraco que eles fizeram lá com o pai, ela não tinha onde cozinhar, aí ela arrumou uma lata e ela ganhou dois pratos aí então ela tinha que fazer o feijão, depois de despejar o feijão numa outra vasilha que ela tinha lá de plástico, para depois cozinhar o arroz, que só tinha aquela vasilha. Aí ela começou a criar galinha, para poder ir vendendo os ovo, e depois os franguinho, para poder juntar dinheiro para comprar as coisas. Então, foi desse jeito que ela começou a vida. Quando eu nasci, passou alguns anos eu comecei a me lembrar das coisas, porque talvez até por conta do meu pai ser muito doido eu acabei despertando para ser mais, para lembrar das coisas, mas bem pequenininha e a mãe sempre trabalhava na roça e me levava junto com ela. Desde que eu me entendo por gente, meu pai já não trabalhava mais, a minha irmã mais velha fala que ele não era assim não, que ele era muito trabalhador, mas depois eu acho que foi ficando mais atrapalhado com o passar do tempo né... e ele já deve ser atrapalhado desde menino, ele fugiu de casa com oito anos, ele morava na cidade da Barra lá na Bahia e aí a minha avó se separa do meu vô e ele decidiu que ele não ia morar com a vó dele não que a vó dele era muito brava. Ele pegou o rumo da estrada e veio embora acompanhando doido, aí ele foi escravizado quando ele era criança ainda e a dona Pedrina que acabou de criar ele o seu Antônio, é que achou ele num barraco lá, todo molambento, comendo muito pouco com baiano explorando a mão de obra dele, sem dá comida direito, nem roupa, nem calçado, nem nada. Aí, ele levou ele para casa dela e ele foi criado lá junto com essa minha avó de criação também e com o vô, então eles contavam essas histórias, mais a minha mãe, meu pai contava de vez em quando, mas ele não era alguém que ficasse quieto calmo contando, a contadora de história em casa era a mãe mesmo, aí tinha a Dona Bem-Vinda, aí tinha a Dona Maria, dona Maria era também uma das comadre, ela é ela é madrinha da minha irmã mais velha a Matilde e a dona Maria morava no Paraná já quando eu era criança e ela passava sempre vinha e era muito engraçado que ela vinha do Paraná com duas sacolas daquelas de feira, bem reforçada cheia de coisa, então ela trazia abóbora, chuchu, queijo caipira, e ela não aguentava carregar tudo aquilo, era muito peso, então ela ficava pedindo para os outros ajudar ela descer do ônibus, subir no ônibus, porque ela vinha

com a sacola cheia, aí na hora que ela ia embora, a mãe ficava assim... nossa ela trouxe duas sacola cheia de coisa, aí ficava arrumando coisa pra ela levar, então ela voltava com essa sacola cheia de peso de novo pro Paraná, e aí a mãe tentava arrumar outras coisas que não tinha lá na fazenda que ela morava na fazenda lá também né, então tentava arrumar sabonete, alfazema, que é um perfume que as velhas gostam muito, essas coisas e a dona Maria de volta lá essas coisas dela. Então, quando eu fui fazer faculdade, na verdade eu já contava história antes, mas eu não sabia que isso era uma atividade, assim né, eu fui ficar admirada quando as pessoas começaram a me convidar para contar histórias. Até que chegou uma hora que o Sesc começou a me pagar para contar história, aí eu falei: que negócio né? contar história e receber para contar história? Aí eu fiquei pensando... então... mas agora eu vou ter que criar um jeito de contar história e ter uma roupa, treinar a história que eu vou contar, porque a gente contava história de lembrança, num ficava assim estudando um livro, estudando uma história, pra contar aquela história depois, ou escrever uma história, no caso escrever uma história para contar, a gente contava das lembranças que tinha, tanto é que a gente emendava uma história na outra, a outra na outra e na outra, que depois você não sabia nem o que você tinha começado a contar, ia conversando. Aí as pessoas começaram a convidar. Teve um dia que eu tava fazendo a faculdade de pedagogia a professora Fátima Rota falou: Ivonete, no seminário de EJA você conta uma história na abertura? Eu fiquei pensando, mas eu vou contar que história na abertura do seminário de EJA? Fiquei pensando, aí então eu acho que eu vou reviver a Bem-Vinda, que eu já tinha escrito, eu já tinha escrito, olha eu falando que nem caipira, eu já tinha escrito algumas histórias, ah... acho que eu vou contar então as histórias da Bem-Vinda, que a Bem-Vinda é uma personagem que eu criei que é maluquinha da cabeça, e ela anda com burrico para baixo e para cima e na verdade não foi baseado em nenhuma pessoa que eu vi, mas desde menina que eu sempre gostei muito de bicho e os burricos eu achava um bicho assim porreta, porque burro não obedecia ninguém quando ele não queria. E eu dava muito risada com o povo que queria que o burro fizesse aquilo que ele não tava querendo fazer. Então, o burro trabalhava muito o que que ele fazia: ele empacava, e aí as vezes ele ficava tão bravo que ele não tomava água, ele não comia, simplesmente ele empacava, e aí eu ficava matutando, eu falei comigo: esse bicho tá fazendo greve. Não come, não bebe, não sai do lugar e o meu pai particularmente ficava louco, queria que o burro saísse na marra. E os burro empacava, eu sentava assim meio de longe, que meu pai também qualquer coisa ele tacava na cabeça da gente, então você tinha que se proteger, não podia ficar marcando não, porque o veio era doido. Aí eu ficava de longe olhando eu falei: mas que burro danado, ele pode fazer o que ele quiser! Aí passava um tempo eu catava a água, torrão de rapadura, aí eu ficava por ali né, até o burro se acostumar comigo. Aí depois, eu começava a comer, o burro olhava assim, começava a lambar eu falei, ah agora ele já tá querendo comer, aí eu tomava água, despejava no chão e ficava olhando, aí ele dava até um passinho, aí pegava, despejava a água e aí ele vinha e bebia, aí daqui à pouco ia lá, cortava uma cana, dava pra ele comer, hora que meu pai viu que o burro tava comendo, bebendo, aí que ele ficava bravo mesmo: a praga desse burro só não me obedece! Aí minha mãe vinha gritando: Para Arvino! Deixa o coitado do burro descansar, ele tava cansado, deixa para trabalhar só amanhã! Hoje não dá para puxar mais nada com ele não, que ele tá cansado demais! Aí, passava, então quando eu fui criar essa personagem eu falei: nossa a minha avó Bem-Vinda, que era teimosa que nem uma jumenta com um burrico vai dar certinho os dois, o povo vai gostar da história dos dois juntos. E aí eu botei uma roupa da roça né, porque eu não tinha nenhuma roupa feita assim né pela costureira, com saia com flor, nem nada eu falei eu vou botar uma roupa da roça. Aí catei uma saia, que a gente quando ia para roça botava uma saia e uma calça por baixo, que é para a hora que subir no caminhão os outros não ficar olhando a

calcinha da gente né, então todas as mulheres ia com a calça por baixo e a saia por cima e com as roupas bem veinha mesmo, porque era o que dava só que ela época já não precisava usar muita roupa remendada, porque já tinha os bazar da pechincha, de vez em quando a mãe fazia roupa na mão ela já não tinha mais nenhuma máquina de costura, mas ela costurava bem, então ela consertava as roupas deixava bem ajeitadinha assim a gente não andava molambento não, mas tinha umas pessoas que era muito mais pobrezinho que andava com as roupas bem molambenta mesmo para ir para roça. Então eu criei a Bem-Vinda e aí eu fui nesse seminário de EJA fazer abertura, mas eu ficava pensando nossa é uma personagem né diferente de tudo que eu já tinha feito e eu botei a roupa da roça e fiquei andando pela FCT e ninguém me reconhecia. Aí, eu cheguei lá na secretaria, lá na geografia era a Lucinha que era secretária lá ainda da geografia, eu cheguei assim né com a cabeça meio baixa, com chapéu de palha. Oh moça, você sabe donde é que tá tendo o negócio da EJA? E ela tava distraída atendendo telefone, atendendo com aquela correria que ela sempre tinha, ela olhou assim: “ai meu Deus, espera um pouquinho aí que eu vou ver, eu já te dou informação.” E eu fiquei lá na porta e ela telefonando pra um, telefone para outro. Daí a pouco eu não aguentei comecei a dar risada. Aí a Lucinha virou e falou: “é você Ivonete, sua praga? Eu aqui ocupada, com um monte de coisa e você aí fazendo de conta que é outra pessoa? Onde é que você vai desse jeito?” Eu falei: eu vou pra roça! Aí, foi muito engraçado, passava um não reconhecia, aí eu falei: ah, então é uma boa personagem, mas aí eu não tinha um burrico de verdade, então o que eu fiz: eu emprestei um burrico de plástico da vizinha que era criança, aí fui com o burrico de plástico da Izabel. E foi assim que eu comecei a pensar na contação de história, né. Essa foi a primeira personagem que eu criei, eu ainda não peguei um filhote para criar porque precisa ter um pasto adequado, tem que ter um jeito de ter esse burrico, eu também fiquei pensando nessa problemática, que é você ter um animal vivo atuando no palco, não é uma coisa tranquila porque tem todo o período de preparo, de treinamento, de estresse que às vezes o bichinho sofre quando você leva para um ambiente que não é o que ele tá acostumado, então eu sempre fico pensando que às vezes é melhor mesmo você pensar num personagem, digamos assim imaginar do que propriamente ter um burrico para essas histórias, a não ser que você grave né, num ambiente mais natural para poder caracterizar essa personagem que é uma coisa que eu imagino. Depois eu fiquei pensando nas histórias afro-brasileiras, como encenar essas histórias e aí foi aí que eu criei uma outra personagem que é uma contadora de histórias que eu já fiz um cenário para ela né, fiz uma roupa e a roupa é uma roupa de abayomi. As abayomi são bonequinhas... eu vou até pegar uma para mostrar, são bonequinhas que são feitas de nós, elas não tem costuras né, então a gente vai dando nozinho, vai dando nozinho, vai dando nozinho... tá aqui ó ... tem uma até que ela ficam prontas, então essa personagem que eu tenho para contar as histórias das abayomis, ela também usa uma roupa feita de nozinho aí, eu cortei o tecido para fazer a saia, uma blusa e aí essa personagem dá para a gente pôr a roupa montando mesmo a roupa na frente das pessoas, só com os nós e eu deixei a roupa mais ou menos pronta né, com a saia já com a possibilidade de colocar pela cabeça e a fita pra amarrar depois. Então, eu consigo me vestir como uma boneca abayomi, mas já no palco e aí com o cenário pronto que foi um cenário que a gente montou, ele também é repleto de bonecas abayomi e aí a gente conta um pouco dessas bonequinhas de nós, a maneira como elas foram criadas, a representatividade que ela tem do povo negro como um todo, a exigência dela ser uma boneca feita com nozinhos e sempre com o corpo preto retinto, que é algo que você pode até fazer uma outra boneca com outro tecido mas não é uma boneca abayomi. Corre né, é corrente que abayomi signifique em Iorubá, encontro precioso, mas também é nome de gente no continente africano, tanto de menino, como de menina, então essa outra personagem é uma outra que eu criei. Quando a minha mãe

faleceu, minha mãe passou alguns anos doente né precisando de ajuda eu sempre digo que ela voltou a ser criança e aí eu fiquei imaginando eu falei nossa mas ela contou tantas histórias e essas histórias não foram registradas e as minhas irmãs e os meus irmãos, eles não prestavam... eu diria assim... que eles não gravavam as histórias com a tranquilidade com que eu gravei, o que que eu fiz, eu comecei a escrever as histórias da minha mãe, então eu escrevia as histórias que ela contava sobre o circo, que ela e o meu tio o que ficou, que era o mais novo e que ficou mais tempo com ela e com o vô Cândido, que eles enterrava a moedinha que ela ganhava numa latinha de pó de arroz e marcava para poder ter o dinheiro de ir no circo no dia que o circo ia na fazenda, porque tinha esses circos itinerantes e eles pediam para o fazendeiro se podia apresentar, e aí o fazendeiro deixava eles apresentar logo depois do pagamento que o pagamento saía de 40 e 40 dias, então deixava o circo apresentar ali né eles até combinavam um fazendeiro com outro que era um jeito de ter uma diversão para família toda que morava na roça, que tinha alguns fazendeiros que tinham essa percepção da cultura, da arte né então lá na região ela dizia que tinha isso para fazer, aí ela guardava na latinha as moedinhas que ela ganhava fazendo serviço extra para poder ter o dinheiro para comprar pipoca, às vezes cobrava o ingresso, então tinha que ter o dinheiro para pagar né, mas o ingresso era assim... era uma corda que separava e a vergonha na cara do povo, que o povo tinha muita vergonha de ficar furando a cerca, essas coisas assim, né porque todo mundo via e sabia quem. Então era só uma cordinha, era só abrir a cordinha dava as moedinhas e entrar para ver o espetáculo e ela disse que depois começou a ter cinema de manivela aí tinha aqueles filme né, provavelmente aqueles filmes de rolo, e aí fica uma pessoa girando a manivela, um motorzão para poder ter a luz né, da projeção e ela gostava muito ela sempre falava. Aí eu percebi que não era todas as famílias que tinham alguém mais velha né, no caso a proenitora que tinha esse apreço pela arte. Em casa, a gente era de fato uma família diferente né, porque a mãe ela sempre separava um dinheirinho aí essa história de guardar ela sempre continuou guardando o dinheirinho para a gente assistir cinema, para gente ir ver show que tinha na cidade, até exposição de artes ela levava a gente para ver, e aí ela separava esse dinheiro, ela gostava muito de desfile cívico, que era uma coisa que eu nunca gostei desde menina, mas ela me levava e eu achava engraçado aí por conta das coisas que a gente via assim que era engraçado mesmo né, umas pessoas. Para o Carnaval, o Carnaval na cidade pequena era uma comédia né, cada roupa, cada coisa, aí uma família lá que ela adorava, porque eram pessoas bem grandes e aí botava aqueles maiô meio cortinho, aí ela falava assim: “olha lá... entrou tudo no rego, ficou as polpa da bunda tudo de fora balançando, e ela fica contando aquilo e dando risada por conta do jeito que as pessoas apareciam no carnaval né, ela mesmo nunca foi de pular carnaval. Mas, ela gostava muito de forró e de baile, então era uma coisa também que a gente levava, e a gente ficava muito tempo contando história que sempre saía uma pataquada, ou era alguém que pegava a namorada com outro cara, ou era alguém que bebia demais e começava a dar escândalo, ou chovia e tinha uns engraçadinho que ficava cavucando as poças d’água do encerado para cair na cabeça de alguém, porque montava o encerado, o lugar das pessoas ficar, com encerado né, de caminhão, porque não tinha salão essas coisas nada lá na comunidade, então quando ia ter festa, se o tempo tava meio de chuva montava um barracão, assim com encerado e aí nunca ficava bem esticadinho, então se começava a chover fazia aquela aquelas poças de chuva em cima do encerado com aquelas bolhas e sempre alguém ficava cavucando e aí toda vez que saía briga, tinha que sair todo mundo correndo, porque era briga generalizada, era igual briga de cinema mesmo que você vê dos três patetas, era daquele jeito. E essas histórias todas eu fui escrevendo, algumas que ela contou e outras que a gente viveu juntas né, eu acabei escrevendo eu já tenho uns 47 histórias escritas né que a gente acaba chamando de

crônica né que foi baseado em fatos reais e aí essas histórias eu fico imaginando que é um outro jeito de contar que aí deixa de ser a história oral que você tá que a gente tá muito acostumada para ser uma narrativa, mas como é uma narrativa de fatos ocorridos quando a gente lê a gente acaba percebendo que faz-se esse filme na cabeça. A gente que viveu essa história urbano rural a gente tem essas referências, mas as pessoas que são da cidade elas ficam fascinadas por esse universo que é um universo muito desconhecido das pessoas mais novas né, o fato de viver uma casa aqui não tinha energia elétrica a maioria não sabe o que é isso, as brincadeiras que a gente tinha de brincar de vagalume, as pessoas não tem a menor noção do que que é um bando de vagalume porque hoje quando aparece é um ou outro só e a gente fazia carreatas de vagalume no chão, aquela escuridão ia catando os vagalume e eles ficavam fascinados pelo vagalume da frente e um vagalume ia seguindo o outro no chão, era muito engraçado, mas isso era porque tinha muito vagalume, então a gente podia fazer essas brincadeiras. Esconde-esconde no meio do mato no escuro, é claro que ia dar problemas, porque sempre alguém se machucava porque tinha caco de vidro, tinha cerca de arame farpado, tinha outros bichos né, as cobras que estavam dormindo acordavam e tinha gente pulando pelos meio do mato, então sempre tinha alguma coisa. Era disso que a gente brincava e as casas da gente não tinha banheiro dentro, era só privada de buraco e aí tinha as peripécias dos gatos que... olha... era rara a família, a semana que um gato não caía no buraco daquele da privada, quase toda semana tinha essa peripécia de tirar gato de dentro da bosta lá no buraco da privada e aí tinha uns especialista né que ficava dando nó na corda até a corda chegar lá embaixo para salvar os gatos, porque tava lá embaixo, então isso acontecia, quase toda semana. E tinha também, a reunião que era muito comum como eu não tinha geladeira era muito comum matança de animal ser coletivo, então quando alguém matava uma cabrita, vários compadres ajudava porque repartir a carne para todo mundo, porque só podia comer naquela semana e estragar aí mesmo para salgar a carne não dá para passar alguma quantidade grande né então normalmente as pessoas mais assim organizada fritava um pouco aí guardava a carne na própria banha nas latas né, as parte fresca fazia para aquele dia e para o dia seguinte, que era o máximo que durava sem a geladeira, fazia um pouco de torresmo, com torresmo também bem feitinho ele durava um mês né, estralava as pururuca do couro bem salgadinho aqui também que durava o mês e o resto das misturas era feita assim, do que que catava na horta no dia, um dia era cambuquira, no outro dia era mamão refogadinho, no outro dia fazia jiló que era muito comum, taioba, inhame, fazia que plantava no quintal mesmo. E as festas junina, que era festa mesmo de colheita né, então todo mundo é cada um plantava uma coisa até se combinava com os compadre e tinha compadre de tudo quanto é jeito, tinha compadre que tinha batizado, às vezes tinha compadre que era muito querido, então batizava o filho de um, depois batizava o filho do outro, então era compadre cruzado que eles chamavam e tinha uns compadre de fogueira que no São João no Santo Antônio no São Pedro, cada família tinha um santo para fazer a festa. Eu não lembro assim, se em casa era de São João, de São Pedro ou de Santo Antônio, porque o São Pedro era na minha avó Pedrina, ela era uma festa muito grande em Garça, uma festona mesmo, que ela era da umbanda até a mãe só chamava ela de macumbeira, a veia macumbeira, porque ela era de umbanda e ela dava uma festona para São Pedro, todo ano ela dava essa festa grande lá. Meu pai ia até lá e ela ia em casa se fazia nos outros tanto e tinha outra pessoa que faziam também, aí fazia uma fogueira grande e combinava quem que ia plantar milho, quem ia plantar mandioca, quem ia plantar batata doce, aí enterrava a batata doce e a mandioca debaixo da fogueira, quando chegava mais pro meio da festa desenterrava a batata doce e a mandioca que já tava assada né, porque tinha que esperar as lenha, o fogo diminuir para conseguir desenterrar essas coisas que fazia no buraco onde ia por a fogueira fazia os buraco para assar

as coisas lá. E aí em casa, não assava no fogão de gás, que ficou muito tempo sem ter fogão de gás, também era fogão de lenha, aí fazia mané pelado, porque era assado na parte de cima do fogão né, botava brasa por baixo, põe uma lata por cima e botava brasa por cima e assava o bolo de fubá no meio daquela caloria lá, e outras pessoas iam trazendo coisa, a mãe fazia quentão a anisete que é uma bebida feita com anis estrelado né, que tem o mesmo sabor da erva doce, mas é um anisinho estrelado e com pinga de alambique fazia as bebidas, aí era dos poucos dias que a gente podia beber alguma coisinha com pinga, porque de maneira geral a gente era criança não podia tomar as pinga dela não, é quando tomava chuva na roça e fica molhado, aí ela dava licor de coco queimado que a gente tomava e nas festas dos santos que a gente podia tomar um pouquinho, aí ela deixava a gente beber um pouquinho. Meu pai não era muito de beber não, ainda bem! Que ele já era louco sem beber álcool, imagina se ele gostasse de beber, aí tinha acabado com mundo, não era só com a família não. Mas, era isso, aí eu fui gravando essas histórias e a gente percebeu que principalmente no meio acadêmico essas histórias da roça elas são extremamente fascinante para as pessoas né. Eu lembro que um dia tava eu, a Dorinha e nós entramos na faculdade de comunicação ainda no período que havia poucas pessoas pretas né na faculdade na Unesp em Bauru e nós éramos quatro eu acho que no curso todo não era na nossa sala, mas eram quatro pretos no curso inteiro de comunicação social, jornalismo já foi um curso muito concorrido né e aí a gente tava numa aula e tinha um moço com problema de identidade ele era descendente de japonês, mas ele não queria se aceitar como como descendente de japonês, ele achava que era que aquilo não era legal, a identidade brasileira nacional era outra, ela não tinha nada a ver com o Japão, com oriente nem com nada, mas ele curtia bem o dinheiro que a família deixou né, aí eu adoro e mais um grupo de pobretão lá cascava o bico com essa história de revolucionário de família rica né, que é bacana ser revolucionário de família rica, sendo a barriga cheia pra encher, não tendo problema de pagar o ônibus da faculdade, nem o lanche, nem nada, então a gente ficava rindo desse povo e a mãe fazia pipoca quando eu comecei a fazer faculdade que era um dos lanches barato e que dava bastante, porque a gente tem um monte de amigo pobretão e ninguém tinha grana para ficar comprando lanche então todo mundo corria atrás de quem tinha um lanche mais barato e a pipoca era um dos lanche mais barato que tinha, minha mãe fazia pipoca e eu levava aquele monte de pipoca. Aí um dia, eu lembro a professora... ela dava aula de disciplina diferente, eu acho que era história da comunicação se não me falha a memória, Terezinha eu lembro dela, uma professora bem, bem democrática, assim muito, muito gente boa ela e a gente tava conversando sobre as questões do cotidiano né e esse Iagui começou a falar da vida dele, que teve um dia no apartamento dele que ele ficou preso e aquilo foi terrível, porque a porta era elétrica, então não abria, acabou energia elétrica, o fogão era elétrico, ele não tinha como fazer comida nem esquentar nada porque não tinha energia, ele não podia sair, ele não podia pedir socorro, ele não podia acender a luz, ele não podia fazer comida, ele não podia fazer nada, aí eu fiquei pensando: será que ele tinha uma fruta na geladeira para comer né? E ia ficar com fome, com tudo isso elétrico, não tinha comida? E aí ele falando aquilo assim, com aquela empáfia sabe, como se fosse a grande coisa do mundo. Eu olhei pra Dora, olhei pro Marrei, o Marrei riu e fechava o olho assim, e aí eu ri e falei: Ah, professora... lá em casa tudo diferente, não é assim não! Aí ela falou e como que era? Toda séria né, como que é então na onde você mora? Então, em casa quando começa uma briga lá na colônia lá na frente, primeiro quem dá notícia da briga é o cachorro, sabe o cachorro adora um furdunço, tem um buraco na porta debaixo pros gatos entrar e sair e aí tem dois buraco bem grande em cima que é onde a gente passa corrente para colocar o cadeado pra poder trancar a porta, aí a mãe olha no buraco de cima e o cachorro olha no buraco debaixo, que é com medo da briga de quem tá brigando lá, vir pra perto da gente e ver que a

gente tá olhando e arrumar confusão com a gente também. Aí ela parou assim e falou: “viu Iagui, a diferença?” Aí a classe inteira começou a rir. Ele falou: “gente é sério! Isso é um drama!” Aí eu e a Dora falamos: “drama é passar fome! O resto, é resto!” Isso virou uma lenda na faculdade de comunicação e eu falei é isso velho a diferença brutal e aí a gente olha, ria muito dessas histórias que era o oposto do que a gente vivia na nossa comunidade e nesse período que eu fazia a faculdade de comunicação, fazia muito pouco tempo que tinha posto energia elétrica em casa, tanto é que quando eu estudei pro vestibular eu ia estudar na escola, porque não tinha energia elétrica para ler de noite, então eu ia na escolinha mais perto ficava lá no pátio até a hora do intervalo, que aí depois quando os meninos saía da aula não dava mais que era uma barulheira desgramada, mas eu estudava lá no cantinho da sala de aula para poder, para ler os livros né que eu comprei que também não dava para fazer cursinho não eu estudava, fiz um programa de estudo para eu poder fazer as leituras e fui fazer o vestibular assim né estudando por conta. Mas, foi isso essa foi uma das histórias reais na verdade é que acabaram contribuindo para que eu conseguisse aprender a contar história e as minhas mais velhas que eram muito divertidas nesse ponto né, eram muitas histórias dramáticas que elas transformavam em piadas né, então eu lembro que quando se voltava da roça era raro o dia que o clima tava pesado, de maneira geral tinha uma um ambiente de gozação enorme de contação de história né, quem é que tinha encontrado o quê. Um dia, a dona Ana tinha uma comunidade de mulheres pretas que viajavam juntas, elas sempre procurava pegar os mesmos caminhão até para poder se defender de alguns homens que eram truculentos e de empreiteiro safado que tinha muito também empreiteiro que roubava roubava nos pés de café que carinha roubava no saco de café que as pessoas tinham feito né, então não precisava ter, a mãe contava tudo no dedo e guardava tudo na cabeça, ela tinha um sistema de memorização muito bom era difícil errar, ela às vezes quando chegar em casa depois que eu aprendi ela escreveu ela pedia para eu marcar, mas ela já tinha feito quase tudo de cabeça, e aí a dona Ana a gente chamava ela de dona Ana do bucheiro, que tinha mais duas outras Ana aí a dona Ana ela tinha se casada com um homem branco bem pretona e o cara era meio sem vergonha ela mandou ele embora ele não quis mais saber dele, mas manteve o sobre o sobrenome, o apelido né ficou dona Ana do bucheiro, para diferenciar das outras que o marido dela vendia bucho. Antigamente bucho era dado assim para quem queria, porque ninguém dá valor para aquilo, aí ele pegava os bucho tudo com o pessoal das coisas que sobrava no açougue botava na carroça e saía vendendo pela cidade, por isso que ficou bucheiro, todo mundo chama ele só de Bucheiro e a dona Ana do bucheiro, era muito trabalhadeira alta, forte, ela tá viva ela, ela tem uma voz fininha, então tudo que ela falava virava piada, porque não combinava a voz com a pessoa não. E a dona Ana parava de vez em quando para conversar e ela era muito boa, ela ajudava as outras pessoas que estavam trabalhando e tal, ela era muito rápida e aí um dia ela tava conversando com a mãe e a mãe fez de maldade que ela sabia que a dona Ana tinha medo, aí ela falou: “o Dona Maria, que que é aquilo ali naquele pé de coqueiro? Oia que bonitinho, umas florzinha bonita né!” Ela falou: “É mandruvá Dona Ana!” Ela gritou ahhhh! Botou a mão na cabeça e saiu correndo que nem louca, foi parar lá no carreador, demorou tava longe já no meio do taião de café, e essa Dona Ana correu, correu, correu e todo mundo vem ver o que que tinha acontecido que ela fez um escarcéu. Que que foi Dona Maria? Foi cobra, foi o quê? É nada, foi o coqueiro cheio de mandruvá ali que ela tem medo. Aí ela ficou lá e o empreiteiro falou: “e agora?” “Eu num volto!” Num vou trabalhar mais nesse café, eu num trabalho mais, eu num volto!” Aí tiveram que arrumar outro emprego para ela, longe do coqueiro que ela não voltou para trabalhar lá mesmo. E aí a mãe chegou lá, eu fiquei olhando eu falei minha mãe sabia que ela tava fazendo ela fez pra mangá da Dona Ana, que ela sabia que a Dona Ana tinha medo, ela falou que esqueceu que a Dona Ana tinha medo de

mandruvá, eu acho que não! Então, foi assim, a outra Ana do bucheiro – falando com a cadelinha: [né dona Lili? sabe porque ela tá aqui tá na hora do passeio no parque e aí ela vem ela vem avisar ó já chegou a hora quem é que vai me levar hoje?] - mas é isso tem alguma outra coisa que você queira perguntar?

Pesquisadora: Eu acho que é isso mesmo se você quiser colocar mais alguma coisa, se você quiser colocar mais alguma coisa para mim.

Ivonete: Então, aí agora eu tô esperando, eu tô na no aguardo, né da editora mandar o material da tese, que eu transformei eu não quis eu não quis publicar na verdade nenhuma outra história antes porque me parecia que era um marco, um marco emblemático publicar primeiro oficialmente o texto da tese. Para depois pensar nas outras histórias, que eu gosto muito, mas que me pareciam que esse marco né de sair de uma realidade urbano rural, de contar a história do meu tempo de boia fria na roça com a família para uma um material do doutorado seria um diferencial importante então eu fiz a escolha de publicar primeiro o texto da tese, transformar em livro porque você fala nossa tese você manda o link para as pessoas da família mas para a minha família, que não tinha tido até então ninguém nesse contexto acadêmico universitário, né faz pouco sentido da diferença entre fazer faculdade e depois mestrado, doutorado, pós-graduações isso são termos que não faz um sentido, mas a publicação do livro isso faz sentido né o texto materializado com a capa com os lançamentos com as conversas sobre o texto isso faz um sentido pra família né, então eu acabei fazendo essa escolha de publicar primeiro então essas outras histórias que deram base para as contratações da família e o registro dessas contações que a gente foi ouvindo na família durante todo esse tempo eu fiz uma escolha de deixar para um tempo futuro. Mas, eu acredito que estando pronto esse outro texto com essas histórias da com essas crônicas da família, acho que é interessante pensar também em como transformar, dramatizar uma outra história que eu acho que isso é muito bacana né e há um interesse, há um interesse, eu tenho percebido no interesse renovado por essas crônicas do cotidiano de uma vida que não nunca teve presente nas telenovelas e quando tá, de maneira geral o foco do drama não são essas famílias que construíram a história do país ou riqueza do país ou que são trabalhadores da base né de maneira geral o foco do drama tá em outro lugar, então a gente acredita que aí uma possibilidades grande para poder dar conta disso tudo né.

Pesquisadora: Então está bem, muito obrigada!

Cida Santos

Pesquisadora: Cida, então gostaria que você me contasse um pouco sobre você e sobre o seu percurso como contadora de histórias. Como começou a contar histórias, como e em quais locais ou lugares você conta histórias. Quais indumentárias ou cenários você utiliza? Quais histórias você conta? Tudo o que você achar que é importante e que você for lembrando, bem à vontade tá? E aí, se mais tarde eu tiver alguma dúvida eu te pergunto. Tá bom? Pode contar sua história bem à vontade

Cida: Eu comecei a contar histórias há muito tempo atrás, eu acho que eu já nasci contando história. Eu sou nordestina, sou filha de nordestino, sou Alagoana e eu me lembro assim, das cenas das memórias afetivas do meu avô em volta de uma fogueira todo mundo reunido e ele

contando história. Eu tinha por volta de 5 anos 6 anos, mais ou menos e eu ficava encantada! Eu não sabia ler, nem escrever, nem tinha noção do que era isso. E os meus pais, meus avós eles eram nômades. Eles ficavam um tempo em cada lugar, então era Pernambuco, Alagoas, São Paulo, Paraná. Chovia no Pernambuco ia pro Pernambuco, chovia no Alagoas, ia para Alagoas. Aí não chovia em lugar nenhum, voltava para São Paulo e assim a gente ficava. E estudar que é bom nada. Eu me lembro quando eu tinha 7 anos eu entrei na escola e eu era apaixonada pelos livros. Então eu ouvia uma história e eu reproduzia do meu jeito, o jeito que eu achava que era gostoso de contar. E assim, a minha vida foi se tornando uma contadora de história. Então, eu ouvia e reproduzia, ouvia e reproduzia, eu ficava fascinada com os contos que meu avô contava sabe era contos que você não achava em lugar nenhum. E aí, quando eu finalmente entrei na escola com quase 11 anos né, no ano de 1979, eu fui para a escola toda encantada, eu queria tanto, eu tinha tanta sede, tanta gana de aprender a ler, a escrever, que eu ganhava os concursos na sala de aula como melhor leitora, de tanto gostava de ler. E eu me lembro que uma professora minha no primeiro ano, ah... nunca vou esquecer daquela mulher: Marina! Ela me deu um livro, que era do Christian Andersen, era O rouxinol e O patinho feio. E ela disse que era o meu primeiro livro, por ser uma boa filha e uma boa aluna e eu peguei aquele livro e li e reli ele. E foi as minhas primeiras histórias, e os anos assim foram passado e na escola onde eu estudava que era do Estado, tinha biblioteca, só que quando você chegava na biblioteca não era por idade, mas era por série que você cursava. Então, você era obrigado a pegar aqueles livros das crianças menores, mesmo eu já até 12, 13, 14 anos que foi quando eu concluí meu quarto ano e aí, eu tinha que pegar os livros. E um dia eu encontrei um livro que o meu avô contava história: O papagaio real, aí eu pedi para o moço me deixar ler o livro, eu lembro até hoje: a capa do livro, a moça, o papagaio ensanguentado e eu comecei a chorar. Aí, ele falou assim: “nossa mas o que tem nesse livro que você chora tanto?” Aí, eu contei para ele a minhas memórias afetivas, já que meu avô não tava mais aqui né, não fazia mais parte desse mundo e eu chorei tanto porque cada detalhe da história que meu avô contava, ali eu estava lendo, eu tive oportunidade de ler. Então, é como se tudo aquilo que ele me contasse não era só um sonho era uma realidade. E quando eu conto, quando eu contava as histórias ou quando eu ouvia essas histórias, eu podia me teletransportar, eu era quem eu quisesse ser. Aliás, quando eu conto uma história eu sou quem eu quiser, o personagem que eu quiser, eu não preciso ser a Cida Santos, eu sou qualquer personagem que está naquela história, seja homem, seja mulher, seja criança, seja um animal. Então, eu me teletransporto pra aquela história e vivo ela, eu vivo com uma intensidade de sentimentos que algo inexplicável. Eu acho, que é por isso que eu consigo passar tanta veracidade para quem tá ouvindo a história. Porque eu vivo a história, eu faço parte do contexto dela. E quando eu vou a Bauru né, que meu filho faz tratamento lá, desde que nasceu, no centrinho em Bauru, já há 34 anos. Toda vez que eu chego lá é muito interessante, então eles falam: “olha, chegou a mãe contadora de histórias!” Então, eu tenho um cantinho das crianças, aí eu fico naquele cantinho entre o atendimento do Diego e outro, eu conto história. A última vez que eu fui fizeram até uma reportagem, foi bem legal, sabe... foi o jornal de Bauru fazer uma reportagem e assim e era como se fosse uma celebridade, era muito interessante, o povo ficava ali tudo encantado, porque vai gente do Brasil todo e gente de outros países, em volta daqui, tinha boliviano, argentino, chileno, tudo ouvindo as histórias e era muito legal isso assim, é muito legal, muito gratificante. Aqui em Presidente Prudente eu conto história no Matarazzo né, já faz algum tempo desde que teve o salão do livro. Eu conto história no projeto Cidadeescola, já vai fazer 13 anos, com a oficina a hora do conto. Toda semana é uma história diferente, mas é uma temática diferente, onde eu abordo conteúdos que vai trabalhar com a criança no seu sentido amplo né. Então, no meu sentido eu trabalho a dificuldade, a

dificuldade que as crianças têm, eu trabalho o tema bullying. Às vezes tem um conceito assim, de preconceito mesmo, então todos os temas polêmicos eu procuro contar dentro da contação de história e fazer a criança perceber e fazer a criança perceber que eles estão errados quando eles tratam mal um colega, mas não assim... é a minha oficina, não é uma forma de chamar a atenção, mas é uma forma de que eles percebam, através da contação de história que eles não estão agindo como deveriam agir, então a contação de história acontece, hoje eu trabalho com três unidades escolares durante o ano e todas as três tem a oficina de contação de história porque eu trabalho com outra oficina: artes, porque eu sou formada em arte. E a contação de história, todas elas dentro de um planejamento com tudo aquilo que vai ser trabalhado e eu trabalho dando curso de formação para contadores de história, professores Ongs, ou as pessoas interessadas, não só aqui em Prudente, mas na região... Regente, Bernardes eu já fui fazer contação, Alfredo Marcondes eu fui dar curso de formação. Então, eu levo eu quero levar assim a contação de história para os quatro cantos, porque é um sentimento, é um sentimento maravilhoso é algo inexplicável contar história, é algo assim inexplicável, não existe um sentimento que eu possa dizer para você o que eu sinto, porque vai além do que eu sinto, vai além do céu, vai além do mar, vai além das montanhas, vai além do infinito, sabe. Então, eu sou assim muito honrada que esse dom que Deus me deu e eu falo que através da contação de história eu posso levar alegria, uma das experiências assim marcantes para mim foi quando eu fui convidada para contar história no hospital do Câncer, lá no HR, né e a gente vai começar um trabalho lá, só precisa acertar os horários e aí o medo foi muito grande, com medo de não contar a história certa, o medo de não levar alegria, o medo de não contar a história certa, assim é inexplicável, o sentimento é eu queria levar alegria para eles eu que eu não queria levar tristeza, sabe então eu fiquei durante 15 dias escolhendo as histórias, as histórias que eu iria contar, que eu queria levar alegria. Então eu conto todo tipo de histórias, todo tipo de conto: contos à brasileiras, contos estrangeiros, contos de fadas, contos de enganar a morte, contos de assombração, causos. Eu gosto muito dos autores brasileiros sabe, Ricardo Azevedo, Luís da Câmara Cascudo. Mas, é claro que eu conto de outras pessoas, como o Edgar Allan Poe, eu sou fã desse cara, eu acho ele fabuloso né, nossa... e eu conto as histórias dele e porque as crianças gostam das histórias dele. Então, cada vez que eu vou contar uma história eu me visto da história, eu me visto da história de uma forma que eu ouvi assim: “nossa!” uma criança disse para mim: “eu não gosto de história, mas eu vou ouvir porque eu sou obrigada.” E aí, eu fiz uma proposta para ela, falei assim: então faz o seguinte, você escuta se você não gostar você sai. E aí, eu fiz uma grande burrice, deixei a chave na porta e ele me trancou dentro da sala porque ele disse que eu não ia sair enquanto eu não contasse todas as histórias que ele queria ouvir e nós ficamos preso na sala e ele com a chave dentro do bolso da calça. Mas é claro, era só eu pegar, mas assim aí, ele pegou e falou assim... ele usou um palavrão para falar, mas eu não vou repetir, mas eu me senti no cinema 3D. Então, esse para mim foi o maior elogio que eu recebi, imagina... no cinema 3D. E sabe o que eu descobri o que era o cinema 3D? Um dia que eu fui no shopping eu entrei no cinema 3D e eu vi qual que era a sensação, a emoção, então o elogio que ele me fez, foi algo assim surpreendente, que eu guardo para vida, aí eu falei assim eu acho que eu atingi o coração dele. E ele falou assim: “nossa onde você tiver eu vou!” E é verdade, toda vez que tem contação no salão do livro ou qualquer outro evento de contação no salão do livro. Hoje ele já é um homem casado, tem filhos e ele leva os filhos dele para me ver contar história. Então, essa assim é a minha maior gratificação, porque a gente sabe né... ser contador de história não é ter uma remuneração né, não é uma coisa valorizada não é uma profissão reconhecida infelizmente como nos outros países. Mas, é uma coisa eu gostaria muito de ver a profissão de contador de história como uma área regulamentada, sabe porque

levaram alegria, emoção para outras pessoas é maravilhoso! Eu falo que é diferente de você ver um filme, por exemplo, no filme você vê todas as imagens, os sons, as características das pessoas, os comportamentos, em um livro você tem que criar tudo isso e numa contação de histórias você tem que recriar tudo isso, eu falo porque eu sou uma leitora assídua, eu amo ler! Então, quando eu tô lendo o livro, nossa... eu penetro dentro daquele imaginário, mas quando eu vou contar a história eu entro duas vezes nesse imaginário. E é uma coisa que eu sou apaixonada, esses dias eu fui na Unesp, na arquitetura, tem nada a ver com pedagogia né? Eu fui na arquitetura convidada pela professora Neide e a Neide falou assim: “você vem contar uma história aqui pro pessoal?” E aí, eu fui né contar história agora antes do recesso, no começo de julho e eu fui contar história lá, na arquitetura e eu achei muito interessante, porque ai arquitetura né? O que é que arquitetura tem a ver com a narrativa né? E era interessante que tinha ido um professor fazer narrativas. E aí eu fiz a narrativa, era para contar uma história né, então eu contei cinco histórias e ninguém queria ir embora. Então, eu contei cinco histórias, era pra fazer tipo em 15 minutos, acabei ficando uma hora e pouco lá contando histórias e era tudo tão fascinante assim, que o povo não queria ir embora. Os professores que estavam lá falaram assim para mim: “você não tem noção! Eu fui na minha infância e voltei, eu tô viajando!” Então, quando você ouve isso, então você pensa assim: o meu dever dessa vez está cumprido, hoje eu cumpri o meu dever! E é assim que eu me sinto, quando eu consigo levar uma história que traz alegria para alguém, que traz algum sentimento, que ela voltar, ter aquelas memórias é como uma história que eu amo contar: A colcha de retalhos e essa história ela é totalmente afetiva, um homem ele chorou quando ele ouviu essa história e ele disse assim pra mim que ele sentia o cheiro da comida da vó dele, que ele sentia o cheiro da pele da vó dele enquanto eu contava a história. Então, isso é fascinante, sabe, é você liberar coisas dentro do outro, sentimentos que você nem imagina que a pessoa tem. E como eu tava te falando lá do Hospital do Câncer, que eu fiquei 15 dias me preparando psicologicamente e eu cheguei lá eu contei só coisas engraçadas, só causos e elas riam, os pacientes todos riam, os médicos riam. E foi muito engraçado, porque 15 dias depois eu fui levar meu cunhado no HR e aí eu encontrei um monte de médico assim no corredor, e eles falaram assim: “ah! é você que trouxe alegria pra gente! Ah, conta uma história, conta uma história!” Sabe, então isso é muito bom. E depois eu mesmo passei por essa doença né, pelo câncer e aí eu entendi como é importante num momento tão difícil você ouvir coisas boas, você não pensar em coisas ruins, mas assim, tem a sua memória sendo trabalhada, trabalhada teletransportada para o mundo imaginário, um mundo de coisas deliciosas, do mundo de coisas alegres, do mundo onde você vai lá na sua infância e volta, sabe assim. Eu acho Ana, que eu não sei fazer outra coisa na minha vida se não for contar histórias. Então eu me preparo muito eu tenho um detalhe assim, tem histórias que eu não consigo contar, tem histórias que não se encaixa comigo. Às vezes, eu vejo outras pessoas contando, mas eu ouço, mas eu não absorvo, porque ela não entra dentro de mim, ou às vezes eu escuto uma história e ela não está sendo contada com tanto fervor aí eu vou e leio a história, aí eu acho a essência da história e eu consigo contar. Aí eu percebo que a história era maravilhosa, então eu conto ela, ou eu escuto uma história que eu nunca tinha visto ou ouvido falar, aí eu absorvo essa história e eu a transformo do meu jeito e eu a reconto. Então, é assim, um jeito, não sei, é inexplicável isso, eu falo que eu ganhei na loteria milhões de vezes, que Deus me deu esse dom de contar história e eu conto em qualquer lugar, para qualquer idade, qualquer tipo de história, para mim não faz diferença as idades, só faz diferença as histórias que eu planejo ou às vezes eu nem planejo. Numa tarde mesmo, eu cheguei para contar um tipo de história nas férias do Matarazzo sexta-feira, só que aí, quando eu cheguei lá só tinha crianças bem pequenas de 3 anos né, então, assim o repertório que eu tinha planejado com a visão do ano

passado era muito diferente da desse ano. Então, as minhas histórias que eu tinha planejado eu eliminei, aí eu trouxe todo um repertório novo aqui dentro da minha cachola que fica guardado pras crianças pequenas. E eles adoram, queriam ouvir Chapeuzinho Vermelho, contei de uma outro jeito né porque a Chapeuzinho Vermelho é uma história ampla que você pode brincar com ela, você pode transformá-la de várias maneiras e eu contei Chapeuzinho de Couro que é uma história linda né, de uma menininha nordestina cearense, que é gostoso você brinca com o linguajar, porque a nossa cultura ela é muito rica e aí você brinca com isso, assim com a fala. Como o Causo do espelho, quando eu contei essa história lá na Unesp, eu brinquei perguntando se os professores já tinha pegado num bruguelo, e eles riam porque eles não sabiam o que era um bruguelo, então quando eu expliquei que bruguelo era uma criança, aí eles falaram assim: “meu Deus, eu estava pensando uma outra coisa!” Eu falei: maldade da sua cabeça. Então, assim, muito legal sabe a professora Neide sabia que bruguela era criança. Ela ria de ver a situação dos outros. É muito interessante sabe, você poder brincar quando você conta uma história, você brincar com tudo aquilo que você vai falar e os ensinamentos né, porque as histórias elas nos ensinam muito né. Então, o que eu faço no Cidadeescola é isso, é passar ensinamentos através das contações de história. E aí, você vai vendo quantas histórias e quantos assuntos você pode trabalhar com uma criança que gosta de mentir, que uma criança que perdeu alguém que ama, com a separação dos pais, com bullying, com racismo, com preconceito, então com medo, o medo daquilo que ela nem sabe o que é. E você pode trabalhar tudo isso dentro de uma contação de história. E disso vem outras coisas sabe na hora da conversa, então é muito legal, muito legal mesmo as experiências que eu já tive na contação de história dentro do Cidadeescola, vai além dos ensinamentos, é um ato de amor! Crianças que não gostavam de ler, crianças que não gostavam de escrever e que hoje é escritor. Sabe então, um aluno meu lá do Ocyr chamado Miguel, ele hoje tá no SESI e ele já publicou o segundo livro, então assim sabe para mim é a maior gratificação que existe assim, porque eu incentivo à leitura né, porque é isso que eu trabalho no Cidadeescola, a contação de história acompanhada da leitura, mostrar pra ele da importância do ler, quando você lê ninguém te engana, ninguém te passa para trás, quando você aprende você leva pra vida, ninguém tira isso de você. Então, ser contadora de história é isso, é poder levar um pouquinho do que eu sei, do que eu acredito, daquilo que eu aprendi com meu avô, porque eu aprendi ser contadora de história com aquele filho de português, eu aprendi com ele e eu levo para vida. E o engraçado é que o meu neto, de três aninhos o Bruninho ele me conta a história, sabe falar assim: “vovó posso contar uma história para você?” E ele me conta, ontem a gente deitou na cama e aí ele tava me contando uma história aí depois ele fala: “agora é sua vez vovó de contar história.” Então, eu sei que o meu legado não vai morrer, porque eu vou ter um outro contador de história, o meu netinho. Sabe, é tão engraçado, que eu aprendi com meu avô, o meu netinho tá aprendendo comigo e ele vai passar isso para frente. Eu quero assim... eu falo para Deus que eu quero que Deus me ajude que eu viva muitos anos, porque eu quero levar a contação de histórias a todos os lugares que eu puder imaginar, a todas as crianças que nem eu fui quando eu fui em Oscar Bressani, gente... eu fui fazer contação de histórias em Oscar Bressani foi fabuloso, a cidade de 2300 habitantes e praticamente a cidade inteira estava naquela praça, sabe... tinha tanta gente e os pequenininhos faziam assim: “óh!” Então eu tive que separar as histórias para cada faixa etária e foi fabuloso é igual quando eu fui aqui em Alfredo Marcondes, no começo do ano, as crianças faziam assim: “óh! Verdade? O João pé de feijão matou o gigante?” Sabe assim, era muito legal: “mas olha só! Ele subiu no pé de feijão e o gigante foi correr atrás dele e caiu e morreu, mas, a culpa foi dele!” Olha o entendimento! Então, eles passaram a perceber o João pé de feijão que não era tão inocente assim. E assim é isso, sabe Aninha, é um amor é um

amor que eu tenho é assim uma paixão é algo inexplicável! Contar história para mim é... vai além... vai além de tudo aquilo! Porque quando eu já te disse eu aprendi a contar história antes de aprender a ler e a escrever, então eu conheci as histórias e o dia que eu as descobri nos livros: meu Deus! Foi algo assim inexplicável! Então tudo aquilo que o meu avô contava, tava num livro, existia num livro, como O Pavão misterioso. Nossa! Literatura de cordel, que eu sou apaixonada. Conta a história de dois irmãos João Evangelista e João Batista e que um vai para Turquia e vê a filha do sutão a Creuza... olha os nomes: Creuza! Quer dizer, um conto lá do Maranhão... nunca você vai imaginar que a filha de um sultão lá da Turquia chamava Creuza, mas a história é assim, aí ele queria a coisa mais bela que o irmão encontrasse, o irmão encontrou a moça. Ele tirou um retrato e trouxe. Sabe, meu avô contava essa história, aí quando eu fui uma época morar em São Paulo, aí tinha uma novela chamada Pavão Misterioso e aí cantava a música: [Pavão misterioso| Pássaro formoso| Tudo é mistério| Neste seu voar] E eu lembro que eu ouvia essa novela no rádio. Sabe, era do rádio que a gente ouvia todo mundo parava às 6h da tarde, não 5 horas da tarde porque 6 horas era hora do Brasil e a gente ouvia e cantava essa música. E aí o meu avô contou essa história e um belo dia eu também encontrei uns livros e hoje eu conto para as crianças em forma de conto O pavão misterioso que é uma história fabulosa e aí tinha uma outra história que não existia em livro nenhum, porque eu não sei onde meu avô encontrou e essa história ela faz parte da minha família assim é Bismar, chama Bismar que é a história de uma moça gigante, de um mundo gigante onde ela conhece o Rodrigo e o Rodrigo vai trabalhar na casa deles em troca de um ovo, como uma refeição, só que ele seria a refeição da família de Bismar, e aí ele encontra nela o amor, só que quando eles conseguem fugir, que ele vai para um lugar bem distante né, e aí ele deixa ela por um ano para ela poder se reduzir junto com dois anjinhos que cuidavam dela e ele vai para casa dos parentes, só que ele não podia ser abraçado pelas costas, se não iria esquecer da Bismar. E aí, ele é abraçado sem perceber e ele esquece. Um ano passa e Bismar iria acabar morrendo onde ela estava. E aí vai o papagaio né, que era um dos Anjos atrás de Rodrigo e ele tá lá dormindo e o papagaio senta na janela e começa a cantar: [Anda carneirinho de ouro| Não esqueça do andar| Não faça que nem Rodrigo| Que esqueceu de Bismar] Aí ele tenta lembrar, lembrar, mas fala aí que Bismar, eu lá sei quem é Bismar e o carneirinho e o louro continua cantando [Anda carneirinho de ouro| Não esqueça do andar| Não faça que nem Rodrigo| Que esqueceu de Bismar] Aí, na terceira vez, que era a última se ele não acordasse, se ele não lembrasse dela era morreria. E aí ele lembra, monta no seu cavalo e sai desesperado e encontra sua linda Bismar do tamanho natural dele e aí os dois se casam. Então é uma história que você não vai encontrar em lugar nenhum. Como diria a nossa querida Renata Junqueira, provavelmente é uma história da Dinamarca, mas nem ela conseguiu encontrar. E essa é uma história que eu contava para minha filha Daniele, a mãe do meu netinho e ela dizia assim: “mãe, não conta pra ninguém essa história! Essa história é só minha!” Mas aí, nasceu a Sofia, aí eu contei para Sofia, a Sophia disse: “Mãe, não conta essa história para ninguém, porque essa história é só minha!” Eu falei então, meu avô que me contou e a história era só minha. Aí, eu fui num evento lá no Matarazzo, no dia da Viola e eu contei essa história, estava Daniele e a Sofia: “mãe, mas como você contou a nossa história?” Quer dizer a história era só delas, não era de mais ninguém. Aí, esses dias eu encontrei uma criança que falou assim para mim: [Anda carneirinho de ouro| Não esqueça do andar| Não faça que nem Rodrigo| Que esqueceu de Bismar] Eu olhei, eu falei você lembra dessa história? “Eu posso não lembrar da história professora, mas a música eu nunca esqueci.” Aí a mãe dele falou assim para mim: “Você sabia que a história é dela eu tenho que contar a história para ela?” Eu falei gente... então assim... sabe são coisas que fica Ana, vai passar por muito tempo e aí eu encontro os meus alunos do Cidadeescola que hoje eles são casados, tem

filhos e que conta história para os filhos e aí quando não lembra das histórias vai na Biblioteca Municipal, pega um livro e fala assim ó esse livro aqui minha professora contava para mim e eu vejo que assim muito se formaram alguns viraram professores, mas outros são advogados né, psicólogos e isso é muito bom, porque advogado exige muita leitura, psicóloga exige muita leitura, professores exige muita leitura e aí quando eu vejo que ele fala assim: “olha professora graças ao incentivo da leitura que a senhora deu para gente, hoje eu leio qualquer coisa!” Então é isso Aninha, para mim contar a história é uma coisa sem explicação, é algo mágico, é como os contos de fadas: mágico, isso não faz parte da contação de história, mas assim na vida lascada que eu tinha quando eu era jovem, eu me prendia nos livros: Bianca, Júlia, Sabrina, momentos inesquecíveis, eu tinha pilhas e pilhas, então eu lia aqueles livros, eu sonhava com aquele príncipe encantado montado num cavalo branco, só que eles nunca vinham né? Mas, um dia veio o meu príncipe encantado, mas ele estava sem cavalo, estava numa kombi azul e a gente se casou e vivemos por trinta e cinco anos, mas não era um cavalo, era uma kombi azul, mas ele era o meu príncipe encantado que ele veio lá de Rondônia, voltou para casa dele e aí a gente se encontrou, tudo aquelas coisas maravilhosas a gente acabou se casando com um ano de namoro e vivemos trinta e cinco anos, trinta e seis anos juntos, mas aí, no ano passado, ano retrasado Deus o levou, achou que ele já tinha cumprido a missão dele e ele foi embora. E você sabe, ele adorava ouvir eu contar história, ele não perdia um evento ele falava assim que ele tinha tanto orgulho de mim. Quando ele morreu, eu me senti muita apagada, eu me senti perdida, eu fui perdendo o ânimo de tudo. Mas, aí eu descobri dentro da contação de história que eu era capaz de superar isso. E aí eu venci de novo, e eu busquei dentro dos contos a vontade de continuar, porque era uma coisa que ele gostava muito e eu descobri tantas outras pessoas que precisavam ouvir boas histórias e continuar sorrindo, não só história de livros, mas história de vida, porque o contador de história conta tudo, a nossa vida é uma história, desculpa [choro]... Mas, é isso minha amiga, eu falo de mais né? Contador de história.

Pesquisadora: Cida, que história interessante... assim, você quer colocar mais alguma coisa?

Cida: Não, já coloquei tudo.

Pesquisadora: Então eu agradeço!